



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS – PPGAC
MESTRADO EM ARTES CÊNICAS

DANILO EUSTÁQUIO DE OLIVEIRA CORRÊA

O CORPO NA DANÇA:

Religiosidade e rito congadeirona comunidade de Guaicuí/MG

DANILO EUSTÁQUIO DE OLIVEIRA CORRÊA

O CORPO NA DANÇA:

religiosidade e rito congadeirona comunidade de Guaicuí/MG

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas (PPGAC), do Instituto de Artes, da Universidade Federal de Uberlândia, da linha de pesquisa de Estudos em Artes Cênicas, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Artes Cênicas.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Humberto Martins Arantes.

Uberlândia/MG
Fevereiro/2021

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

C824c
2021

Corrêa, Danilo Eustáquio de Oliveira, 1987-

O corpo na dança [recurso eletrônico] : religiosidade e rito congadeiro na comunidade de Guaicuí/MG / Danilo Eustáquio de Oliveira Corrêa. - 2021.

Orientador: Luiz Humberto Martins Arantes.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2024.5052> Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Artes Cênicas. I. Arantes, Luiz Humberto Martins (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas. III. Título.

CDU: 792

André Carlos Francisco
Bibliotecário Documentalista - CRB-6/3408



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Artes Cênicas				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico				
Data:	25 de fevereiro de 2021	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	16:03
Matrícula do Discente:	11912ARC005				
Nome do Discente:	Danilo Eustáquio de Oliveira Corrêa				
Título do Trabalho:	O CORPO NA DANÇA: religiosidade e rito congadeiro na comunidade de Guaicuí/MG.				
Área de concentração:	Artes Cênicas				
Linha de pesquisa:	Estudos em Artes Cênicas: conhecimentos e interfaces da cena				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Memórias e Histórias Cerradianas: diversas abordagens e dimensões múltiplas das artes cênicas em/de Minas Gerais.				

Reuniu-se virtualmente a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, assim composta: Professores Doutores: Prof. Dr. Jeremias Brasileiro, Profa. Dra. Daniele Pimenta; Dr. Luiz Humberto Martins Arantes, orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a).Luiz Humberto Martins Arantes, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

APROVADO.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Luiz Humberto Martins Arantes, Presidente**, em 25/02/2021, às 16:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Daniele Pimenta, Professor(a) do Magistério Superior**, em 25/02/2021, às 16:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jeremias Brasileiro da Silva, Usuário Externo**, em 25/02/2021, às 16:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2580898** e o código CRC **A5F912C5**.

Referência: Processo nº 23117.010786/2021-02

SEI nº 2580898

RESUMO

CORRÊA, Danilo Eustáquio de Oliveira. **O corpo na dança**: religiosidade e rito congadeiro na comunidade de Guaicuí/MG. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.

Esta dissertação tem por objetivo apresentar algumas possibilidades do corpo na dança: religiosidade e rito congadeiro na comunidade de Guaicuí, ao fazer artístico. Considerando os movimentos das representações da identidade cultural congadeira da região Norte Mineira, que se desenha na prática cultural da festa do Divino Espírito Santo, com a tradicional Folia, busca-se representar as manifestações culturais religiosas, mantendo viva a memória coletiva em um ritual congadeiro, que auxilia na sobrevivência dos ritos e saberes em virtude da celebração da festa e do culto religioso em homenagem ao Divino. Esses objetivos tentam responder a seguinte problematização: como unir a memória coletiva espelhada nos mais velhos com a sobrevivência dos ritos e saberes dos participantes que iniciam o ritual congadeiro. Este trabalho, de cunho investigativo e documental, se fundamenta em estudos teóricos e nas representações performativas, junto à festa e aos catopês do distrito de Guaicuí, Minas Gerais, que abre espaço para experimentação e pesquisa das diversas manifestações ligadas às questões religiosas e à cultura negra nas Américas.

Palavras-chave: ritual congadeiro, identidade cultural, memória coletiva, Guaicuí.

ABSTRACT

CORRÊA, Danilo Eustáquio de Oliveira. **The body in dance: religiosity and congadeiro rite in the community of Guaicuí/MG.** Dissertation (Master's in Performing Arts) – Federal University of Uberlândia, Uberlândia, 2021.

This dissertation aims to present some possibilities of the body in the dance: religiosity and congadeiro rite in the Guaicuí community, when doing artistic. Considering that the movements of the representations of the congadeira cultural identity of the Norte Mineira region, which is outlined in the cultural practice of the Divino Espírito Santo festival, with a traditional Folia, it seeks to represent the religious cultural manifestations, keeping alive the collective memory in a congadeiro ritual, which assists in the survival of rites and knowledge due to the celebration of the festival and religious mass in honor of the Divine. These objectives try to answer the following questioning: how to unite the collective memory mirrored in the elderly with the survival of the rites and knowledge of the participants who initiate the congadeiro ritual. This work, of an investigative and documentary nature, is based on theoretical studies and performing representations, along to the festival and catopês in the district of Guaicuí, Minas Gerais, which open space for experimenting and researching of the various manifestations related to religious issues and to black culture in the Americas.

Keywords: ritual congadeiro, cultural identity, collective memory, Guaicuí.

*ESTE TRABALHO É DEDICADO IN MEMORIAN DE MEU IRMÃO DENILTON DE
OLIVEIRA CORRÊA E A TODOS OS FOLIÕES VIVOS E MORTOS DA
COMUNIDADE DE GUAICÚ/MG.*

AGRADECIMENTOS

Sei que nada na vida é fácil, esse é um dos motivos que me impulsiona a continuar vivendo, lutando e tentando, pois tenho em mim esta concepção (ditado) de que: “Deus ajuda quem cedo madruga”.

Existe mil motivos para agradecer e se for enumerar faltará páginas para tamanho reconhecimento, mas, começo agradecendo a Deus pela luz do Divino Espírito Santo que me destes, pois proporcionou muito para a escrita dessa dissertação.

Agradeço aos meus pais: Eustáquio e Dalva por me conceberem a vida, e me incentivaram sempre aos estudos principalmente minha maravilhosa mãe que amo muito, que é meu espelho de todo o sucesso. Muito obrigado por acreditar em mim mesmo quando fui falho. Vocês foram minha inspiração. Amo muito cada um de vocês.

Nossa, não poderia deixar de lembrar de quem já não se faz presença nesse mundo, mas faz morada, aqui, dentro do meu coração que são meus avós. Digo-lhes, muito obrigado vocês também continuam sendo meus exemplos, meu porto seguro. Obrigado por toda educação e valores que vocês deram aos meus pais, e eles conseguiram dar sequência para chegar até a nós filhos, netos, bisnetos e tataranetos. Obrigado.

As minhas tias: Dilza e Diva queridas e chatas, mas, que eu amo muito, porque sei de todo esforço e dedicação que sempre tiveram comigo, e com todos nós sobrinhos. Acredito tias que muito do que estou me tornando devo a vocês. Obrigado.

Aos meus primos e amigos muito obrigado. Em especial agradeço imensamente a minha prima/irmã Rosilene Mota, e minha amiga maravilhosa Ramony Magalhães Batista, a vocês meu muito obrigado.

Ao meu maravilhoso orientador Luiz Humberto Martins Arantes, Obrigado por todos os puxões de orelha, pois sei que foram com eles que acordei para a vida. Em especial, obrigado pela belíssima orientação e pela oportunidade de realizar esta pesquisa. Sou extremamente agradecido por tudo, pela confiança, por ter colocado seu nome junto ao meu trabalho, por mil vezes irei te dizer obrigado.

Gente não poderia esquecer da minha turma maravilhosa da pós-graduação, galera você foram demais durante as aulas, me inspiraram com suas ideias geniais, com seu embasamento e cada qual com seus escritores. Nossa! Vocês foram incríveis.

Aos meus queridos professores da universidade que não poderia nunca deixar de agradecer, vocês ultrapassaram os muros da universidade me guiando e orientando que a vida acadêmica começa na universidade e que onde nós queremos é que ela termina. Obrigado meus mestres/doutores por todos os ensinamentos, pelos risos e até mesmo pelos sermões, eles foram necessário. As aulas teóricas foram muito boas, mas as práticas, ah..., as práticas essas, sim, deixarão saudades eternas dos bons momentos que vivemos e compartilhamos. A vocês meus queridos, obrigado.

Meu agradecimento especial agora vai para meu distrito, minha terrinha, meu território, minha comunidade, minha Guaicuí. Você Barra de tantos nomes e apelidos carinhosos foi minha inspiração diária, meus orgasmo de emoções e alegrias. Agradeço muito pelo que cada pedacinho dessa terra fez por mim.

Agradeço minha igreja Senhor Bom Jesus de Matozinhos, que foi e sempre será meu berço cultural e religioso. Obrigado.

Obrigado a todos os meus amigos e colegas foliões, vocês fizeram a diferença em minha vida. Obrigado as pessoas que cederam um minutinho de seu tempo para me ajudar com entrevistas, fotos e variadas maneiras de contribuir. Obrigado.

Direta e indiretamente muito obrigado a todas as pessoas que contribuíram de alguma forma para a concretização desta pesquisa. A todos vocês meu muito obrigado!

[...]

Em caso de poemas difíceis use a dança.

A dança é uma forma de amolecer os poemas

{endurecidos do corpo.

Uma forma de soltá-los das dobras,

{dos dedos dos pés, das unhas.

São os poemas-corte, os poemas-peito,

{os poemas-olhos,

Os poemas-sexo, os poemas-cílio...

Atualmente, ando gostando dos pensamentos-

{chão.

Pensamento-chão é grama e nasce do pé,

É poema de pé no chão,

É poema de gente normal, de gente simples,

Gente de Espírito Santo.

Eu venho de Espírito Santo.

Eu sou do Espírito Santo, eu trago a Vitória do

{Espírito Santo.

Santo é um espírito capaz de operar o milagre

{sobre si mesmo, (VivianeMosé, 2010).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Localização do distrito Guaicuí-MG	21
Figura2-Mapa de localização da região Norte Mineira	22
Figura3 -Ruínas de pedras do século XVII do distrito de Guaicuí-MG	24
Figura4 -Coroação do Festeiro do Divino Espírito Santo, 1960	28
Figura5-Primeiro encontro de FOLIAS no município de Várzea da Palma-MG.....	31
Figura6 -Andor com a imagens do Espírito Santo e seus Dons	36
Figura7 -Entrada dos foliões do Divino na Santa missa na igreja Senhor Bom Jesus de Matozinhos	37
Figura8 -Saída da casa do mordomo Fabrício Júnior Nascimento.....	27
Figura9-Procissão pelas ruas do distrito com o ando e a imagem dos Dons do Espírito Santo.....	41
Figura10 -Levantamento da bandeira do Divino Espírito Santo	42
Figura11-Desfile de 7 de setembro com a participação da folia do Divino	43
Figura12-A bandeira do Divino sendo carregada pelo mordomo Jason Queiroz	44
Figura13-A folia saudando a bandeira durante seu hasteamento	46
Figura14-Chapéu de fitas usado pelos foliões durante o cortejo e a dança.....	48
Figura15-Grupo de folia	50
Figura16-Grupo de tocadores da folia do Divino Espírito Santo.....	51
Figura17-Coral adulto Senhor Bom Jesus de Matozinhos	54
Figura18-Reunião com os organizadores e foliões do Divino e demais representantes de eventos religiosos da comunidade	57
Figura19-Leilão, bingo e barraquinha de comidas típicas fazem presença durante os festejos da Festa do Divino Espírito Santo na comunidade de Guaicuí-MG	61
Figura20-Procissão pelas ruas do distrito com a presença do celebrante, da folia, moradores, visitantes etc.....	66
Figura21-Andor com a imagem do Divino, abençoado pelo padre Fabrício Lopes..	67
Figura22-Grupo de folia, coral, tocadores e o padre celebrante	68
Figura23-Salve o Divino Espirito Santo, Saudação a bandeira	74
Figura24-A bandeira sendo benzida na casa do mordomo Flávio R. Soares	81
Figura25-Certificado de participação no primeiro encontro de folias de Várzea da Palma	

Figura26-Percurso da festa do Divino de Portugal até o Norte de Minas Gerais-MG.....	
. 88	
Figura27-Mordomo Francismar Maciel, conduzindo a bandeira do Divino durante a procissão festiva.....	90
Figura28-Missa festiva com a presença de toda comunidade e visitantes.....	94

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
-------------------------	-----------

CAPÍTULO I DANÇA, FÉ e DEVOÇÃO: Uma expressão religiosa/cultural viva de um povo

1.1Corpo, dança e religiosidade: a performance do grupo de Folia do Divino dentro dos aspectos sociais e culturais no distrito de Guaicuí-MG	34
1.2O movimento do corpo	36
1.3Procissão de abertura da festa.....	39
1.4O hasteamento da bandeira	41
1.5Bandeira	42
1.6O mastro.....	44
1.7Chapéu com fitas	46
1.8Dos paramentos dos foliões	48
1.9Dos instrumentos	49
1.10Das músicas.....	51
1.11Dos ensaios.....	54
1.12Do sorteio para os festeiros do ano seguinte	57
1.13Das barraquinhas de comidas típicas	58
1.14Dos leilões.....	59
1.15Alvorada festiva.....	60
1.16Oração do Espírito Santo	61

CAPÍTULO II FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO: dança, fé e devoção, uma expressão religiosa/cultural viva de um povo

2.1Aspectos do ritual congadeiro, na prática cultural folia do Divino.....	63
2.2A Religiosidade na Festa e na dança da Folia Do Divino.....	67
2.3As performances do corpo como mecanismo de comunicação	70

CAPÍTULO IIIELEMENTOS, SÍMBOLOS E SIGNIFICADOS NA IDENTIDADE CONGADEIRA QUE ATRAVESSAM GERAÇÕES

3.1Origem e Surgimento da Festa	84
3.2Manifestação Congadeira: oralidade e performatividade religiosa.....	86

CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS	99
ANEXOS	102

INTRODUÇÃO

Pregão de Guaicuí

Quem dá mais? ... Por Guaicuí
 Quem dá mais? ...
 Aqui tem história ...
 Quem dá o lance primeiro?
 Dou-lhe uma ...
 Dou-lhe duas ...
 Dou-lhe três ...
 Levem a Igreja de Pedras
 Desta vez ...
 E o que mais
 Entra no confisco?
 Será que entra o encontro do Rio das Velhas
 Com o São Francisco?
 Tudo se vende ...
 Tudo se embrulha ...
 E tudo vai pras cucuias.
 Como por exemplo,
 Por o bocadinho
 Levaram as imagens
 Sacras do Alejadinho.
 Oh Guaicuí ...
 Oh Guaicuí ...
 Quem te viu ...
 Não te vê jamais
 E agora minha gente?
 Que coisa medonha
 Perdemos tudo
 O orgulho ...
 Os valores ...
 Só nos resta a história...

(Autoria desconhecida).

A presente pesquisa parte de um ponto crucial e pessoal. De tal modo, esse é o que motiva à escrita desta dissertação. Assim, ao ingressar, no meio cultural, desde criança, por meio da Igreja Católica tem-se o contato inicial com a cultura local para, posteriormente, estar inserido ao teatro. Ao descender de família pobre, mas humilde, os quatro filhos do casal são criados dentro da doutrina Católica Apostólica Romana pelos pais e, na atualidade, todos seguem esse princípio religioso.

Assim, valores, significados, diversidade cultural. É este o universo congadeiro ao qual está a falar de um mundo que é traduzido a partir de suas

manifestações artísticas e de seus valores culturais, um universo resumido em identidade, caracterizada pelo congado que se constrói no Norte de Minas Gerais (MG), em um distrito denominado Guaicuí.

De tal modo, esse ritual congadeiro acontece, especificamente, em um lugar carinhosamente conhecido por “Barra” a nossa Barra do Guaicuí, lugar em que canta, dança e ao mesmo tempo que fazemos tudo isso contribuimos para o fortalecimento da cultura local. Espaço esse que é constituído de doutrinas sagradas, devoções, crenças, fé, miscigenação, política, alegrias e tristezas. Enfim, um lugar que é meu, pode ser seu, mas, enquanto não é, busque, pesquise e procure saber que aqui, sim, há muitas histórias para contar e viver.

Minha relação com o tema desta pesquisa surgiu por uma questão familiar e afetiva, que me aproximou muito da comunidade: o falecimento de meu irmão foi o que me levou diretamente a escrita desta dissertação, na verdade foi o que me impulsionou a ingressar neste setor cultural.

Assim, minha história começa, aqui, em Guaicuí, entre as diversas regiões de Minas Gerais, e foi nesta que meus pais me conceberam a vida, me deram e continuam a me dar o amor, e direciona-me à sabedoria, a fé e em meio este universo do teatro, da dança, da religiosidade eu cresci. E, a partir daí, fui me inserindo na diversidade: política, religiosa e cultural ao procurar fazer parte desse mundo artístico que acabei me lançando no ritual congadeiro.

Neste contexto de pesquisa, busco mergulhar em um universo histórico compreendendo as particularidades do rito e das características socioculturais na manifestação do congado de Guaicuí. Ao narrar minha história ou minha participação nos capítulos desta pesquisas de campo, procuro elencar a imponente importância do congado guaicuiense, no cenário cultural brasileiro, levando a todos o conhecimento histórico intitulado *Folia do Divino Espírito Santo*, em face de sua permanência no processo de transmissão cultural, performática e dialética, que venho por meio deste compreender os aspectos significativo do congado, em Guaicuí, suas características históricas que narraram e narram à importância da existência da festa do Divino, na propagação da tradição oral.

Durante este período de pesquisa vários foram os fatores que tentaram minimizar a realização deste trabalho e um deles infelizmente foi a pandemia causada pelo “novo corona vírus”, vulgo: Covid-19. Devido essa mudança que o mundo está passando, mesmo diante desta dificuldade pude realizar minhas

entrevistas com os colaboradores que em momento algum deixaram de contribuir para realização da pesquisa, pesquisa esta que foi o ponto de partida que meu trabalho precisava para ganhar reconhecimento histórico e cultural.

Não obstante, ao retornar a ordem de nascimento dá-se pela primogênita, que se chama: Denise de Oliveira Corrêa, em seguida, Denilton de Oliveira Corrêa, depois Danilo Eustáquio de Oliveira Corrêa, e, por último Dalila das Graças de Oliveira Corrêa.

Contudo, compreende-se que Denilton foi sempre o centro das atenções da família, porque era brincalhão, fazia teatro, participava de todos os eventos culturais em que se realizava no distrito Guaicuí, era uma pessoa dotada de virtudes. Desse modo, em relação ao pretérito há uma explicação que depois explicar-se-á.

Não obstante, Chiquinho, é, assim, que carinhosamente o chamávamos, porque o avó Joaquim Lopes de Oliveira, dá-lhe esse apelido quando meninote, pois acredita que esse garoto teria o nome de Francisco, mas, infelizmente, a sua mãe já havia escolhido e prometido outro nome. Por essa razão, sabe-se que é normal para um lugar pequeno, território, em que os parentes, como: tios, avós, primos, por exemplos, sempre querem escolher os nomes das crianças após o nascer.

E, assim, ao crescer o menino Denilton, sempre apresenta-se esperto e atencioso em tudo que é para fazer, está sempre pronto a realizar-se os trabalhos e auxiliar as pessoas que precisam de seus trabalhos, seja para prestação de serviço, seja para doar a sua força de trabalho aos que precisam.

Neste sentido, sabe-se que é um excelente filho, segundo seus pais, parentes e amigos. De tal modo, se destaca em tudo que faz. Na igreja, é exemplo de perseverança e na escola, de talentos incríveis. Em busca de realizar todos os seus sonhos - um deles sempre é o teatro - resolve fazer parte de um grupo teatral: "Os Metralhas", em Pirapora, no Estado de Minas Gerais (MG). Assim, os estudos são realizados uma vez por semana.

Na verdade, essas reuniões há estudos, preparação, encenação, diálogos informais, trocas de experiências o que para ele é prazeroso. Deste modo, há nele um potencial artístico, conseqüentemente, é um apaixonado por tudo aquilo que faz e tudo que realiza, é por amor ao teatro. No quesito esportes, uma de suas paixões centra-se no voleibol em que jogava todos os dias, porque servia para exercitar e

aliviar mente. Por essa razão, era um *bel*-prazer para ele e seus amigos daquela época.

O tempo passa e aquele menino cresce, torna-se adolescente e completa 17 anos. Mas, infelizmente, nessa idade a sua vida é ceifada. Por essa razão, acredita-se que Chiquinho parte para outra dimensão: a celestial. Esse fato ocasiona-se desespero de uma família que, independentemente, da situação está unida e se mantém na fé cristã do catolicismo.

Ao ter ciência da trágica notícia do seu falecimento, em seguida, os seus pais ficam recolhidos em si, em uma tristeza profunda nos dias que seguem, porque é difícil passar por isso, após todo o ritual fúnebre, vem a nostalgia em alguns momentos às lágrimas são intensas que escorrem dos olhos e caem sobre o computador ao recordar dessas memórias afetivas. Então, esse irmão falece em um acidente horroroso por meio de afogamento no Rio São Francisco, conhecido, como: Velho Chico. É-se trágico, difícil, parece até um pesadelo que dia após dia pede para acordar, mas, infelizmente, a cada manhã percebe aos poucos que mais uma vez somos surpreendidos pelo destino cruel e traiçoeiro. São momentos difíceis e cruéis, a dor não parece ter fim, mas para aconchego vem dos familiares, dos amigos, dos irmãos da igreja, dos colegas, dos professores da escola e a cada dia notamos que à família não está sozinha no mundo, porque há encrustado nela pessoas amigas que, verdadeiramente, ajudavam em reerguer a estrutura familiar com a ausência de um membro, assim, segue-se avante, porque a vida continua com fé e esperança em Deus ressuscitado.

Sendo assim, com o passar do tempo essa ausência foi preenchida com a compreensão que a falta desse membro da família vai sendo substituída pelas alegrias dos familiares e amigos, e, a dor não deixa de existir, mas é amenizada por esse entendimento, porque ele está vivo em seus contemporâneos que viveram com ele, que partilharam da vida com ele, de modo especial, nas recordações de suas boas ações.

Chiquinho, como era conhecido, falece, no dia 30 de abril de 2001 e é velado, em Guaicuí e enterrado no cemitério local. Naquela época o distrito fica enlutado e entristecido, pois ele é muito querido por todos dessa comunidade, inclusive pelos animais de estimação, como: cachorros e gatos, por exemplos. E, é a partir desse momento que a minha história cultural começa a si fortalecer nesse distrito Guaicuí.

Após a morte de Denilton, já dito anteriormente, percebe-se que o distrito fica sem uma representatividade artística: material e imaterial, em especial, no teatro, nas danças e nos eventos culturais de modo geral, porque protagonizam todas as peças em encenação. Na igreja, lidera a arte sacra; na escola, com os eventos culturais em massa, em que o grêmio estudantil inicia-se no mesmo período em que ele é aluno, naquele momento pode fazer à diferença entre os seus pares e comunidade escolar, mas, com a sua morte consumada parece que à comunidade está em um jogo de tabuleiro em que se perde o rei, essa a peça fundamental para continuar a jogar.

Nesse ínterim sem saber como proceder, após momentos de introspecção, reflexão e sofrimento vem a vontade de enfrentar esse enlutamento que a cada vez que entrava em casa, tinha que vestir o luto da família, pois parece não ter fim, mas, foi mediante a dor que naquele momento fui convidado a participar de algumas peças teatrais, na escola, na comunidade, na igreja etc. E assim fui convidado por algumas pessoas residentes do distrito para ocupar um dos cargos que o seu irmão antes ocupava.

Desse modo, esta é em uma situação difícil para discernir entre o sim e o não, pois se é difícil para o pesquisador, pior é para a matriarca da casa, concomitantemente, para toda a família, porque após o sim surgem os trabalhos teatrais de encenação e tudo que diz respeito a dança, e ao teatro lembram meu irmão Denilton, o que infelizmente foi triste, visto que nos meus primeiros espetáculos minha mãe, infelizmente, não teve forças emotivas para fazer presença frente ao palco, para me incentivar e fortalecer o filho artista.

Não obstante, essa situação é delicada para toda a família, porque, há um sofrimento velado por cada encenação e representação que se realiza no palco. Esse momento é sofrido, porque minha família em si, recorda ele, o meu irmão o Chiquinho. Desse modo, a cada reunião, a cada encontro com os integrantes do grupo eu passava a entender que o teatro foi a alavanca para minha vida fluir. Nesse momento nasce a sensação de acolhida, espaço em que o novo ator, Danilo, surge para abrilhantar a sua família e a comunidade que assiste. Assim, o palco torna-se o seu espaço, a sua segunda casa e o grupo de teatro fica denominado de “Grupo Teatral Guaicurús”. Na verdade, os integrantes do grupo que me ajudaram a perceber que o teatro é a parte dele que falta.

Na atualidade, sabe-se que os anos passam e esse jovem moço, neste caso o pesquisador, passa a encenar e representar nos palcos, o que conseqüentemente, lhe obriga a tornar uma pessoa popular, porque no interior, em geral, as pessoas se conhecem, e por esse motivo ele torna uma pessoa popular. Ser popular era o que mais temia, pois ser reconhecido por todos que habitam Guaicuí, para mim não fazia parte de minhas vontades. Devido ao trabalho ser realizado com afinco, fiz a primeira inscrição minha e do meu grupo para participarmos de festivais em outras cidades com a participação do grupo.

Desse modo, levava à arte por algumas cidades, mas ainda assim, percebia que existia um vazio em meu interior, por essa razão, resolvi me inscrever e prestar o vestibular, na Universidade Estadual de Montes Claros, em 2006. Ao sair o resultado desse processo seletivo, constata-se que fui aprovado para o curso de Artes dessa universidade, mas, infelizmente, não é possível matricular, fiquei triste, porque estava a concluir o Ensino Médio e pela conjuntura do ocorrido a família ainda estava lidando com a perda dolorosa de meu irmão e até este tempo deprimida com a morte do filho a minha mãe, mulher heroica, exemplo de vida, não aceitou a ideia de seu filho migrar para outra cidade para estudar, porque naquela época o pesquisador, Danilo, ainda era menor de idade, nem sempre a vida reserva somente paz, mas alguns conflitos sociais, econômicos e religiosos, por exemplos.

O sonho era é cursar teatro e em um dia quando menos se espera, surge a oportunidade de realizar uma apresentação dentro da maior faculdade do Norte de Minas Gerais e esse torna-se um desejo de divulgar a sua cultura imaterial, nesse espaço que se faz de conhecimento. Desse modo, lembrou que isso ocorreu no ano de 2008, quando segue os protocolos de processo seletivo, ele é aprovado no vestibular. Sendo assim, mal acredita que esse sonho torna-se realidade e é naquele momento que percebe o reconhecimento por parte de seus professores, porque a expressão fácil fica nítida em suas felicidades, assim, após concluir o curso, continua os seus trabalhos em sua comunidade e conquista o respeito profissional local nesse distrito que se chama Guaicuí.

Ingressar na faculdade é diferente dos dias atuais, porque se abstém das rodas de conversas, dos amigos de infância, da merenda coletiva e das advertências, por exemplos. Desse modo, está preso, por vontade, naquilo que lhe faz bem. Enfim, é almejar a realização de tudo aquilo que se tem planejado e almeja

a algum tempo. É a partir dessa caça inconstante que os sonhos começam a realizar-se.

Desse modo, pauta-se que o primeiro contato com a instituição acadêmica permite iniciar a minha construção profissional, porque possibilita meios de partilhar com seus colegas de curso o patrimônio cultural de Guaicuí. Nesse sentido, sempre inspira na necessidade de possibilitá-los a partilha das práticas que são construídas, coletivamente e associadas ao contexto histórico sociocultural do distrito em que reside.

Aquele é o primeiro espaço público fora de sua comunidade que o aluno de pós-graduação encontra para apresentar a sua cultura que outrora é esquecida, porque morre com cada morador que falece de Guaicuí. Nessa busca de resgatar os valores culturais locais e seus laços culturais, lança-se com participação efetiva nos trabalhos, por conseguinte, busca manter, conservar e resgatar o patrimônio cultural material e imaterial desse distrito, denominado de Guaicuí, por meio das festas populares e religiosas, manifestações culturais e os ritos de modo geral.

Neste estudo, ou melhor dizendo, nesta pesquisa de dissertação de mestrado sobre “o corpo na dança: religiosidade e rito congadeiro na comunidade de Guaicuí-MG”, o primeiro contato dar em conhecer as questões geográficas sobre este distrito que pertencente a Várzea da Palma, é-se consagrado como recorte espacial desta pesquisa. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Guaicuí situa-se na região do Alto São Francisco, no Estado de Minas Gerais (MG), porque se encontra inserido na mesorregião do Norte do Estado e na Microrregião de Pirapora.

Assim, a localidade é conhecida pela barra do rio das Velhas, que deságua no rio São Francisco. Localiza-se no quilômetro (km) 14 da Rodovia Brasil (BR) 365 que liga Uberlândia - MG a Jataí – Goiás (Go). Por essa razão, a sua população é miscigenada das três raças, em sua maioria negros. O nome Guaicuí significa, em língua tupi, Rio das Velhas. Lugar rico pela sua cultura e por essa razão, procura manter viva a sua própria história.

Pensando a respeito das questões geográficas sobre espaço e lugar é que, pode-se verificar no mapa político conferido a de localização do município. Diante do exposto, pode-se verificar no gráfico do Estado de Minas Gerais, na Figura 1, a posição geográfica do município de Várzea da Palma.

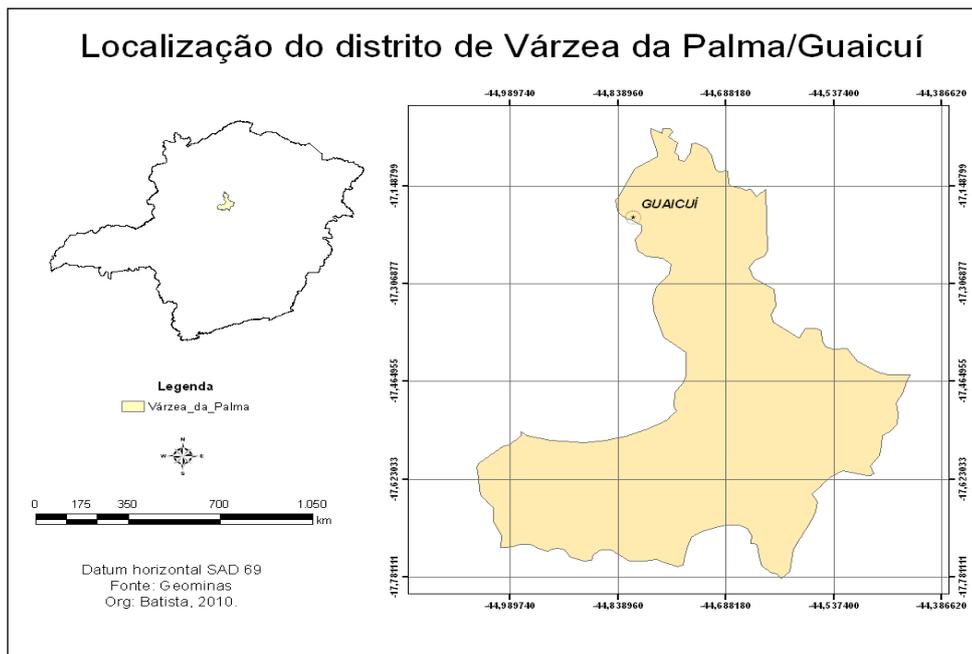


Figura 01 - Localização do distrito de Várzea da Palma, Guaicuí, MG.
Fonte: Batista (2010, p. 23).

O mapa aqui apresentado possibilita a visão da localização do distrito Guaicuí e suas regiões mais próximas, assim como os municípios vizinhos e a extensão territorial do município de Várzea da Palma.

A figura seguinte traz a imagem do mapa territorial de parte do Norte de Minas Gerais, que tem como objetivo mostrar a localização de Pirapora, referência do município mais próximo de Guaicuí.

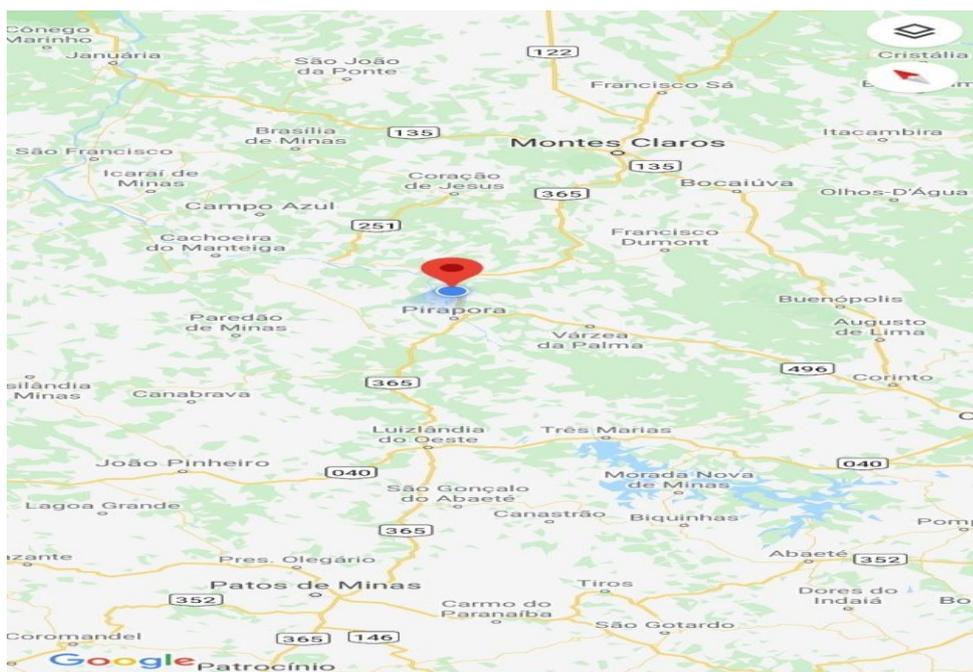


Figura 02 - Localização do Distrito Guaicuí, em Várzea da Palma

Fonte: IBGE (2020).

Os municípios mais próximo do distrito Guaicuí são: Pirapora com uma distância de: 22 quilômetros (km), Buritizeiro: 31 km, Varzea da Palma: 58 km, Jequitaiá: 48 km, Lagoa dos Patos: 40 km e Ibiaí: 49 km.

O Arraial da Barra do Rio da Velhas, assim, conhecido naquela época, em seu estado político de emancipação de Varzea da Palma, foi registrado como Guaicuí. A sua ocupação inicial deu-se com os índios Cariris, originários do Ceará. Desse modo, acredita-se que essa tribo instala-se na região a procura de fartura, como: caça e pesca, porque naquele período tem em abundância (VIEIRA NETO, 2014).

Guaicuí é-se um lugar histórico de histórias e estórias a serem contadas. Sendo assim, a sua história foi narrada pela primeira vez em meados século XVII, quando a região é ocupada pelos índios Cariris. De modo direto, a narrativa foi marcada pela religiosidade, que é forte na região e ocorre com os: indígenas, negros e jesuítas que constroem a primeira igreja católica, hoje, em Ruínas de Pedras que recebe o nome de: Igreja Senhor Bom Jesus de Matozinhos, mas, infelizmente, não chegou a ser concluída em decorrências da peste¹ daquela época, a febre palúdica².

Na atualidade, sabe-se que a região é explorada por bandeirantes paulistas que são homens estultos e entre eles está Fernão Dias Paes Leme, que veio para desbravar as margens dos rios: das Velhas e São Francisco para retirar por meio exploratório de pessoas as riquezas da região das minas, como: ouro e algumas pedras verdes, desse modo, acredita-se que são as esmeraldas (VIEIRA NETO, 2014).

Segundo Neto (2014), Fernão Dias Paes Leme, morre de malária à margem do Rio das Velhas e acredita-se que seu filho Garcia Rodrigues leva seus restos mortais para à cidade de São Paulo, em que está em uma cripta do Mosteiro de São Bento. Outros historiadores ou até pesquisadores acreditam que o povoado

¹Sugere ainda a história, segundo Vieira Neto, a presença de padres jesuítas no local no século XVII, época em que teriam construído a Igreja de Pedras, em honra ao Senhor Bom Jesus de Matozinhos, apenas a sua Capela –Mor foi terminada o restante ficou inacabado, provavelmente em função das enchentes nos rios das Velhas e São Francisco que tomavam toda a região, causando as febres palúdicas(malária e outras), que dizimavam as populações ribeirinhas.

² Palúdica: Tipo de febre que pode surgir em situações de supuração ou de tuberculose e que é caracterizada por ser diária e acompanhada de calafrios, pulso fraco, diarreia e astenia. Febre palúdica com hematúria por lesão renal provocada pelo *Plasmodium falciparum*.

é ocupado por grandes fazendeiros bahianos que vem através do rio tocando o seu gado e que se instalam na região da Barra do Rio das Velhas, antes da chegada das primeiras bandeiras. Esse processo de formação a respeito do perfil histórico de Guaicuí, está, intrinsecamente, ligada as características históricas das Ruínas de Pedras Bom Jesus de Matozinho, nessa comunidade que tem suas belezas culturais e naturais construídas nesse espaço que corrobora para seu reconhecimento, que segundo Moraes (2007), relata que:

O nosso relato começa com o símbolo vivo da região, a Igreja de Pedras.

A árvore é uma gameleira da família das mmoreáceas, cuja seiva é uma espécie de látex que em contato com a pele dá uma sensação de queimadura. Produz uma fruta muito apreciada pelos morcegos, de aparência do figo. Presume-se que a semente foi levada até o topo da igreja pelos quirópteros que habitavam o local ainda com o telhado que ruiu por volta de 1950 (MORAES, 2007, p. 21).

Desse modo, ao observar o patrimônio cultural e a sua história percebe-se o quanto é relevante a existência desse bem material e imaterial na representação da comunidade de Guaicuí, os aspectos ligados ao patrimônio permite analisar o tamanho da cultura por meio de seus símbolos: sociais, culturais e históricos.

Ao se posicionar sobre a historiografia territorial do Distrito Guaicuí e sua imponente importância de reconhecimento cultural, Vieira Neto (2014) em seu inventário de proteção reforça que: “esta região foi habitada também por jesuítas” (VIEIRA NETO, 2014, p. 06), porque esses vem com o propósito de catequisar os índios e devido à falta da mão de obra, esses são escravizados. De tal modo, afirma que: “os índios nativos do século XVII”, (VIEIRA NETO, 2014, p. 06) de modo simultâneo, escraviza-se os negros e os jesuítas.

Desse modo, pode-se examinar-se que a população da época que habita essa localidade é da tribo indígena chamada de Guaicurus, cujo nome deriva-se do tupi. É no período colonial que esses portugueses imigrantes chegam nessas terras a procura de ouro e esmeraldas para explorar essa região, conseqüentemente, quaisquer tipos de riquezas.

Por essa razão, a região fica marcada pela forte exploração daquela época, porque, além das ocorrências das grandes enchentes, há, na região, pestes e escravidão, de tal modo, esses fatores motivam os negros e os índios a

abandonarem suas famílias ao fugir da forte escravidão que estão a viver (VIEIRA NETO, 2014).

Na próxima figura, pode-se perceber um dos patrimônios mais ricos do distrito Guaicuí. Um cenário de beleza natural que abarca a cultural guaicuiense torna-se um marco na história da cultural local.

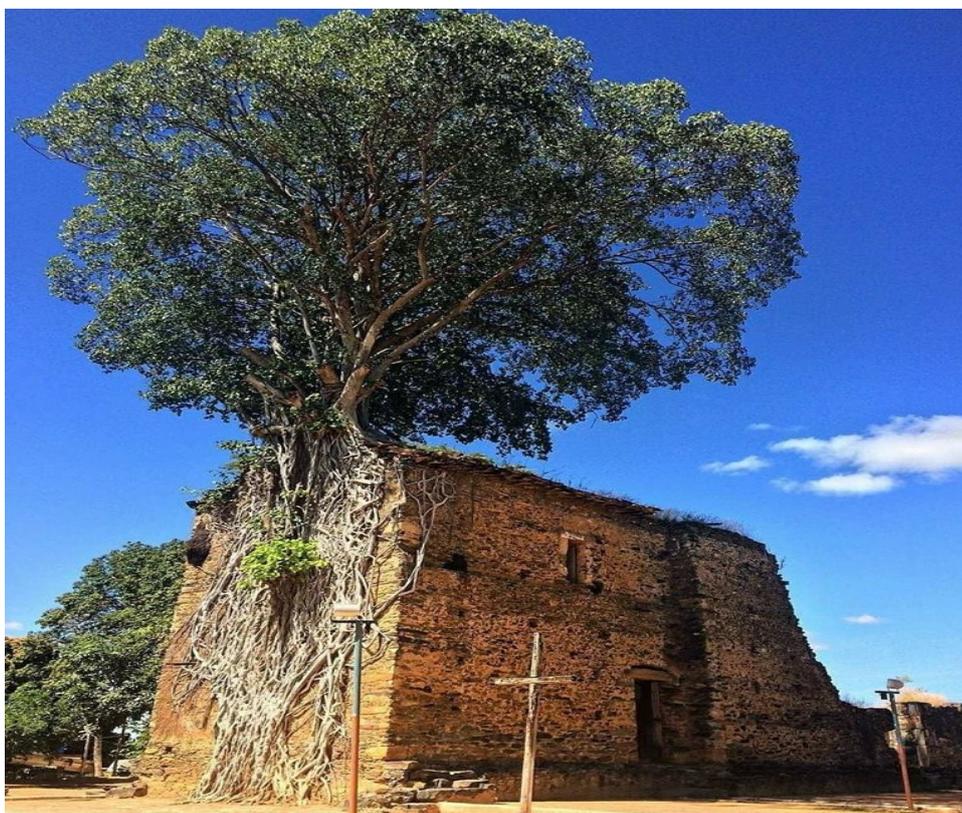


Figura 03 –Ruínas de Pedras construída no distrito Guaicuí
Fonte: Elaborada pelo autor, 2019.

As Ruínas de Pedras de Guaicuí recebe nome de “Igreja Senhor Bom Jesus do Matozinhos”, apesar de não ser acabada devido fatores que impedem sua conclusão, a mesma continua opulento e resistente. A igreja recebe um grande número de turistas que apreciam suas belezas naturais e levam consigo na lembrança as riquezas que abarcam esse distrito.

As Ruínas de Pedras, uma belíssima obra de arte sacra foi tombada pelo Patrimônio Público Estadual (IEPHA), em 22 de março de 1985, pelo Decreto número (n.) 24.324 e pelo Patrimônio Municipal por meio do Decreto n. 0.56, de 13 de maio de 1998. Para manter viva essa memória cultural faz-se necessário o registro de tombamento no Livro Tombo, com o objetivo de manter viva, conservada e preservada esse patrimônio. Além disso, contribui de maneira significativa para que sua origem, suas referências simbólicas e o modos de vida das pessoas não se

percam em meio às constantes mudanças e transformações que o distrito vem sofrendo no decorrer do tempo.

De acordo com Vieira Neto (2014):

A Igreja Senhor Bom Jesus de Matozinhos teve, em 1650, seu provável início de construção. O Senhor bom Jesus de Matozinhos, protetor dos navegantes, por herdeiros da Casa da Ponte, Garcia D'Ávila, utilizando os Jesuítas e trabalhos escravos. Caminho natural das duas vias fluviais, São Francisco e Rio das Velhas. Construção com Pedras de Cantaria e Argamassa de Cal. Por causa das febres palúdicas e as enchentes dos rios, a construção foi paralisada por diversas vezes e se arrastou por mais de 50 anos e foi considerada incompleta. Este fato ocasionou a fundação do Arraial de Porteiras, quando os habitantes procuravam um local mais alto, longe das enchentes e seguro para fixar residências. Guaicuí que também tomou o nome de 'MANGA' [sic] foi abandonada, cercada de pastos para tropas, voltando a atividade, somente a partir de 1840 (NETO, 2014, p. 06).

De acordo com o autor acima citado, as ruínas de pedras constituiu patrimônio cultural do distrito, porque trouxe consigo aspectos simbólicos e religiosos que ficam marcadas na arquitetura da igreja inacabada. Além de sua exuberância a comunidade marca-se pelas histórias que perpetuam pelo distrito fortalecendo a memória histórica de seu povo por meio do turismo que esteve presente ao longo do tempo da história dessa gente. Essas lembranças permanecem presentes nas memórias dos moradores de Guaicuí.

Diante dessa ideologia de tradição, é que fortalece a memória de seu povo ao perpetuar entre essa gente os valores culturais que ficam impregnados ao longo do tempo, por meio das lembranças, pelas mãos calejadas e as marcas na pele ocasionadas pelo sol, as dores intensas no corpo pelo cansaço de um dia de trabalho exposto ao sol. Essa memória coletiva faz com que o passado punha se vivo, partilhado, coletivo e individual, social e cultural, assim, essas fazem parte dessas tradições.

Posto isso, a tradição faz parte dos valores que ao agregá-los caracteriza-se pelos saberes culturais que são deixados de geração para geração até a atualidade. De tal modo, essa cultura é transportada através do tempo e espaço por meio das pessoas que constroem a sua história durante estes séculos. Por meio desse ato pode-se construir a identidade cultural, porque o coletivo que edifica a cultura ao passar os ensinamentos pretéritos, presentes ao homens de amanhã por meio da memória afetiva (VIEIRA NETO, 2014).

O viajante Pohl (1997), em passagem pelo Arraial do Rio das Velhas por volta de 1820, faz um estudo historiográfico da construção da referida Ruína de Pedras: “há uma igreja inacabada no local, em grande parte de pedra, que presumimos trata-se da igreja do Senhor Bom Jesus de Matozinhos” (POHL, 1976, p. 320-321).

Outros viajantes passam pela região, como Burton (1977), que, posteriormente escreve a sua corroboração sobre sua visita, em Barra do Guaiçuí. Desse modo, afirma que:

O único prédio digno de nota, cujo telhado alto, espalhafatoso e inclinado chama logo à atenção do viajante, é a igreja do Senhor Bom Jesus de Matozinhos; fica em frente da confluência dos dois rios, ou um pouco ao sul e ligeiramente a oeste, e hoje, quase se encontra à beira do precipício. Construída de pedra de cantaria e cal, mostra que, tempo da colônia, o lugar conheceu melhores dias; como sempre, é uma obra semiconstruída [...]. A entrada do lado sul nunca chegou a ser coberta por um telhado; na sacristia, à leste, só há caibros e o campanário não passa de três barras de madeira, em forma de força, sustentando o sino. Pilastras e púlpitos de pedra estão condenados a não passar de embriões. E um arco de alvenaria destinado a marcar o lugar do altar-mor, ao norte, está coberto de ervas daninhas (BURTON, 1977, p. 159)

Assim, a partir das experiências historiográficas pesquisadas, analisa-se quais são os mecanismos de construção da história local, a fim de investigar as festividades do distrito Guaiçuí que abre leque de oportunidades para as manifestações da cultura popular e para a comunicação oral, e, religiosa. Desse modo, através da pesquisa, pode-se verificar que há cruzamento das culturas: africanas e o ritual congadeiro como uma potencialidade nas festas tradicionais. Por esse viés, examina-se a possibilidade de uma experimentação do corpo na cena a partir da dança cultural da Folia do Divino, que acontece entre os meses de maio a junho, com a tradicional festa do Divino Espírito Santo, na comunidade de Guaiçuí.

Nesse contexto, a pesquisa objetiva analisar as relações da memória cultural na festa do Divino Espírito Santo, através do corpo, na dança, que se mostra que essas práticas estão presentes na cultura local desde a história do surgimento da dança folclórica, na festa em fazer artístico, no patrimônio cultural Ruínas de Pedras, conhecida como Igreja de Pedras ou Igreja Velha e todas as outras formas de representação estão ligadas ao fazer artístico, pois é por meio e através do

tempo que esses símbolos, signos apresenta-se *et cetera*. Todavia, faz parte do fortalecimento, do reconhecimento cultural da comunidade de Guaicuí, distrito de Várzea da Palma - MG.



Figura 04 - Coroação do Imperador do Divino Espírito Santo, Bernardino Maciel da Conceição foi coroadado durante a festa do Divino na comunidade de Guaicuí, 1960. Foto: Autor desconhecido.

Os conceitos trazidos a partir da tradição revelam que o patrimônio cultural é a chave para a abertura de novos horizontes nesta sociedade, pois, através da pesquisa e do conhecimento sobre o patrimônio local que a sociedade conscientiza-se ao dar importância que é em preservar: a história, a cultura, a arte e a religiosidade dessa comunidade. De maneira que os moradores de Guaicuí, compreendem à necessidade de zelar de sua cultura, pelos padrões: estético e histórico de suas raízes culturais que através da dança mantém viva essa tradição.

Desse modo, preservar as origens constitui-se em valorizar as manifestações artísticas, que a partir da memória afetiva cultural oportuniza as novas gerações conhecimento sobre o papel da sociedade na luta por manter viva a memória, pois se acredita que a arte é a chave para a abertura do reconhecimento

identitário de cada pessoa e se torna o fortalecimento da cultura, que o distrito Guaicuí passa a ser palco para as experimentações artísticas culturais, as quais reafirmam uma memória no tempo e no espaço.

Assim sendo, ao observar o homem através do tempo percebe sua jornada, sua trajetória e suas conquistas, pois o homem ao ser racional constitui-se em um movimento em seu tempo, por meio das emoções e de suas realizações, à medida que se busca no futuro uma continuidade coletiva do sujeito, como construtor da sua própria história.

Assim sendo, entende-se como diversidade cultural à sociedade que possui um conjunto de traços materiais e afetivos *in loco*, por essa razão, caracteriza-se como uma sociedade evoluída em seu tempo. E, durante a realização deste estudo, torna-se perceptível a compreensão que o patrimônio cultural do distrito reporta-se como uma descrição gráfica da história natural da origem da comunidade de Guaicuí, que emerge por meio de suas raízes culturais ao abarcar ao catolicismo e as manifestações culturais populares que retratam o valor do seu patrimônio material e imaterial, tornando-os palpáveis, na singularidade da cultura guaicuiense que preserva ao longo de sua história social e cultural, fortalecido a partir de seus princípios e do desenvolvimento identitário de seu povo.

Ao pesquisar sobre essa tradição corpórea, onde o corpo que dança é o mesmo que canta e encanta todo o público ali presente naquela representação, essa que vem a ser passada de geração em geração que traz consigo todas as belezas narradas a partir do corpo na dança.

O corpo, desde as primeiras escrituras, foi visto como um lugar do sagrado: *locus*, porque o homem é criado a imagem e semelhança de Deus (GÊNESIS (Gn) 1, 26). Entretanto, essa relação entre o corpo e o sagrado leva uma série de discursões a respeito do corpo como espaço da experiência humana em que se fortalece por meio dos saberes-fazer. Desse modo, o corpo humano constitui não só vísceras, mas pele, órgãos, cabelos, unhas etc..

Mediante a pesquisa realizada no distrito, pode-se afirmar que a experiência constitui-se naquilo que foi vivificado pelos sujeitos individuais e coletivo em diferentes momentos históricos de uma dada sociedade. Assim, percebe-se que esse processo formativo do corpo, na dança, liga-se por meio do lazer/festa com o catolicismo popular de Guaicuí, por essa razão, essas ocorrências contribuem para ampliar esse conhecimento da dança no corpo, ao fazer com que os mecanismos do

corpo ganham maior flexibilidade, força e potência através da dança em honraria ao Divino.

Desse modo, essa análise performática é possível, porque mostra a potencialidade do corpo a partir das festividades coletivas entre os moradores de Guaicuí, os turistas e a igreja que por meio da celebração torna possível levar a manifestação cultural religiosa para fora dos muros da religiosidade cristã, ao oportunizar a partilha dessas múltiplas vivências do cristianismo brasileiro por todos habitantes daquela comunidade com os seus visitantes.

Pretendo com essa pesquisa, dissertação, fazer um registro do congado em Guaicuí e suas transformações na comunidade ribeirinha. Essas celebrações tem aumentado o reconhecimento do patrimônio cultural imaterial e contribuído para a permanência do ritual congadeiro.

Caro leitor, o capítulo I traz para reflexão, como esses corpos se manifestam a partir da dança. São corpos de barranqueiro filho de pescadores, lavadeiras, lavradores, enfim, são corpos simples, mas que tem uma potência cultural e religiosa que vai além da intolerância preconceituosa e racista da humanidade. No capítulo seguinte, II, a abordagem é sobre as práticas culturais e sociais da oralidade do rito na permanência da narrativa religiosa que mantém essa memória viva junto ao ritual congadeiro de Guaicuí. Já, no capítulo III, caro leitor vocês encontrar-se-ão de que maneira essa tradição é fortalecida, viva no distrito que luta incansavelmente para essa sobrevivência cultural do corpo na dança graças a memória que é construída a partir do corpo em seu processo histórico/cultural.

Enfim, esta pesquisa sobre o congado de Guaicuí, está intrinsecamente ligada as *performances* culturais e religiosas que trazem para vocês queridos leitores um pouco da minha pesquisa que diante deste ano tão difícil devido a pandemia causada pelo novo corona vírus (Covid-19), não desanimou em mim a vontade de colher dados que possam enriquecer e dar sequência minha pesquisa como livros, fotografias e entrevistas que me ajuda muito para realização deste trabalho.

CAPÍTULO I

DANÇA, FÉ e DEVOÇÃO: Uma expressão religiosa/cultural viva de um povo

O Corpo na dança revela segredos que só quem assiste a *performance* da folia do Divino, na comunidade de Guaicuí consegue perceber que cada corpos tem seu próprio gingado, sua própria expressão corpórea, pois à medida que a melodia se forma os corpos intensificam-se, dançam de maneira que seu corpo parece ganhar vida a partir da dinamização dos instrumento com os cânticos. A coreografia é a mesma, mas a dança/ritmo é individual e se modifica a partir da harmonia que liga os instrumentos musicais ao corpo/voz.

A dança manifesta-se neste corpo o qual ora é barranqueiro, ora religioso, ora traz consigo o valor identitário daquele corpo que se encontra junto ao rito. A harmonia dos variados ritmos e cânticos em sua totalidade consiste em unir a dança/corpo aos instrumentos, tanto de corda, como de sopro ou percussão, pois esses símbolos agregam significados e valores que são extraídos do corpo a partir da dança e levado ao público como objeto performativo de representação cultural e religiosa.



Figura 05 - 1º encontro de FOLIAS na cidade de Várzea da Palma, 2019.
Foto: Secretaria municipal de Educação de Várzea da Palma.

Estes corpos são de mineiros do Norte de Minas Gerais, corpos de barranqueiros filhos do rio, filhos de carpinteiro, pescador, lavradores filhos da terra, filhos de Guaicuí. O corpo ao qual é falado é um corpo que pesca, trabalha,

transpira, cansa e luta, também é um corpo que dança, canta e encanta. O público o qual assiste fica admirado com o gingado, pois trazem para cena uma perfeição da linguagem do corpo junto aos instrumentos. Esse movimento religioso, esse rito popular da folia do Divino é fortemente festejada e apreciada por todos os cristãos e turistas durante a festa.

Desse modo:

Os rituais se cumprem em meio à música, cuja força emana dos sons dos instrumentos dinamizando a palavra cantada e os gestos do corpo, sendo o cantar, o tocar e o dançar um ato único de oração. A música traduz, assim, aspectos da cosmovisão de seus participantes, ao mesmo tempo que constitui um meio no qual significados são gerados e transformados. Essa importância ritual da música revela a porção africana dessa síntese afro-brasileira, a partir do próprio caráter sagrado dos instrumentos, sobretudo caixas e tambores, considerados corpos intermediários no canal de acesso do homem ao divino. Este caráter se estende à música, sobretudo à linguagem rítmica, determinando uma concepção musical particular dos congadeiros e uma atitude cerimoniosa, de respeito e responsabilidade, em torno da experiência musical (LUCAS, 1991, p.1).

Contudo, o ritual congadeiro revela sua devoção a partir das *performances* e seus significados, pois os paradigmas do corpo são aqueles que permitem ao homem ter acesso entre sua cultura e o sagrado. Nesse sentido a narrativa simbólica do rito auxilia a construção corporal que através da dança é manifestada no catolicismo popular junto ao corpo que canta, que dança e que se multiplica, essa expressão religiosa revela traços da cultura barranqueira ancorada nas tradicionais festas brasileiras onde Rei do Congo é celebrado com: danças, fogos e muita animação durante o período festivo. Logo:

O corpo, nessas tradições, não é, portanto, apenas a extensão ilustrativa do conhecimento dramaticamente representado e simbolicamente rerepresentado por convenções e paradigmas seculares. Ele é, sim, local de um saber em contínuo movimento de recriação, remissão e transformações perenes do *corpus* cultural...Os sujeitos e suas formas artísticas que daí emergem são tecidos de memória, escrevem história.

O corpo em performance restaura, expressa e, simultaneamente, produz esse conhecimento, grafado na memória do gesto. Performar, neste sentido, significa inscrever, grafar, repetir transcribendo, revisando, o que representa uma forma de conhecimento potencialmente alternativa e contestatória (MARTINS, 2002, p. 89).

O corpo age seguindo as tradições e de acordo com elas, embora ele manifesta revisando ou reeditando os movimentos, conforme a emblemática de cada pessoa e de acordo com o que a pessoa posiciona-se diante daquele rito. Esse corpo que se torna *locus* da experiência ou lugar do rito onde os saberes do fazer/saber manifestam-se simultaneamente através da intensidade com que os seus corpos são guiados, porque são levados a um hibridismo cultural³ onde o corpo não apenas performatiza uma dança, mas vivencia uma experiência oral e corporal.

O corpo está na dança, assim, como a dança está no corpo e o congado é sem dúvidas uma celebração que permite os *corpus* comunicarem-se através da dança, da música, dos cânticos, dos sons, dos instrumentos musicais etc.. Esta vibração é provocada a partir do rito na festa, em que, ao dançar o *persona* ou personagem abarcam em suas memórias que vêm sendo construídas de tempo em tempo permitindo a esse congadeiro expressar junto aos seus movimentos, suas expressões e emoções estas lembranças que são despertadas durante dança.

A *performance* ritualística é individual, mesmo que todos sigam uma determinada coreografia, o que se entende é que durante a dança cada indivíduo tem o seu gingado e junto ao gingado descobrem seu ritmo a partir da inspiração musical. A dança, por sua vez, oportuniza aos foliões mergulhar através do corpo no lundu⁴ (famoso sapateado) o que faz com que cada ser ali dançante possa: louvar, cantar e dançar em agradecimento ao Divino Espírito Santo, criando, assim, seu próprio sapateado.

A dança é uma linguagem de fácil acesso, o que não quer dizer que todo mundo quer dançar, ou vai dançar, ou vá dançar, não é isso! A dança é um conjunto

³O hibridismo cultural é um fenômeno histórico-social que existe desde os primeiros deslocamentos humanos, quando esses deslocamentos resultam em contatos permanentes entre grupos distintos. CARDOSO, João Batista. **HIBRIDISMO CULTURAL NA AMÉRICA LATINA**. 2008. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/1127/914>. Acesso em 15/12/2020.

⁴O lundu, também conhecido como landum, lundum e londu, é uma dança e canto de origem africana introduzido no Brasil provavelmente por escravos de Angola. Originado no batuque africano, o lundu em fins do século XVIII não era ainda uma dança brasileira, mas uma dança africana no Brasil, e começou a ser mencionada em documentos históricos a partir de 1780.

Musicólogos afirmam que o samba tem sua origem no lundu, por via do maxixe, mas há controvérsias quanto a esse ponto.

Em Portugal, o lundu recebeu polimentos da corte, como o uso dos instrumentos de corda, mas foi proibido por Dom Manuel por ser “contrário aos bons costumes”. Ao vir diretamente de Angola para o Brasil, porém, recuperou aqui o acento jocoso, mordaz e sensual que incomodara a sociedade lisboeta.

de linguagem que se forma dentro de cada um, cada qual descobre sua habilidade dentro de um espaço que se possa comunicar com o seu próprio corpo em uma perspectiva somática corpo+voz= dança, e o congado permite esse espaço para que você se descubra, se encontre a partir da festa oportunizando conhecer o seu corpo por meio da dança.

A relação na dança entre os participantes ativos do corpo/rito que dança e canta em louvor, e honra ao Divino Espírito Santo, utiliza o corpo que é usado como forma de (re)existência, de (co)existir e resistir. Este corpo que luta pela sobrevivência cultural, que batalha, que vibra, que sofre! Este é um corpo epistêmico, um corpo que quanto mais extenso é intenso, e o corpo extenso é um corpo comunidade, é o corpo que atravessa tempo que morre por dentro, consome por dentro e a dança é alimentação do corpo e da alma, através da dança alimentamos a razão e a emoção. A Folia do Divino é uma batalha feita por corpos que se diferenciam, corpo que luta é aquele que possui resiliência perante a vida e o corpo que não luta não compreende a sua existência, por isso não há resistência diante de possíveis derrotas ou situações conflituosas, apenas existe. É nessa mesma emoção que os corpos dançantes torna-se unidades, pois o corpo é uma dimensão e está ligada astécnicas corporais: a dança, a voz, o gingado que se unem em um corpo que é festa, e extensão.

1.1 Corpo, dança e religiosidade: a performance do grupo de Folia do Divino dentro dos aspectos sociais e culturais no distrito de Guaicuí - MG.

Os aspectos sociais que direcionam à dança na comunidade de Guaicuí, estão intrinsecamente ligados as questões religiosas e as questões do corpo na performatização ritualística na festa do Divino Espírito Santo.

O corpo quanto mais intenso extenso, sim, esse é o corpo o qualestá sendo pesquisado; o corpo que é extenso que passa por uma travessia através do tempo, que se constrói e evolui a partir dos movimentos na dança, essa dimensão corpórea compreende as variadas formas que o corpo pode-se transformar na dança a partir dos símbolos que surgem através do corpo durante sua manifestação performática.

Compreender os símbolos produzidos pelo corpo: o corpo que fala, sente, chora e se emociona a partir dos festejo da congada que diretamente está ligada aos saberes por meio da emoção ou do afeto que constroem a identidade cultural do distrito. Esta *performance* assume um valor simbólico dentro do discurso de patrimônio, pois elenca o processo do saber fazer preservando os valores religiosos, adquirindo maior importância nas práticas e expressões que fazem com que o corpo durante o rito ganha maior potência e flexibilidade ao preservar seu modo de fazer/produzir.

A Igreja Senhor Bom Jesus de Matozinhos da comunidade de Guaicuí, sempre foi berço cultural para a realização desse rito ao se tornar um cenário tradicional e religioso que luta pela permanência da festa, do ritual sagrado ao qual esse sincretismo religioso abre espaço para a sobrevivência social e cultural dentro das matrizes africanas⁵. Durante muitos anos o gongado veio se fortalecendo dentro desta comunidade e a dança culto ao Divino Espírito Santo foi uma resistência coletiva em sobreviver a esse processo cultural de fazer manter viva a tradição do rito em Guaicuí. A festa é representada por meio de corpos que dançam, cantam e alegram a todos com muita fé e devoção.



Figura 06 - O andor com os Dons do Espírito Santo, preparando para sair junto a procissão de fé pelas ruas de Guaicuí, 2018.

Foto: Almira Rodrigues.

⁵As religiões de matriz africana foram incorporadas a cultura brasileira desde há muito, quando os/as primeiros/as escravizados/as desembarcaram no país e encontraram em sua religiosidade uma forma de preservar suas tradições, idiomas, conhecimentos e valores trazidos da África.

Este processo do fazer e refazer são práticas rituais presentes no corpo do congadeiro que a partir da dança reconstrói seus signos juntos a performance corporal. Durante a dança o que direciona o corpo é a coreografia em uma singularidade particular, a música é cantada, os instrumentos são tocados ou conduzidos e nesse contexto que o corpo vai se refazendo ou se transformando no ritmo da melodia. A dança é um processo de composição gestual e de movimentos que são realizados de diferentes formas: coreografada ou livre. A dança, seja ela: cultural, tradicional, moderna ou religiosa possuem suas características próprias, seu estilo próprio, essa linguagem do corpo se comunica a partir da relação individual de cada qual com seu corpo, essa descoberta dá-se através da experiência entre o corpo que dança.

1.2 O movimento do corpo

No contexto atual a dança é composta por 06 (seis) casais, sendo que ao lado direito ficam as mulheres e o esquerdo os homens, os movimentos, geralmente, na maior parte da *performance* são flexionados no dorso (tórax), joelhos e pés. Os dançantes são conduzidos ao toque dos instrumentos e a partir desse momento cada parte do seu corpo, cada coreografia, cada movimento desencadeia, no público, uma leitura do corpo na dança. À medida em que as vozes vão-se entoando, o corpo vai criando uma silhueta de maneira que o gingado de cada ser dançante sincroniza seu corpo com a música, com o seu ritmo e a partir da melodia o corpo passa a ser tomado por uma êxtase, por um orgasmo que ajuda na construção de uma sincronização entre o *corpo/corpus* e a dança fazendo com o que os corpos dos foliões colocam-se no centro do universo dançante, que permite aos espectadores adentrarem e experimentarem dessa pluralidade cultural deixando de ser público e passando a fazer parte da *performance* aonde o único instrumento que fala naquele momento é o corpo na cena.

O espectador emancipado de Rancière lembra que:

É neste poder de associar e de dissociar que reside a emancipação do espectador, ou seja, a emancipação de cada um de nós enquanto

espectador. Ser espectador não é a condição passiva que devêssemos transformar em atividade. É a nossa situação normal. Aprendemos e ensinamos, agimos e conhecemos também enquanto espectadores que ligam constantemente o que veem com aquilo que já viram e disseram, fizeram e sonharam (RANCIÈRE, 2010. P. 28).

Esta emancipação que o espectador desenvolve durante o espetáculo, permite-o reconhecer seu papel na dança não só como público que assiste, mas, como parte integrante do rito, pois esse espectador experimenta deslocar-seda sua zona de conforto (público) e passa a interagir na dança (re)criando, assim uma nova (re)leitura sobre um novo corpo dançante. Essa é uma abertura que o grupo de foliões oportuniza ao seu público que já se tornou tradição. É natural que ao final da *performance* da folia os espectadores entrem no ritmo fazendo assim parte do ritual congadeiro, pois durante o ano muitos cristãos esperam chegar o momento do catopê⁶ (sapateado) para ali junto aos congadeiros desprenderem-se deste corpo cansado, calejado, sem tabu e deixar que seu corpo seja conduzido na dança através da música, que os seus pés possam dançar com a leveza de sua alma, e não com o peso do seu corpo.

Dançar é uma sabedoria que somente o corpo pode experimentar, o corpo é usado para agradecer, para pedir chuva, sol etc.. O corpo é morada do Espírito Santo, é um templo e é visto por vários ângulos, por exemplo, é visto como um objeto de apresentação e representação. Essas múltiplas interpretações que o corpo transmite a quem o assiste, muitas vezes não permite observar que aquele corpo que dança também é um corpo que: sente, chora, sofre, dorme e acorda, este é um corpo que é descoberto através dos sentidos, da experimentação ou até da interpretação entre corpo/vida e corpo/morte. O corpo que é vida canta, dança, representa, vive! Corpo que é morte deleita sobre a sombra esperando que o tempo conclua sua sentença. Portanto, viver é cantar, dançar, divertir, é se consumir e fazer valer a pena responder quando alguém perguntar: o que você fez da vida? Responda com muita emoção e entusiasmo: eu, dancei!

Durante as práticas performativas do corpo congadeiro na cena a maneira com que esses corpos dançam reverberam em quem o assiste uma construção ou restauração de conjuntos e elementos performativo que estão grafados na memória

⁶ No distrito de Guaicuí, usa-se o termo catopê ao se referi a uma manifestação do catolicismo popular que faz parte do calendário cultural religioso desta localidade, também conhecido pelos moradores como congado ou congada. Essa manifestação de cultura religiosa utiliza o corpo como componente fundamental para a performance do ritual religioso com elementos da cultura africana.

de quem vivenciou essa experiência e que são transmitidas junto ao rito, de forma que:

A performance ritual é, pois, um ato de inscrição, uma grafia...o corpo é, por excelência, o local da memória, o corpo em performance, o corpo que é performance. Como tal esse corpo/*corpus* não apenas repete um hábito, mas também institui, interpreta e revisa o ato encenado...o conteúdo imbrica-se na forma, a memória grafa-se no corpo, que a registra, transmite e modifica atualmente (MARTINS, 2002, p. 88).

Neste contexto da performance dos catopês na folia do Divino Espírito Santo, viabiliza-se uma forte relação entre homem e o sagrado, esse ritual traduz a imponente importância da Fé a partir dos registros no corpo, na dança o qual fundamenta os processos da prática ritual congadeira que fica registrado na memória sem haver distinções ou mudanças de nenhuma espécie, porque mantém um ritual contínuo de tradição onde cada *performance* traz consigo uma ligação direta do corpo com a memória.



Figura 07 - A folia do Divino, fazendo presença na missa festiva, 2017.
Foto: Almira Rodrigues.

As práticas performativas é o registro do corpo na dança, é com elas que o rito ganha conhecimento histórico e cultural além de religioso, este ritual congadeiro é sem dúvida a abertura para o reconhecimento do congado de Guaicuí como parte integrante do calendário cultural Mineiro e Nacional, pois estabelece

junto as festividades apresentar com a dança os aspectos culturais e religiosos que estão ligadas no contexto histórico no distrito, o qual é fortalecida através de sua trajetória, seu significado na preservação da identidade cultural.

1.3 Procissão de abertura da festa

Os cristãos reúnem-se, na porta da igreja, com o objetivo de juntos saírem até a casa do mordomo o quala função é buscar a bandeira para que o celebrante possa benzê-la, logo após a folia, dança saudando a bandeira do Divino Espírito Santo, ao toque dos instrumentos que se misturam junto avozes que cantam e louvam o Divino. Essa manifestação religiosa popular marca o início do processo festivo da comunidade de Guaicuí, que traz em sua abertura um momento de muitas orações, crença e fé o que contribui na prática religiosa, e no fortalecimento do ritual.

A procissão com a bandeira do Divino Espírito Santo, marca o início da festa que começa com o cortejo que vai da casa do mordomo até a igreja, neste percurso os cristãos vão todos reunidos rezando, cantando e agradecendo. Logo, após todos se reúnem dentro da igreja para a celebração dando assim seguimento ao ritual.



Figura 08 - Saída da casa do mordomo Fabrício Júnior Nascimento. 2018.
Fotos: Almira Rodrigues.

A religiosidade é muito forte em Guaicuí, e a festa do Divino é um dos eventos religiosos ao qual reúne grande número de pessoas que vem cantar e

receber os dons do Espírito Santo, dessa forma, as festividades se fortalecem a partir da sacralidade do dia de Pentecostes que é recebido pelos cristãos como a descida do Espírito Santo com seus sete Dons enviados por Deus.



Figura 09 - Procissão com o andor dos sete dons de Deus: SABEDORIA, CIÊNCIA, CONSELHO, INTELIGENCIA, TEMOR DE DEUS, FORTALEZA e PIEDADE. 2016. Foto: Almira Rodrigues.

O símbolo do Divino Espírito Santo, representado por uma pombinha branca que traz os sete dons de Deus, enaltece a população de Guaicuí, que espera durante um ano para a realização deste ritual religioso. A partir da representação da pomba como símbolo do amor de Deus pelos seus filhos é uma dádiva do Divino, que vem como alimento do corpo e da alma. Portanto, esses atributos do Espírito Santo, busca manter viva a devoção entre esses fiéis ressignificandoos elementos católicos que se mantém vivos no campo da *performance*.

A festa do Divino na comunidade de Guaicuí, tem uma potência popular forte, desta forma, torna-se o rito mais rico. Pagar promessas, fazer um voto a Deus, clamar saúde e prosperidade são graças que os fiéis vem pedir e agradecer ao Divino Espírito Santo, essa devoção fortalece a elevação do conhecimento religioso a todos do distrito que juntos celebram o dia de Pentecostes.

1.4 O hasteamento da bandeira



Figura 10 - Hasteamento da bandeira do Divino Espírito Santo, 2014.
Fotos: Isabella Lima.

Seguindo a tradição do rito/festa do Divino Espírito Santo, O levantamento da bandeira acontece no primeiro dia do ritual religioso, onde se ergue a bandeira festejando com muita devoção a abertura do evento. Este festejo acontece no primeiro dia do ritual que fica sobre a responsabilidade do mordomo e sua família.

Durante a subida da bandeira que acontece logo após a santa missa, seu hasteamento é acompanhado e saudado com fogos de artifícios, palmas, repicar do sino, além das músicas que são cantadas e acompanhadas pelos instrumentos que dão toda animação à festa. No decorrer do hasteamento o grupo de foliões cantam, dançam e sapateiam em louvor ao Divino, este é o momento em que acontece a unificação da festa com o ritual congadeiro e o Espírito Santo, o alçar da bandeira simboliza a elevação dos Dons do Espírito Santo para a vida cristã da comunidade barranqueira de Guaicuí.



Figura 11 - Folia do Divino, no desfile, de 7 de setembro de 2018, 2018.
Foto: Almira Rodrigues

O estandarte com a imagem do Divino Espírito Santo, simboliza uma potência religiosa muito grande entre todos os participantes do evento. Este ritual é para os guaicuienses momento de reconhecimento pelos dons trazidos do Espírito Santo, por esse motivo a bandeira é guiada pelos foliões como forma de agradecimento, além de percorrer por algumas ruas, acreditam os cristãos que suas casas e famílias estarão naquele momento sendo abençoados pela fé que tem em Cristo Jesus.

1.5 Bandeira

A bandeira é para os guaicuienses um símbolo importante na história do congado de Guaicuí, que opera no resgate da memória e mantém viva a identidade cultural, restaurando junto a festa o tempo e a história que estão intrinsecamente ligados a oralidade e a dança que é representada na bandeira durante todos os dias da festa.

O estandarte vem a frente guiando todos os fiéis e devotos que caminham juntos cantando, louvando, agradecendo a Deus por mais um ano de vida, e saúde,

assim agradecidos saem pelas ruas festejando em procissão com a comunidade, comemorando a descida do Espírito Santo.

Estas bandeiras são chamadas de guias por estarem a frente sempre guiando todos os fiéis que saem em procissão pelas ruas.



Figura 12 - Bandeira do Divino Espírito Santo, 2019. Foto: Almira Rodrigues.

As cores da bandeira do Divino são: branco, vermelho e com a imagem de uma pomba que representa a descida do Divino Espírito Santo, costurada e bordada em tecido vermelho em formato retangular com borda. É utilizado um pedaço de madeira para fixar a parte de cima da bandeira que é colocado para firmá-la no momento de ser hasteada.

A bandeira é guiada pelo mordomo, ou por um folião, ou um guia que faz parte do grupo de foliões, logo atrás vem o grupo de folia com o padre celebrante e

os festeiro da festa (mordomo, procurador das joias e o festeiro) todos com suas famílias.

Desta maneira a bandeira tem como missão guiar os fiéis até a igreja onde acontece a maior parte do momento religioso e festivo. Assim, a crença que o Espírito Santo veio em forma de pombinho enaltece a comunidade cristã que crê na chegada do novo Pentecostes⁷ e acreditam que o Divino Espírito Santo chegou aqui nesta morada, veio guiando a bandeira na poeira da estrada, veio trazer as suas bênçãos por todos devotos esperados.

1.6 O mastro

O mastro fica localizado à praça central Fernão Dias Paes Leme, em frente da igreja Senhor Bom Jesus de Matozinhos é usado para içar o estandarte (bandeira), este fica afixado durante todo o ano e só é descido para ser decorado no dia que se inicia a festa de santos ao qual se usa bandeiras para ser hasteada, ao final da ornamentação deste mastro que é a gosto dos festeiros, coloca-se uma corda de *nylon* e só quando é hora de içar a bandeira, esta é arramada no mastro e então acontece o seu levantamento.

O mastro é uma peça de metal, vertical, longa e é destinada a subir a bandeira de santos e padroeiros, é símbolo marcante da presença de estandartes durante as festividades religiosas. Este mastro é ornamentado no período do ritual congadeiro que, na maioria das vezes, é decorado com as cores que representam o santo padroeiro e/ou outros, estes adereços ficam por conta da criatividade do mordomo e sua família. A ornamentação do mastro conta com a participação também dos outros membros da igreja responsáveis pela festa, que, na maioria das vezes, ajudam a decorar o mastro com os materiais: papel crepom de cor: vermelha e branca, cola branca, fitas de cetim, tesoura etc..

O adro onde fica localizado o mastro também é ornamentado com bandeiras e correntes, fogos de artifícios e barraquinhas de comidas típicas, ficando assim, um cenário alegre e decorado, isso atrai a toda a comunidade a participar efetivamente das atividades religiosas que são realizadas na festa de pentecostes.

⁷Festa dos judeus em memória do dia em que Moisés recebeu de Deus as Tábuas da Lei.
Festa da Igreja cristã em memória da descida do Espírito Santo sobre os apóstolos, 50 dias depois da Páscoa.



Figura 13 - Mastro em praça Fernão Dias Paes Leme usado para içar os estandartes, 2018. Foto: Reyvison Santana.

O levantamento da bandeira mostra para os moradores e os visitantes que aquela comunidade está em festa. Antes de içar a bandeira o grupo de congado dança e canta saudando o Divino Espírito Santo, logo após o ritual continuam as danças e cantos em honra, e homenagem ao Divino. No momento da dança quem segura a bandeira é o próprio mordomo com a ajuda de seus colegas festeiro.

A multimodalidade durante o ritual é constante, pois permite ao povo assistir e participar de variadas maneira. Desta forma, o público comunica-se através das imagens, da dança, do canto etc.. Após o levantamento do mastro o pároco (padre celebrante), dá a benção a todas as pessoas ali presente em frente a bandeira já içada, depois passam para o momento onde todos estão convidados a: comer, beber, cantar e dançar, de modo mais xucro encher o bucho, tomar aquela gelada e comer aquela galinhada dançando ao som de um forró pé de serra das meninas.

A bandeira fica hasteada durante todo o período festivo, ou seja, os três dias do rito e só é descida na próxima missa após a festa que sempre acontecem aos sábados. O estandarte então permanece hasteado uns 10 dias até seu descendimento.

A bandeira fica sobre a responsabilidade do mordomo que foi sorteado para fazer parte da festa do ano seguinte, ficando nomeado a cuidar, respeitar e resguardar a bandeira de quaisquer danos que venha desrespeitar ou até mesmo

danificar a mesma. Deste modo, se encerra as festividade do Espírito Santo, com a descida do estandarte, muitos fiéis choram, beijam a bandeira, as violas põe-se a tocar nesta triste despedida, pois o Divino vai-se embora para retornar no outro ano.

1.7 Chapéu com fitas

O termo chapéu de fitas propriamente dito, se refere ao ato de coroação que já vem malhado desde o início das festas do rei do congo nesta comunidade com a tradição de coroar o rei ou imperador nomes que segundo a entrevista com a moradora Lopes, conta que:

O chapéu de fitas tem uma importância muito grande na simbolização do processo de coroação dos foliões que dançam em honra e glória ao Espírito Santo. Antigamente em meados da década de 50 ou 60 coroa-se o imperador que hoje chamamos de festeiro, essa coroação atribuía ao imperador uma figura maior da festa, mostrando para a comunidade que aquele era o cristão escolhido pelo Divino e coroado por ele, tornando assim uma figura respeitada durante todo o ritual religioso.

Esses chapéus com fitas coloridas dão mais harmonia e brilho a dança, além das cores que nos lembram as tropas de músicos que traziam o laço de fita amarela na ponta da vela das embarcações (LOPES, 2020).

A coroa, na dança do Divino Espírito Santo, é provavelmente reflexo da cultura africana de coroar o rei e rainha do congo, esses elementos tornam-se presentes no ritual que utiliza o chapéu como ornamento ou adorno decorativo dos foliões como tornozeleira, bastão etc.. Esses itens simbolizam a forte influência da cultura africana presente no território brasileiro, especificamente, no Norte de Minas Gerais, no distrito de Guaicuí (Figura 13).



Figura 14 - Chapéu de fitas usado pelos foliões na dança/ritual religioso em honra ao Divino Espírito Santo, 2020. Foto: Danilo Oliveira.

A força do congado na permanência de recordar e reviver as histórias do passado, fortalece e mantém ainda viva a tradição do rito que busca através da memória ou das lembranças de aproximar as pessoas da cultura, fazendo com que a comunidade unida possa partilhar deste passado que é conservado no presente e mantém características culturais que fazem a tradição ser moldada nas “motrizes africanas” ao qual é resgatada a partir da dança, e do tempo da memória que é construída junto a cerimônia e a oralidade do rito (LIGIÉRO, 2017, p. 04).

A arte, seja ela: cultural, religiosa ou política abrem espaços para atuação em vários campos da linguagem como é o caso das artes cênicas, a linguagem oral e a não verbal e o grupo de congada, pois através da dança possibilita essa comunicação entre o ritual congadeiro e a comunidade de Guaicuí. Essas linguagens trazem elementos da cultura norte mineira, símbolo tradicional encontrada em diferentes manifestações no processo de construção da identidade a partir da dança/ritual.

Guaicuí, se destaca nesse cenário da diversidade cultural do norte de Minas Gerais. Suas belezas encontram-se, em especial, embutidas em movimentos da cultura material e imaterial sempre baseada nas festas sociais, religiosas e folclóricas. O catopé em honra ao catolicismo popular homenageia o Divino Espírito Santo.

O congado de Guaicuí, tem uma forte influência na cultura oral e não verbal, pois busca trabalhar, valorizar e propagar a cultura brasileira, em especial o

processo congadeiro que fortalece a tradição local e valoriza a permanência do rito nos diversos usos da linguagem na participação e promoção do patrimônio no calendário cultural.

1.8 Dos paramentos dos foliões

As indumentárias dos foliões, que são as roupas usadas por eles durante as apresentações da congada, são costuradas com tecidos nas cores branco e vermelho, também chamadas de figurinos ou uniformes. Esses tecidos muitas vezes são doados pelos festeiros e/ou o grupo faz uma rifa e o que faltar para a compra dos acessórios faz-se uma vaquinha⁸.

Na maioria das vezes, o grupo conta com a mão de obra gratuita das costureiras, ou seja, muitas mães, avós ou amigas dos foliões se reúnem em um local escolhido por eles e realizam a confecção desses figurinos. O Divino Espírito Santo é representado nas cores branco e vermelho. Segundo alguns historiadores defendem que a escolha se deu-se pela farta distribuição de esmolas e de comida, conta-se também que devido sua generosidade em ajudar os menos favorecidos, ou seja, os pobres que à luz do Espírito Santo veio nas cores branco e vermelho. Contudo, outros elementos comuns entres as culturas católica e africana – um pássaro como símbolo, as cores vermelha e branca – contribuíram para que o Divino se torna prática regular entre os cativos.



⁸ Entende-se por vaquinha a coleta de dinheiro feita por um grupo de pessoas para o pagamento de uma despesa comum ou para a compra ou realização de algo; vaca. Este exemplo é usado para explicar o que é uma vaquinha, para a comunidade de Guaicuí, fazer uma vaquinha significa uma forma de arrecadação de dinheiro bem democrática em que cada um contribui com o valor que achar confortável. Muitas vezes, a contribuição se dá somente pela causa – por querer ajudar alguém, sem receber nada em troca.

Figura 15 - Apresentação da folia na casa do mordomo, 2016. Foto: Almira Rodrigues.

As roupas usadas pelos foliões homens são: camisa vermelha de manga curta com o símbolo do Espírito Santo, calça longa e sapato preto. As roupas usadas pelas mulheres são: blusa de manga curta com o símbolo do Espírito Santo, saia rodada até os joelhos e sapatilha preta. Os congadeiros de Guaicuí, acreditam que o figurino é muito importante na dança que segundo a entrevistada Assis, ratifica que:

As roupas destacam e realçam o grupo dando mais vivacidade a dança, os sapatos e sapatilhas foram uma escolha nossa do próprio grupo, pois acreditamos que fica mais leve o corpo na dança, além de que estes calçados ajudam na hora do sapateado pois ao sentir o chão a alma fica reacendida dando mais animação e emoção para juntos sapatearmos no ritmo da música que é acompanhada pelo toque dos instrumentos (ASSIS, 2020).

Os depoimentos colhido sobre o ritual congadeiro do distrito, durante esta pesquisa deram suporte para o fortalecimento do reconhecimento cultural da festa do Divino Espírito Santo, o qual está diretamente relacionado as roupas da folia que diferenciam esta tradição congadeira das demais.

Este cortejo congadeiro de influência africana reconstrói o passado através da dança e em função dela, uma vez que, as vestimentas dos foliões possuem significados o qual estão comumente ligados ao fazer artístico. Essas vestimentas claramente estão enraizadas a cultura guaicuiense que a partir da festa resgata o passado, na propositura de construir um futuro mais acessível a cultura congadeira na comunidade de Guaicuí - MG.

1.9 Dos instrumentos

Os principais instrumento usado durante a festa são tambores, violões, pandeiros, caixa, triângulo, repique de mão, reco reco, banjo, cavaquinho dentre outros que dão toda harmonia a festa. Estes instrumentos são usados em vários rituais no distrito de Guaicuí, como: São Gonçalo, Folia de Reis, As Pastorinhas, e outras atividades religiosas que fortalecem a cultural congadeira local. Os instrumento são feitos de: madeira, coro, aço, cola, corda etc.



Figura 16 - Ensaio com os instrumentos e tocadores da Folia do Divino Espírito Santo, 2018. Foto: Almira Rodrigues.

Segundo a entrevista realizada com Assis⁹, pode-se notar a tamanha importância dos instrumentos na festa.

Os tocadores são importantes porque eles animam a festa, onde há som há alegria, onde há música há diversão então eles fazem a animação da festa para que nós (foliões) consigamos dançar com mais alegria, harmonia e intensidade. Eles são extremamente importantes para festa tanto que na própria música da folia fala da importância dos gritos, das danças e das músicas, então são extremamente importantes sem a folia não haveria alegria durante a festa, sem os tocadores e os instrumentos não conseguiríamos fazer a folia (ASSIS, 2020).

Assim, os instrumentos tornam-se muito importante, pois cumprem sua função na execução do ritual. São eles os responsáveis pela harmonia das músicas, além de atrair muita alegria para a festa.

Nas práticas culturais dos instrumentos constituintes do congado de Guaicuí, que compõe o ritual religioso, esse reforça a importância desses para a *performance* corporal da folia do Divino. Essa manifestação congadeira de fazeres e saberes que compreende como elemento fundamental para a permanência do rito mostra que essas práticas são expressões socioculturais compreendidas a partir da

⁹Entrevista realizada pelo pesquisador Danilo Eustáquio de Oliveira Corrêa, com a congadeira e moradora do distrito de Guaicuí, adrecista da festa Margaret Antônia Pereira de Assis, coordenadora do administrativo da empresa "Grupo Mantiqueira". Outubro de 2020.

experiência instrumental no ritual congadeiro. Esses instrumentos de percussão, sopro e corda dão toda harmonia a festa, pois constroem esse processo de dimensão, cultura e congado.

É sabido que, os instrumentos musicais estão diretamente ligados ao costume da festa, é por essa perspectiva que esta pesquisa busca valorizar a permanência do rito na comunidade de Guaicuí, que está aos poucos sendo esquecida por muitos. Diante disso, estes símbolos e formas da prática instrumental, na festa, tornam-se de acordo com Ligiéro (2017, p. 04), “elementos da transmissão dos saberes”, pois acreditando na força da tradição é que esses símbolos, signos e significados vão ganhando maior resistência dentro do ritual congadeiro. Os instrumentos musicais, portanto, são de fundamental importância, pois reforça a oralidade dos cantos que dão mais ênfase na *performance* dos congadeiros e do ritual religioso.

1.10 Das músicas

As músicas nas congadas são manifestações de origem afro-brasileira que chegaram até o distrito de Guaicuí. As suas características estão intrinsicamente ligadas a celebração religiosa junto a festa do Divino Espírito Santo, que através do ritual cantam seus louvores que com ajuda da comunidade e dos devotos saúdam a descida do Espírito Santo.

Assim, as músicas dão uma potência significativa para o ritual congadeiro, pois os cânticos têm um papel fundamental na animação do rito é através dos instrumentos e da voz que o corpo consegue criar seu gingado dançando ao som que são cantados em honra, e gloria ao santo padroeiro daquela comunidade.

De acordo com Lucas (2002):

Todas as etapas dos rituais são permeadas pela música. Como em rituais religiosos africanos, música e danças são essenciais à condução dos rituais, indispensáveis à experiência religiosa. Todos os momentos são, pois, preenchidos pelas vozes e pelos instrumentos, segundo a ordem própria das construções musicais do congado (LUCAS, 2002, p. 51).

Essa tradição oral parte de um grupo de fiéis que se reúne com objetivo de selecionar os cânticos para a realização do rito, este processo de seleção dá-se a

partir das escolhas das músicas, pois as mesmas não podem fugir da liturgia diária. São músicas oracionais bem cantadas com letras apropriadas para o momento festivo. Não pode faltar durante as celebrações a ladainha e o cheiro agradável de incenso e mirra que é distribuído por toda igreja dentro de um recipiente ao qual se dá o nome de turíbulo, conduzido pelo coroinha. O convite ao rito é extensivo aos paroquianos do sagrado Coração de Jesus, vizinha cidade de Pirapora - MG. Os cantos ficam sobre a responsabilidade do coral mirim e o coral adulto pertencentes ao distrito e outras comunidades que fazem parte desta paróquia. Durante os três dias festivos, cada dia um grupo de coral ou ministério de música é convidado a cantar e encantar as missas com suas vozes que dão toda alegria e harmonia ao ritual religioso.



Figura 17 - Coral adulto Bom Jesus de Matozinho cantando na festa do Divino Espírito Santo, 2019 Foto: Reyvison Santana.

Este processo cultural de escolha dos cânticos para a festa vem seguindo uma tradição de anos em Guaicuí, onde reúnem-se na igreja do distrito os membros representante da festa, porque fazem parte da organização deste evento. Então, faz-se as divisões das tarefas e a pessoa responsável pelas músicas que alegam as celebrações reúne-se com seu grupo e escolhem os cânticos a serem cantados durante todo o ritual, lembrando que é seguido e respeitado a liturgia diária mesmo que seja uma missa festiva.

Esta relação entre as músicas, os cantos e a dança da folia do Divino dão todo um brilho, uma *performance* do terno de catopês, pois possui expressão oral da linguística que é cantada com a alma.

A música possui valores culturais e religiosos de expressão socioculturais que, de acordo com Queiroz (2005):

Os significados que inserem a prática musical numa determinada cultura, caracterizando a música e sendo caracterizado por ela, desempenham um papel significativo na construção da performance, sendo uma importante referência para a (re)definição da música como um sistema cultural. Assim, sons, formas, valores e significados se unem na configuração das características fundamentais que dão vida e forma a performance musical (QUEIROZ, 2005, p. 90).

A partir desses aspectos musicais entende-se que a música tem um papel importante na execução do ritual congadeiro, pois durante esse processo performativo é que estes elementos pertencentes as práticas musicais desenrola-se dando toda animação a festa. A música alegre, equilibra e dá vida ao rito, essas são umas das características identitárias da festa do Divino Espírito Santo.

Durante o processo de pesquisa realizado ao lado de moradores do distrito de Guaicuí, pode-se notar aspectos ligados a expressão musical muito forte dentre os moradores, de acordo com os mesmo, a música é a maneira mais fácil de cantar louvando ao Espírito Santo. Cantar é ter prazer e a música é a maneira mais fácil de si aproximar do santo Espírito enviado por Deus.

CÂNTICO PARA A SAUDAÇÃO AO DIVINO ESPÍRITO SANTO:

Salve o Divino Espírito Santo oiá

Salve o Divino Espírito Santo oiá

O Divino Espírito Santo / Chegou aqui nesta morada

Veio guiando a bandeira / Na poeira da estrada

Veio trazer a sua benção / Por nós muito esperada

Veio tirar a sua esmola / Pra igreja do queimado

A voz que canta ao Divino vem do coração, cantar ao Espírito Santo é cantar com a alma de filhos do santo Espírito. Este é o momento de manifestação e demonstração de fé dos fiéis. Ao longo do ritual religioso as músicas são cantadas e dançadas animando a população e os visitantes que vem prestigiar esse movimento histórico/religioso que saúdam os Santos devotos de uma determinada manifestação.

Corroborando com a ideia de africanização religiosa, Ligiéro (2017), em seu texto afirma que:

Entre essas performances destaco a presença do cantar-dançar-batucar, bem como a incidência do jogo dramático no ritual, que constrói, sem dúvida, uma performance afro-brasileira sem, contudo, que o elemento ético seja o preponderante. Desta forma, muitas vezes, a maioria dos participantes não pertence ao mesmo grupo étnico e o ritual ocorre de igual maneira, como se toda a comunidade fosse composta exclusivamente pela mesma etnia (LIGIÉRO, 2017, p. 04).

Esta expressão de motrizes africanas também está ligada a cultura religiosa onde diretamente envolve a dança, a música e a arte de um modo geral, essa celebração realiza-se no distrito de Guaicuí, por meio de uma teatralidade sinfônica onde os fiéis cantam, dançam e esperam a vinda do Espírito Santo, que trará vida e saúde a toda a comunidade cristã.

Nesta tradição oral o canto é puxado pelo grupo de coral Senhor Bom Jesus de Matozinhos, que é animado pelo público que acompanha o grupo nos refrãos, reforçando o canto e dando uma entoação de maior gravidade. As letras das músicas saúdam o Divino Espírito Santo, que através da dela narra a chegada do Novo Pentecostes que veio em forma de uma ave (pomba), trazer os sete dons do Espírito Santo.

O corpo em ação conjunta com a voz, canta e dança. Dessa forma, compreende que o caráter do ritual congadeiro é exaltar a partir da oratória e do corpo os processos práticos das performances do rito fundamentada na inter-relação entre corpo-canto-memória.

1.11 Dos ensaios

Os ensaios acontecem dentro da igreja semanas antes do início da festa, formam-se 06 (seis) pares, com 6 moças de um lado, do outro lado 6 rapazes, o grupo de foliões conta com os tocadores que também fazem parte desse rito e com as vozes que cantam e encantam são eles o coral adulto Senhor Bom Jesus de Matozinhos. Os ensaios acontecem com a presença dos capitães: Dilza Lopes de Oliveira e Danilo Eustáquio de Oliveira Corrêa, que são os responsáveis por ensaiar o grupo de congada, marcando os passos, ritmo e tempo da dança, além de incentivar os dançantes a cantarem bem alto em uma sinfonia equilibrada.

Além disso, os ensaios tornam-se muito importantes; segundo a capitã Dilza, é necessário haver vários ensaios, pois a passagem de um ano para o outro muitos foliões esquecem alguns passos e mudam alguns integrantes. Infelizmente, mudam de cidade para procurar empregos, outros saem e vão embora para estudar ou tentar uma vida melhor lá fora. Entretanto, essas mudanças ocorrem por se tratar de um distrito, ao qual a oferta de empregos e estudos é mínima, por esse motivo o grupo acaba perdendo muitos integrantes que se dissipam na vida a procura de melhorias (Figura 17).



Figura 18 - Reunião administrativa com os membros participantes a festa/folia do Divino, sobre os eventos religiosos para o próximo ano, respeitando as normas de segurança em prevenção ao novo corona vírus, 2020. Foto: Danilo Oliveira.

Diante desta realidade, a equipe está sempre aberta a procura de novos membros que queiram juntos com estes foliões levantar a bandeira do Divino, por isso é necessário um árduo tempo de determinação para estes novos integrantes. Os ensaios são importantes para que o grupo aprenda as letras das músicas e sigam as orientações destes capitães, que mostram como acompanhar os pontos do congado puxados por eles. Enfim, o ensaios são realizados no período da noite, entre às 18:00 e 19:00 horas devido um número considerado de foliões que trabalham no decorrer do dia. Os ensaios tem duração de um hora por dia e são importantíssimos, pois é durante eles que os mais novos vão tomando consciência da relevância da festa e aprendendo junto com os mais velhos sobre como manter preservado e fortalecido essa tradição que é a festa do Divino Espírito Santo, a qual a comunidade de Guaicuí ganha uma grande potência com esse ritual religioso.

Durante os ensaios em vários momentos os capitães param para orientar os dançantes de como entoar a voz acompanhando os instrumento, aos passos mais abertos ou fechados, essas são algumas orientações que são apreendidas neste período antes da festa.

De acordo com a fala da capitã Lopes, reitera que:

Os ensaio são importantes, pois eles servem para observar e analisar como os dançantes estão se aproximando dos ritmos e das coreografias que são muito bem preparadas. Através dos ensaios conseguimos observar as possíveis falhas e corrigi-las a tempo, esses são os métodos que usamos para evitar possíveis acidentes durante o ritual congadeiro.

Ensaio é segurança, ele serve para que cada um conheça seu corpo na coreografia e esta preparação auxilia na eliminação de todo e quaisquer nervosismos e/ou tensão que venham tirar a atenção dos foliões durante a dança (LOPES, 2020).

Assim, diante desta experiência vivida pela capitã¹⁰, torna-se notório que os ensaios são conceitos que são priorizados, pois é a partir das experiências no rito que os foliões vão durante os ensaios se conhecendo e aprendendo limitar suas dificuldades na dança, do mesmo modo, quanto mais ensaios houver entre o grupo menos riscos e falhas haverá durante os rituais.

1.12 Do sorteio para os festeiros do ano seguinte

¹⁰Entrevista realizada pelo pesquisador Danilo Eustáquio de Oliveira Corrêa, com a capitã do terno de congada Dilza Lopes de Oliveira, outubro de 2020.

O sorteio para seleção dos festeiro devotos do Divino, acontece no distrito de Guaicuí, aproximadamente um ano antes do rito, no último dia do ritual festivo designado festa do Divino Espírito Santo, o sorteio é feito sobre a responsabilidade de Elizabete Cordeiro Xavier, membro integrante da festa, ela relata que esse ritual do sorteio sempre acontece na comunidade.

O processo do sorteio dá-se sobre o consentimento dos sócios, ou seja, a responsável vai de casa em casa e pergunta a todos os integrantes sócios do Divino Espírito Santo, se eles querem fazer parte deste sorteio. A partir de então é feito três bilhetes que ficam dentro de um recipiente de vidro junto com outros bilhetes em branco, então, os nomes de festeiro, mordomo e procurador das joias ficam misturados aos bilhetes que estão em branco causando uma aflição aos concorrentes, e em um outro recipiente sobre a mesa da celebração ficam o nome de todos os sócios que aceitaram fazer parte desse sorteio para a escolha dos festeiros do próximo ano.

O sorteio acontece dentro das dependências da própria igreja sede da maior parte dos acontecimentos do rito, Então, os sorteados são apresentados a toda comunidade e saudados com aplausos calorosos. Antes da realização deste sorteio a organizadora faz um momento de muitas orações invocando ao Divino muita luz para esses próximos festeiros.

Assim, o processo do sorteio dá-se sobre a direção da organizadora, do padre e dois coroinhas para auxiliar o momento de seleção dos sócios. Este sorteio é realizado em frente todos os moradores e visitantes da igreja para que fique claro que não há escolhas feitas por membros da igreja, e, sim, um processo de sorteio realizada transparentemente, portanto as práticas acontecem dentro da igreja respeitando o espaço sagrado. Logo, após o sorteio, por conseguinte o padre celebrante apresentam os novos festeiros do próximo ano para todos ali presente, se em outro caso o sorteado não estiver no local, nem na hora do sorteio algum parente ou familiar pode subir até o altar para representá-lo.

Ao término o padre agradece os festeiros pela preparação da festa, a comunidade por participarem do ritual religioso e os visitantes por estarem juntos mais um ano festivo louvando ao Espírito Santo, e na oportunidade, também parabeniza os novos sorteados para o próximo ano. Em seguida, o padre dá a

benção à toda comunidade presente e assim, encera-se a santa missa na presença do Divino Espírito Santo.

1.13 Das barraquinhas de comidas típicas

Durante o tríduo¹¹, após a celebração religiosa fortalecida pela fé, inicia-se a parte social onde se reúnem a comunidade, a vizinhança, turistas para apreciar e saborear das deliciosas comidas típicas: feijão tropeiro, galinhada, arroz temperado, pastel e o caldão de costela com mandioca. As barraquinhas são de responsabilidade dos festeiros, que além da venda das comidas também ficam por conta de toda animação e diversão do rito com som e/ou bandas de cantores filhos da terra, objetivando um lazer aos cristãos depois de um dia cheio de louvor e fé, assim, todo o dinheiro arrecadado com a venda das comidas é repassado para igreja que é destinado a paróquia Sagrado Coração de Jesus que fica localizado na cidade de Pirapora - MG.

Os festeiros trabalham em equipe para não sobrecarregar nenhuma família, a comunidade como sempre unida ajuda com o que cada um pode, por exemplo, uns ajudam com pacotes de arroz, de feijão, óleo, frango, refrigerante, e assim por diante, a paróquia solidariza-se e ajuda como pode. As barraquinhas são feitas pelos festeiros, seus familiares e amigos, que utilizam da técnica de fazer barracas com madeiras, paus e palha, ou, então, optam em alugar barracas prontas. A ornamentação também fica por conta dessas pessoas que enfeitam e decoram as barraquinhas tornando-as bem atrativas para quem as ver.

Este evento reúne muitas pessoas e grupos de diferentes aspectos sociais, políticos e até religiosos, inclusive congadeiros de outros lugares, cidade e estados que vem prestigiar e conhecer um pouco da cultura guaicuiense. Esta, é uma festa tradicional de influência afro-brasileira e uma manifestação cultural, e religiosa. Nela não se pode deixar de faltar as deliciosas comidas típicas, que são tão esperadas pelos dançantes e devotos do Divino, o qual esperam os eventos

¹¹Tomamos a palavra tríduo que de acordo com o dicionário vem do substantivo masculino, em latim triduum, significa:

1. Período de três dias sucessivos.
2. Exercícios religiosos que se prolongam ou repetem durante três dias.
3. Festa eclesíástica que dura três dias.

"Tríduo", *In*: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/tr%C3%ADduo>. Acesso em: 14 abril de 2020.

religiosos acontecerem para no final comerem umas delicias comidas típicas e dançarem aquele forró arrasta-pé tão esperado durante todo o ano, pois se acredita que uma fé sem obras é morta.

1.14 Dos leilões

O leilão é um meio que a comunidade religiosa tem de conseguir fundos para suprir as necessidades da igreja. A festa religiosa, além dos leilões também possuem barracões de comidas típicas e muitas animações com showetc..

Os fieis doam as prendas (de acordo com as condições da pessoa) e estas são leiloadas em barracões ou em frente a própria igreja. Os prêmios e/ou prendas doados pelos fiéis, na maioria das vezes, são: frango assado com farofa, leitão vivo ou assado, novilha, biscoito de peta (famosa grade de biscoito), porções de peixe, de carne de sol com mandioca, cacho de banana, uva, queijo, requeijão e outras prendas mais (Figura 18).



Figura 19 - Leilão com barracões de comidas típicas em frente à igreja Bom Jesus de Matozinhos, 2015. Foto: Almira Rodrigues.

A pessoa que doa coloca o valor inicial para iniciar a oferta, Os interessados no produto vão disputando colocando valores a mais e assim vai a disputa até chegar no ponto de um desistir de “brigar” pela prenda. E então, aquela pessoa que deu o maior lance fica com o produto. Muitas vezes o arrematador torna

doar a prenda de volta para igreja, assim a mesma terá um aumento gradual em sua fonte de renda.

Quem grita o leilão é sempre alguém da comunidade que faz parte de movimento ou pastoral, que seja extrovertido para animar o público com brincadeiras e/ou outras formas que motivam às pessoas a participarem.

Quando o leiloeiro percebe que um dos interessados desiste, então ele fala: dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe três e entrega ao vencedor que deu o maior lance. E, escolhe outra prenda, assim leiloa todas as prendas. O pagamento é feito assim que a pessoa arremata a prenda e a recebe.

1.15 Alvorada festiva

A alvorada festiva acontece no amanhecer do último dia da festa exatamente as 05:00 horas com badaladas e o repicar do sino, queima de fogos simbolizando a chama do amor de Deus. Muitos fiéis despertam de seus sonos e levantam para assistirem o *show* pirotécnico que forma no céu um clarão, as luzes simbolizam a descida do Espírito Santo. O responsável pelo último dia do rito é o festeiro e sua família que empenham para concluir o tríduo, ou seja, o último dia de festa com muita harmonia e alegria.

O festeiro organiza os fogos dando início a alvorada festiva com uma duração de mais ou menos entre três e cinco minutos de queima de fogos e que volta a se repetir ao final da missa quando os fiéis saem em procissão pelas ruas da comunidade de Guaicuí.

Durante toda a procissão o festeiro solta fogos, chuvas de lágrimas uma coisa mais encantadora que a outra, além das músicas que são acompanhadas pelos sons dos instrumentos musicais que deixa ainda mais encantador a caminhada. O mais bonito é o repicar do sino que começa no início da procissão e só termina quando o povo de Deus retorna para Igreja.

A queima de fogos anuncia para os devotos do Divino o alvorecer do último dia do ritual no distrito de Guaicuí, essa tradição é marcada na comunidade que mantém viva e fortalecida esse ritual que graças a fé e a determinação dos cristão trabalham com muito amor e ardor o ano inteiro para a realização desse lindo evento, com isso é conservada essa tradição até os dias atuais.

A alvorada tem como significado anunciar a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos, desta maneira, anuncia que a comunidade está em festa. Este momento de oração é para os católicos o início da organização para festa de pentecoste, porque este é o momento de preparação individual de cada cristão para a descida do Espírito Santo sobre a comunidade de Guaicuí.

1.16 Oração do Espírito Santo

*Vinde, ó Espírito Santo, e enviei do Céu um raio de vossa luz.
 Vinde, pai dos pobres, vinde, dispensador dos dons, vinde luz dos corações.
 Consolador por excelência, doce hóspede da alma, nosso doce refrigério.
 No trabalho sois repouso; no ardor sois calma; no pranto sois consolo.
 Ó luz beatíssima, penetrai até o fundo do coração dos que Vos são fiéis.
 Sem vossa graça, nada há no homem, nada que não lhe seja nocivo.
 Lavai o que é impuro, fecundai o que é estéril, ao que está ferido, curai.
 Dobrai o que é rígido, aquecei o que é frio, e o que extraviou, guiai.
 Dai aos que Vos são fiéis, e em Vós confiam, os sete dons sagrados.
 Dai-lhes o mérito da virtude, a salvação no termo da vida, a eterna felicidade.
 Amém¹².*

Durante os festejos, a comunidade igreja, canta junto com o coral a ladainha do Divino Espírito Santo, enriquecendo assim o tríduo que se inicia na quinta-feira e se estende até o sábado. A Oração é para os fiéis uma maneira de alimentar a alma através do Espírito Santo, durante o rito de Pentecostes que acontece 50 dias depois da ressurreição de Jesus.

O congado de Guaicuí, sem dúvida é um patrimônio cultural de grande reconhecimento histórico por parte da população ribeirinha, também compõe o calendário cultural de Minas Gerais. Esta manifestação afro-brasileira é para os guaicuienses símbolo de reconhecimento e valores sobre o ritual congadeiro que busca discutir através desta pesquisa o conceito de *performance* artística que utiliza o corpo como mecanismo de construção da tradição oral e religiosa.

O congado do Norte de Minas Gerais é um conjunto de memórias culturais que se dividem em vários aspectos: geográfico, cultural, religioso etc.. Este cenário cultural e histórico dessa região corrobora para o reconhecimento do calendário cultural nacional. Desta maneira, o congado e a congada fazem parte das

¹²Disponível em: <[https://catolicamente.com.br/oracao-do-espírito-santo/?utm_source=Grants&utm_medium=Arautos Portugal](https://catolicamente.com.br/oracao-do-espírito-santo/?utm_source=Grants&utm_medium=Arautos_Portugal)>. Acesso em: 14/11/2020 às 14:31 horas.

atrações culturais de Guaicuí, assim, constroem sua trajetória a partir da memória, do ritual congadeiro que conecta através do rito uma relação entre o Sagrado e o Divino. Entretanto, o catolicismo cultural é uma abertura que abarca as tradições religiosas ligando-as a comunidade ribeirinha que juntos celebram e compartilham deste momento festivo. Sendo assim, a festa correlaciona o ritual religioso cultura do Divino as festas populares, porque o público que, na maioria das vezes, faz presença nos eventos sociais também estão diretamente ligados aos eventos religiosos.

A festa do Divino Espírito Santo, continua a fazer parte do potencial cultural neste distrito que diretamente uni o corpo/voz com o ritual congadeiro, essa prática faz com que o catopê se torne parte integrante da folia do Divino, pois de acordo com o ritual esta performance do catopê na comunidade de Guiauí junto a festa, traz mais harmonia e cores dando uma vivacidade mais alegre ao ritual congadeiro. Desta maneira permite ao pesquisador analisar esses processos do corpo na dança: religiosidade e rito congadeiro na comunidade de Guaicuí – MG.

Através destes registros do passado que o ritual mantém viva esta tradição, que narra a importância da memória a partir do rito, essa experiência auxilia na construção identitária do distrito. As memórias que foram deixadas pelos antigos junto ao ritual que simbolicamente apresenta através da festa a memória somática o qual é reativada ao lado da experiência durante o período festivo, portanto pensar na festa do Divino é reviver um passado que é mantido vivo próximo ao rito que celebram os costumes e as tradições que foram deixadas dos antepassados e por questões ética e cultural ser seguida pelas novas gerações, permanecendo, assim, uma cultura presente em uma sociedade que acima do racismo e do preconceito mantem-se viva.

CAPÍTULO II

A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO: dança, fé e devoção, uma expressão religiosa/cultural viva de um povo.

2.1 Aspectos do ritual congadeiro, na prática cultural folia do Divino

Uma das festas mais tradicionais do Distrito Guaicuí é a Festa do Divino Espírito Santo, que acontece todos os anos, entre os meses de maio a junho, após o último dia de Pentecostes. Semelhantemente, adança acontece com a participação dos moradores de Guaicuí e com a participação de comunidades circunvizinhas. Desse modo, realiza-se durante três dias de festa com muito louvor e agradecimento ao Divino Espírito Santo. E, cada dia há um responsável pelo evento: a festividade começa na quinta-feira, com a Santa Missa, o coral mirim cantando os louvores, o levantamento do mastro, a tradicional Folia do Divino, queima de fogos de artifício, encerrando com barraquinhas de comidas típicas, leilões, rifas e bingos (VIEIRA NETO, 2014).

Segundo a tradição, na festa, o responsável pelo dia é o mordomo, no segundo dia do tríduo, tem a participação do ministério de música de uma comunidade vizinha convidada para participar da Santa Missa e os festejos que dão seqüências ao dia anterior, com o intuito do responsável pelo dia, o procurador das joias. No terceiro e último dia da festa, tem a participação do coral Bom Jesus de Matozinhos, na celebração da Santa Missa. Em seguida, há a procissão com a imagem do Divino Espírito Santo, acompanhada pelo celebrante, o padre, os festeiros que levam o andor, os foliões, tocadores e cantadeiras, além de todos os fiéis presentes.

De tal modo, o percurso da procissão acontece nas ruas que estão no adro ou próximas à igreja, sede de todos os eventos católicos. Posteriormente, realiza-se o sorteio dos festeiros para o próximo ano que é realizado dentro da própria Igreja com a presença de todos, e, com as forças do Divino Espírito Santo. Ao final desse processo de seleção os futuros festeiros se reúnem e organizam preparando para as festividades do próximo ano. Dessa forma, o responsável pelo último dia do tríduo o festeiro, esse é-se o nome que se dá à maior figura da festa, porque, no passado, era chamado de imperador, na atualidade, chama-se de festeiro

do Divino Espírito Santo, e, após os sorteios, as festividades continuam com barraquinhas, comidas típicas e música ao vivo.

A procissão acontece nas ruas próximas a igreja católica, sede de todo o evento. A bandeira do Divino vai na frente guiando os fiéis que vem logo atrás cantando, rezando e louvando ao Espírito Santo de Deus (Figura 19).



Figura 20 – Folia do Divino Espírito Santo, no ano de 2016. Foto: Almira Rodrigues

A festa tradicional da comunidade de Guaicuí, distrito de Várzea da Palma é acompanhada com barraquinhas e leilões doados pelos festeiros e devotos da comunidade. O distrito Guaicuí todos os anos entre os meses de maio ou junho acontece a tradicional festa do Divino, com apoio dos festeiros e de toda comunidade de Guaicuí que se juntam para realização deste evento tão importante para o distrito.

Os Catopês de Guaicuí, durante todos os dias de festa, são responsáveis por dançar em louvor e honra ao Divino, além de alegrar todo o público presente, com suas danças e cantos que transmitem para todos a alegria de um dia repleto de luz e glória. Ademais, exibe-se o famoso sapateado, que é o gingado pelo próprio grupo dos foliões ao final da apresentação, que leva o público às palmas e à oportunidade de reviver essa manifestação, que surge no início do século XX. De acordo com os moradores mais velhos desse distrito. Assim, essa manifestação popular estende-se aos dias de hoje, que acreditam e perseveram no Senhor, a fim de que lhes

concedam júbilos de vida e esperança, para que, no ano seguinte, estar-se-ão presentes cantando e louvando a Deus.

O ANDOR é decorado/ornamentado pelos auxiliares que representam a igreja e durante a missa é abençoado pelo padre celebrante antes da procissão (Figura 20).



Figura 21 – Andor com os Dons do Espírito Santo. Foto: Almira Rodrigues em 2016

O andor vem com a figura de um pombo que é um símbolo representando o Divino Espírito Santo com seus 07 (sete) dons, sendo-os: Temor a Deus, Piedade, Ciência, Fortaleza, Conselho, Inteligência e Sabedoria.

Esta, em si, constitui-se de uma dança majestosa, porque os padres e os coroinhas entram no clima do sapatear. De imediato, a função desse catopês é buscar, de maneira lúdica e dançante para valorizar a identidade cultural dos moradores de Guaicuí, que com determinação mantém a força de vontade e perseverança de festejar a cada ano esse evento em solenidade ao Senhor Bom Jesus de Matozinhos. Por essa razão, em virtude dos festejos realizados no distrito, muitos fiéis vem de longe fazer agradecimentos ao Pai pelas Graças recebidas durante o ano transcorrido.

A Folia do Divino é originária de Portugal, onde se dança em ritmo acelerado, com o acompanhamento de cantos, pandeiro e adufe. No Brasil, especificamente, em Guaicuí, o grupo de homens e mulheres cantam e dançam, ao som dos instrumentos de corda e percussão, além de utilizar símbolos de sua devoção (Figura 21).



Figura 22 - Igreja Bom Jesus de Matozinhos, Grupode foliões, tocadores e Cantadeiras do Divino Espírito Santo em 2018. Foto: Almira Rodrigues

A Folia contempla o sagrado e o profano, implorando a proteção divina. O cortejo da procissão é formado pelo Padre, foliões, festeiros, mordomos, procurador das joias, além de todo os cristão que acompanham todo cortejo.

Desse modo, percebe-se que a religiosidade torna-se parte significativa para a população católica, em Guaicuí, porque essa contemplação de fé surgiu desde o final do século XVII e início do século XVIII, com a construção das Ruínas de Pedras de Guaicuí.

De acordo com Gomes e Pereira (1988):

A religião surge no momento da festa como a força que chega ao homem humilde sem reduzi-lo a um mero repetidor de fórmulas e orações. A festa reinstaura o espaço místico onde a fé se apresenta em sua acepção mais profunda, integrando o homem com o seu semelhante e com Deus (GOMES; PEREIRA, 1988, p. 100).

Por essa razão, a festa constitui-se, para os cristãos, uma maneira de ficar mais próximo daquilo que, muitas vezes, os distancia de Deus. Essa experiência com a

dança da Folia do Divino oportuniza viver e partilhar dessa memória coletiva, que auxilia na sobrevivência dos ritos e saberes, em virtude da celebração da festa e do culto em sua homenagem. Sendo assim, o congado e as festas de congadeiros é transmitido de geração para geração, como formas de expressão e devoção religiosas às famílias habitantes daquela região de Guaicuí.

2.2A Religiosidade na Festa e na dança da Folia Do Divino

Acredita-se que as manifestações tradicionais congadeiras estão, intimamente, ligadas aos movimentos negros da religião católica e seus rituais, no Brasil. Nesse sentido, Martins (1995) elucida que: “A cultura negra desenha-se, no Brasil e os Estados Unidos, por meio de uma persistente teatralidade, dramatizando, em variadas formas e atividades, a experiência do negro nas Américas” (MARTINS, 1995, p. 51). Desse modo, pode-se examinar que os dizeres dessa afirmação corroboram para a importância da participação do negro nas festividades culturais religiosas, que, segundo Martins (1997), envolvem elementos da cultura negra, entrelaçados com elementos da cultura branca e indígenas, que são representadas africanamente em rituais de santos católicos.

Da mesma forma, há a participação do negro no território brasileiro por contribuir para o reconhecimento dos festejos religiosos. De maneira idêntica, são esses os iniciadores da valorização do movimento congadeiro, que, em Minas Gerais, destaca-se por ser composto por sete grupos de diferentes manifestações. Mas, todos fazem parte do congado do estado mineiro. Assim, de conformidade listam-se: Congo, Moçambique, Marujada, Catopês, Cabloquinhos, Vilão e Cavallhada (RAMOS, 2011). Desse modo, todos esses movimentos culturais e religiosos contribuíram para o reconhecimento histórico do território Mineiro.

Neste contexto reitera Brasileiro (2019) que:

Essas identidades congadeiras e afro-brasileiras de descendência africana perpassa pelo campo do sagrado, da religiosidade e remete à memória e presença quilombola nos rituais e vivências. É portanto, de uma outra concepção histórica africana, de uma epistemologia negada pela cultura ocidental. É a lógica dos terreiros de Candomblés, onde se tem essa percepção de africanidade mais presente e por isso, Congado, Quilombo e o sagrado estão em diálogos permanentes, nem sempre visíveis, evidenciados, porém, o tempo todo vivos (BRASILEIRO, 2019 p. 38).

Diante disso, percebe-se que a congada constitui-se não só nos terreiros de candomblé, mas em movimento de representação religiosa e a sua importância não está apenas em religiosidade, mas no fazer artístico, no rito ou em sua representação. Portanto, o sujeito exposto nessas experiências faz existir um indivíduo em constante modificação sociocultural. Dessa maneira, os festejos religiosos tornam-se uma forma de unificar a partir da festa a permanência racial no ritual congadeiro na comunidade de Guaicuí.

Sob o mesmo ponto de vista, é-se preciso antes de tudo compreender o valor que a comunidade tem em relação com o rito/festa, ao Espírito Santo, restabelecer e abarcar em si de que maneira essas pessoas/fiéis, decodificam seus comportamentos religiosos no ritual. Entretanto, o que mais chama a atenção é a participação efetiva das crianças e adolescentes que juntos a igreja cantam, dançam, e glorificam ao Divino Espírito Santo ao cantar:

Salve o divino espírito santo oiá (bis)
O Divino Espírito Santo/chegou aqui nessa morada
Veio guiando a bandeira/na poeira da estrada
Veio trazer a sua benção/por nós muito esperada
Veio tirar a sua esmola/pra igreja do queimado [...], (REIS, 2020, s. n.).

A construção do corpo, na dança, expressam as interconexões da transformação performática do *locus* na própria cena, como modificador da identidade dentro de um processo demorado ou acelerado, decodificado ou atualizado por meio da memória, seja ela: afetiva, coletiva ou até mesmo individual, só se é possível experimentá-la a partir de vivências culturais, movimentos e festejos. Nessa analogia, que o corpo faz-se festa, alegria por meio da construção e dessas práticas culturais que fazem com que a tradição possa ganhar um conceito significativo nos *status* culturais da cultura nacional.

De acordo com Costa (2018), há um corpo para si refletir sobre os atravessamentos e abordagens da dança sob uma égide de analisar as variadas maneiras em que se conhece a história que se desenvolve a partir dos processos experimentais do corpo, ao argumentar que: “O corpo que é festa, festeja, narra saberes, torna-se visível na instabilidade entre o sagrado e o profano, entre luzes e trevas, entre certo e errado e tantas outras dicotomias” (COSTA, 2018, p. 117).

Ocasionalmente, este corpo que festeja é a arte traçando através da dança, do divertimento ou da crença, eventualmente, essa festa era a diversidade cultural, o marco, o acontecimento ritualístico das práticas tradicionais e históricas, que perpassam aos moldes pedagógicos do corpo que, ora cantam e dançam, ora de um corpo que encantam a plateia.

Neste íterim, a Folia do Divino Espírito Santo, do distrito Guaicuí, fortalece as manifestações culturais que perpassam por algumas dificuldades dentro da comunidade, simultaneamente, a falta de incentivo político afeta intensamente a propagação da festa, mas a resistência em manter viva e preservar a celebração que se torna marco na cultura popular norte mineira foi forte por parte da comunidade que luta unida, para em coletividade garantir a sobrevivência cultural da memória coletiva do lugar.

A princípio, mais ou menos nos 4 últimos anos as dificuldades estão em emergir, devido à falta de apoio político municipal que quase nunca estão dispostos a ajudar neste resgate patrimonial o que acaba dificultando a permanência do rito vivo na comunidade que buscam no corpo a expressão de cantar e dançar aos sons dos instrumentos que trazem a melodia e vão guiando o corpo pelas músicas cantada pelo coro, pelo rito, ao mesmo tempo vai-se encantar e transfigurar através das letras que dão uma nova vida aos dançantes por meio do ritmo, som e cantoria, à medida que as músicas são cantadas e tocadas como se aquele corpo suado, cansado ou cheio de tabus, ao dançar lança-se nas dificuldades: físicas e mentais, porque são conduzidas, de acordo com o ritmo e a melodia. Nesse hiato, tem-se que aprender a olhar para o seu próprio corpo e acreditar na potência que ele possui, indiferente de qualquer impossibilidade o *locus* move-se, de acordo com o sistema sensorial e nesse momento tem-se que reaprender a despertar esse corpo em que se encontra desativado pelo modo de viver, pela labuta diária, pela imposição da igreja/sociedade, por esse viés, aprende-se que não há propriedade privada do corpo e esse movimento precisa estar sempre atuante por todos em suas diferentes manifestações. De maneira idêntica Foucault (2013) afirma que um:

Corpo incompreensível, corpo penetrável e opaco, corpo aberto e fechado: corpo utópico. Corpo absolutamente visível, em um sentido: sei muito bem o que é ser olhado por alguém da cabeça aos pés, sei o que é ser espiado por trás, vigiado por cima do ombro, surpreso quando percebo isso, sei o que é estar nu; no entanto, este mesmo corpo que é tão visível, é afastado, captado por uma espécie de

invisibilidade da qual jamais posso desvencilhá-lo, (FOUCAULT, 2013, p. 10).

Além disso, há um corpo que canta e dança que fazem medidas e não fica longe da vista humana sem apresentações, pois esse corpo seja modelo, espelho de entendimento, compreensão para a comunidade que habita esse distrito, porque a arte transforma a dor em dança, a raiva em melodia e as lágrimas em um canto.

2.3 As *performances* do corpo como mecanismo de comunicação.

Entender o corpo como lugar do sensível, que narra histórias, fatos e acontecimentos dentro da sociedade torna-se uma característica de manifestação de um mecanismo próprio dessa comunidade, ao ser criado para relacionar ou trabalhar o corpo, por essa razão, ultrapassa o instrumento para galgar uma sapiência do lugar do saber, que, segundo Mauss (1974, p.166), “o corpo” insere-se ao vínculo de intenções e identidades, que atende aos desejos de dominação e de resistência para garantir a sobrevivência, de modo contínuo, a identidade local.

De maneira geral, o corpo é a forma de se comunicar com o espaço e não apenas um instrumento físico. É-se nessa sabedoria do corpo que se entende como lugar da experimentação ao se fortalecer com sapiência ao corpo que se torna experiência, enquanto, a dança em si, por si só, manifesta através do próprio corpo.

É-se nessamesma perspectiva que Larrosa (2014), afirma sobre a experiência que:

O sujeito da experiência é um sujeito ‘ex-posto’. Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a ‘oposição’ (nossa maneira de opormos), nem a ‘imposição’ (nossa maneira de impormos), nem a ‘proposição’ (nossa maneira de propormos), mas a ‘ex-posição’, nossa maneira de ‘ex-pormos’, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre, (LARROSA, 2014, p. 26).

Desse modo, esse corpo que se multiplica como um lugar do saber que se torna um espaço da experiência, em que as coisas acontecem a partir dos

experimentos coletivos ou individuais para obter o resultado da soma daquilo que o corpo, na forma de experiência, expressa e transmite ao público, pois, de acordo com Larrosa (2014): “[...] a primeira coisa que é preciso fazer é dignificar a experiência, reivindicar a experiência” (LARROSA, 2014, p. 40). Acredita-se que dignificar a experiência é dar sentido ao corpo que sente, canta e dança a partir da experiência vivida nas manifestações culturais populares.

As lembranças são armazenadas na memória, à medida em que são revividas em uma dança, ou música, ou até mesmo uma imagem(fotografia), elas ativam o modo lembranças onde todas as memórias que estão guardadas a anos ou até décadas são desencadeada a partir do contato com o consciente. Este contato visual e/ou participativo permite ao outro enxergar na cena aquele corpo que ao mesmo tempo que dança, também celebra o catolicismo popular ou a cultura popular é o mesmo corpo que contribui para a construção de uma identidade religiosa/cultural a partir da relação entre pessoas diferentes em vários aspectos sociais, culturais e religiosos.

Reiterando, Bosi (1979) ainda afirma que:

A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos do convívio e os grupos de referências peculiares a esse indivíduo. [...] A menor alteração do ambiente atinge a qualidade íntima da memória, (BOSI, 1979. p. 17).

Assim, percebe que a memória está diretamente ligada as lembranças que são desencadeadas a partir da vivência ou de experiências que remetem reviver um passado que está aos poucos sendo esquecido e/ou desativado, isso se deve a pouca experiência em vivenciar um passado que é substituído pelo presente momento que é causado por inúmeras realizações que vão ocupando essas lembranças, ou seja, não quer dizer que a memória é apagada não, mas, possivelmente, essa memória fica esquecida devido ao não uso dessas lembranças (Figura 23).



Figura 23 - Folia do Divino Espírito santo, dança saudando a Bandeira na Comunidade de Guaicuí-MG. Grupo de Foliões - foto: Almira Rodrigues, 2015.

A festa do Divino Espírito Santo, na comunidade de Guaicuí é uma festa em honraria e muita fé, cujo ritual religioso é acompanhado por diversos católicos da região entre outros visitantes e turistas que prestigiam esse evento religioso que reúnem muitos fiéis. O Divino Espírito Santo anuncia a chegada do Novo Pentecostes. A comemoração faz-se com ornamentação das ruas, enfeites, celebração, sorteio, barraquinhas de comidas típicas entre outros divertimentos. O andor é sustentado nos ombros dos penitentes, muitas vezes são os próprios festeiros, ou seus familiares que o levam, mostrando a toda comunidade a passagem do Divino, trazendo suas bênçãos ao povo.

As manifestações artístico-religiosas vindas dos antepassados desperta uma curiosidade em pesquisar essas práticas culturais, ao analisar de que maneira a tradição com muito esforço ultrapassa os tempos para chegar até a atualidade e continua a si fortalecer no âmbito cultural desse povo por meio da religiosidade, e, das festividades religiosas. De tal modo, essa pluralidade cultural e essa oralidade estão presentes no festejo do congado do Distrito Guaicuí, ao manter as memórias vivas naquele espaço, o que corrobora para o seu reconhecimento cultural, filosófico, político, religioso e liga esses movimentos às representações artísticas performáticas da cena.

Desse modo, ao trabalhar a cena como mecanismo de construção da história local, abre-se um leque de oportunidades para as manifestações da cultura popular a comunicação oral e religiosa, que reúne um relativo número de pessoas para essas festividades. A partir dessa pesquisa, pode-se perceber esse cruzamento das culturas africanas e o ritual congadeiro de potencialidade por meio das festas tradicionais, que possibilitam uma experimentação do corpo na cena, a partir da

dança cultural da Folia do Divino, que acontece entre os meses de maio a junho de cada ano com a tradicional festa do Divino Espírito Santo, na comunidade de Guaicuí.

Sobre o processo de memória, Brasileiro (2019), por sua vez, reitera que:

A memória é a possibilidade de se reconstituir o passado, de recordá-lo sob a luz de novas leituras desencadeadas no presente. Por isso, a memória quando acessada termina por despertar naquele que a vive, não somente uma recordação de concretude como igualmente, de questionamentos. Se essa memória encontra suporte discursivo, ela se torna mais peculiar e as disputas que surgem por meio dessas memórias, suscitam várias interpretações, entre as quais, os testemunhos orais que contribuem para trazer à tona outras versões do passado (BRASILEIRO, 2019, p. 106).

Nesse contexto de recordar é que se pretende trabalhar as relações da memória cultural na festa do Divino Espírito Santo através do corpo na dança, que busca mostrar que essas práticas estão presentes no corpo, desde à história do surgimento da dança folclórica, na festa e no fazer artístico, pois foi por meio do tempo que esses signos, passam a fazer parte do fortalecimento, do reconhecimento cultural/tradicional da comunidade de Guaicuí, distrito de Várzea da Palma.

Por essa razão, essa festa tradicional torna-se significativa para os guaicuienses, porque se constitui em um marco na história da cultura religiosa, uma vez que, foi por meio da festividade que os cristãos fortalecem a fé na Igreja e a crença na religião, e, acreditam que é a partir da alimentação da fé que os dons do Espírito Santo concedem a graça almejada.

A partir da análise realizada sobre o ritual congadeiro na comunidade de Guaicuí, pode-se observar que, através da vivência com o movimento artístico e suas práticas culturais é que o distrito fica tomando conhecimento cultural daquilo que realmente é importante para a formação identitária desses grupos de diferentes aspectos: sociais culturais, religiosos e políticos. Por esse viés, é que a experiência se torna um veículo para a escrita deste trabalho, o qual, embora se realiza graças a dedicação e a persistência em buscar valorizar as manifestações religiosas dessa localidade, como: a Festa do Divino, por exemplo. Essa mesma, que, com o passar do tempo, torna-se esquecida pela população local, mas lembrada por algumas pessoas, as quais, diretamente, tem um vínculo com a congada por desejos religiosos e pessoais, ou por estar ligada à herança cultural de família. E, é nessa

observação que sequencia esta pesquisa, pois se espera que este trabalho contribua para o reconhecimento cultural e religioso desse distrito.

De acordo com a linha de pensamento sobre o congado e a congada de Guaicuí, cita-se Gomes e Pereira (1988):

Existe uma semelhança entre os termos Congos, Congada e Congado. A denominação congo é mais usada no Norte e Nordeste, designando a totalidade do auto; pode também designar uma guarda ou terno como em Minas Gerais (GOMES; PEREIRA, 1988. p. 183).

O processo ritual da prática performativa congadeira é um movimento de cultura religiosa, pois essa expressão de matriz africana está intimamente ligada a uma simbiose onde envolve a dança, o canto e a religiosidade. Esta manifestação acontece no distrito de Guaicuí, entre os meses de maio ou junho. Esse processo da prática corporal na dança constitui signos e símbolos da cultura cristã conhecida na região por congado.

A fim de entender as várias manifestações culturais, no país, a música, se destaca como símbolo de representatividade ao expressar os valores significativos da cultura, assim, como as letras musicais trazem consigo sentimentos e expressões: dogmáticas ligadas a crenças, credices, ou até mesmo de devoção religiosa, como propósito de poder afastar a tristeza, e trazer alegria por meio dessas canções que agregavam as manifestações tradicionais nos diversos grupos religiosos. Desse modo, o congado é-se a expressão viva da história que atravessa campos significativos dos saberes da cultura mineira (QUEIROZ, 2005).

A expressão: O corpo na dança: religiosidade e rito congadeiro na comunidade de Guaicuí - MG, remota à importância do congado como memória viva cultural do Estado de Minas Gerais, ao compreendê-lo qualitativamente as expressões significativas da dança folia do Divino, como, principal meio de expressão religiosa no contexto formativo dos grupo de congadas que ligam aspectos religiosos a cultura ritualística da dança. Por consequência, os elementos fundamentais que caracterizam a dança são os elementos presentes na *performance* do grupo que utiliza o corpo como mecanismo de comunicação ao somar-se com elementos fundamentais para manifestação ritual/religiosa (MORAES, 2014).

O ritual congadeiro destaca-se por ser uma manifestação da cultura popular, em Minas Gerais, em virtude disso a sua representação encontra-se nas letras das músicas e nas danças que foram acompanhadas de muitas palmas, badaladas de sinos, fogos de artifícios, fé, crença e devoção, por exemplos. Uma vez que, constitui-se em um festejo que refletem nas pessoas participantes o rito harmônico de: paz, amor e saúde sem contar com as Graças que são alcançadas, por consequência disso, os dias festivos fortalecem a identidade cultural em uma perspectivas de trazer para o distrito Guaicuí. Muitas alegrias com os dias festivos que celebram a descida do Divino Espírito Santo, porque, essa festa abarca para os guaicuienses uma (re)significação dos valores culturais e suas relações entre o sagrado e o profano (MORAES, 2014).

Neste contexto cultural das manifestações tradicionais de Guaicuí, o ritual congadeiro refletido da festa do Divino Espírito Santo, traduz a configuração do congado que é trazido pelos negros escravos no início da colonização do Brasil. Essa mistura das diferentes expressões culturais chegam naquele período, à medida que se constroem fragmentos importantes para a atualidade, em que se pode tornar essencial para o reconhecimento da cultura negra, no Brasil (BRASILEIRO, 2019).

Atualmente, no Brasil, especificadamente, em Minas Gerais, os rituais congadeiros acontecem em várias regiões no Estado. Em contraste com esses festejos fazem parte da pluralidade cultural desenhada em diferentes grupos do congado, como: Congo, Moçambique, Marujada, Catopês, Caboclinhos, Vilão e Cavalhada. Essas Manifestações em si, por si só, constituem as *performances* existentes em suas particularidades que se dividem em grupos, logo, cada uma dessas manifestações culturais evidenciam à importância desses festejos para a valorização identitária de cada uma das regiões mineiras.

Em primeiro lugar, em Guaicuí, os elementos do congado estão, comumente, ligados à Folia do Divino, *performance* cultural que se canta, toca e dança. Em princípio, esse nome chega junto à festa do Divino, porque não há, na região, antes desse momento registro do termo *congada*, essa nomenclatura torna-se substituída por: Festa do Divino Espírito Santo ou Folia do Divino (VIEIRA NETO, 2014).

De maneira principal, a dança representa a conquista da finalização dos trabalhos que estão a ser preparados durante todo o ano, logo após esses processos de preparação tem-se o envolvimento de todas as pessoas ligadas a

festividade por meio dos festeiros e família, mordomo e família, procurador das joias e família, e, todo o corpo que representa à igreja. Sendo assim, há uma preparação do figurino que fica na responsabilidade da mestra da Folia, LOPES, que organiza os ensaios da dança com o grupo, além de fazer parte do coral que canta em louvor ao Divino Espírito Santo (RAMOS, 2011).

Além disso, as práticas culturais da *performance*, Folia do Divino, é a responsável fundamental pela dança durante os dias de festejo, pois alegra a igreja e as ruas durante o percurso do festejo. Não obstante, a coreografia e as músicas chamam à atenção de todo o pessoal que estão presente, por certo os envolvidos diretos ou indiretamente, ficam encantados com os movimentos corporais e com as músicas que se exibem como meio da apresentação cultural. Por certo, cada festa possui a sua própria especificidade e a Folia do Divino, dentro de suas singularidades buscam juntos a igreja e a comunidade cristã, ressignificar os aspectos culturais e sociais do distrito a partir da festa em honra e glória ao Divino Espírito Santo (VIEIRA NETO, 2014).

Mediante ao exposto, Moraes (2014) acrescenta essa manifestação dentro de duas majestosas danças do distrito de Guaicuí, dança de São Gonçalo e Folia do Divino ao afirmar que:

A dança de São Gonçalo recentemente premiada como sendo a única dança ainda persistir na região, a folia do Divino, a festa do Divino Espírito Santo e o teatro, tudo isso faz parte do acervo cultural do lugar. A nova geração de professores e alunos vêm lutando para resgatar essas tradições como mostram as fotos seguintes. Durante as festas do Divino realizadas entre os meses de junho e julho, os jovens orientados pelos professores e demais pessoas da comunidade apresentam a Festa do Divino vem sendo resgatada por alunos e professores nas festas, que vinha perdendo sua tradição como a Cavahada, hoje em poucos lugares e, do nosso conhecimento, apenas em Brejo do Amparo distrito de Januária (MORAES, 2014, p. 91).

Desse modo, sem dúvida essas festividades figuram como responsáveis essenciais para a permanência da cultura local, bem como o sentimento de pertença entre o povo e sua comunidade que renasciam aos poucos, ao resgatar o patrimônio cultural de Guaicuí. Nesse sentido, ao recorrer ao depoimento dado pelas moradoras de Guaicuí, Dilza Lopes de Oliveira e Diva Lopes de Oliveira, que tem como profissão o magistério percebe-se que as participantes desta pesquisa por

meio do viés cultural local, narram à importância de restaurar parte dessa manifestação artística que se constitui no rito ao Divino, porque:

[...] a primeira folia do Divino foi dançada no ano de 1985, por moradores daqui da comunidade ribeirinha. A festa já existia e que os pais Joaquim Lopes e Rosa Pereira Lopes, contavam que desde que eles eram criança a festa já existia e era celebrada com três dias de muito louvor, tinham cavalhadas, cavalgadas levando a bandeira por todo o distrito, procissões, hasteamento da bandeira etc. Contavam também que a folia veio surgir anos depois através do prefeito Mário Francisco de Moraes, que oportunizou incrementar a dança com o intuito de fortalecer e enriquecer as festividades em honra ao Divino Espírito Santo, (LOPES; OLIVEIRA, 2020, s. n.).

Entende-se que, essas características estão presentes no processo evolutivo dessa comunidade desde o século passado, XX, até a atualidade, porque continua seguir a linha contínua de tradição.

Durante o festejo canta-se ao Divino, o cântico: “os devotos do Divino vão abrir sua morada pra bandeira do Divino ser bem vinda e ser louvada ôiaíá” (VIEIRA NETO, 2014, [s.p.]). Por certo, essas memórias lembram-se e ficam no participante como um registro daquele momento vivido, que em alguns momentos de diálogo ou pensar pauta-se no pensamento, da mente humana.

Nesse sentido, sabe-se que: “A lembrança é a sobrevivência do passado” (BOSI, 1979. p. 15). Indubitavelmente, essas lembranças fortaleciam a memória ao fazer perpetuar a tradição que ora se encontra perdida ou esquecida, no tempo, por meio de uma persistente ignorância que se tem, mas ao pensar em tempo pretérito percebe-se que o passado insere-se na continuidade do presente por meio de atos, atitudes religiosas ou pagãs.

Além disso, ao reviver o passado resgatam-se os valores memoráveis que estão sempre presente naqueles povos, habitantes, porque:

Uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reparação (BOSI, 1979. p. 39).

Por outro lado, as lembranças quando cultivadas a partir das experiências fortalecidas com o ritual congadeiro, ao ser construída por meio da memória fica na consciência tudo que é aprendido e experienciado, não só recordar, vivenciar, mas

lembrar de um passado que só é acessado mediante as lembranças que ficam guardadas em sua memória e embora passadas são ativadas/atualizadas no momento presente em que histórias são contadas. Desse modo, passa-se a recordar fatos e histórias que se vive em um determinado período de tempo, da mesma forma, os acontecimentos estão ligados: a dança, a música, ao modo de fazer, falar e/ou até mesmo em ouvir/assistir uma história. De acordo com essas lembranças, tem-se aquelas que ficam guardadas no consciente, porque ao se falar os pensamentos criam recordações e expectativas para reviverem essas memórias afetivas em um outro momento futuro (LEAL, 2011).

A bandeira do Divino Espírito Santo guiam os foliões e toda comunidade presente neste festejo. Dessa maneira, a bandeira tem como função religiosa guiar a comunidade em seu cortejo pelas ruas do distrito até a praça Fernão Dias Paes Leme, onde acontece o seu hasteamento (Figura 23).



Figura 24 - A bandeira do Divino Espírito Santo sendo buscada na casa do mordomo: Flávio Rodrigues Soares, 2014. Foto: Almira Rodrigues.

A bandeira do Divino Espírito Santo, representa a iconografia cultural do distrito de Guaicuí, onde acarreta uma potência religiosa muito grande com sua chegada despertando nos fiéis muita emoção. A bandeira carrega consigo vários signos e símbolos que só um cristão devoto consegue compreender seu valor cultural e religioso, pois é por meio do estandarte que os fiéis acreditam que seus pedidos são encaminhados a Deus, para que, assim, consigam atingir a graça almejada por eles.

É, portanto, a partir da análise desse movimento congadeiro que o processo de construção do corpo em *performance* tem levantado algumas inquietações sobre estes atravessamentos que o corpo passa enquanto dimensão, ou seja, o corpo enquanto registro da memória desencadeando em quem assiste as lembranças que surgem a partir da dança “manifestada por gestos simbólicos” que, segundo Sánchez (2010), esses gestos tem uma importância na dança-teatro, que são movimentos múltiplos que o próprio corpo vai seguindo no ritmo da melodia criando assim uma “simbiose” (SÁNCHEZ, 2010, p. 26-27), a partir dessa leitura entende-se que essas dinâmicas sobre o corpo dança e a dança-teatro estão ligadas as dinâmicas do corpo que é organizada junto as manifestações que acontecem no distrito Guaicuí, e que tem contribuído para as práticas culturais e o ritual congadeiro que dialogam com a festa do Divino Espírito Santo junto ao movimento religioso.

Ao se propor desenvolver esta pesquisa sobre o ritual congadeiro de Guaicuí, pode-se vivenciar a singularidade da dança junto a fé e a religiosidade viva, presente em um povo onde os aspectos ligados ao congado é fortalecido graças a devoção. A religiosidade abre um espaço para que os cristãos e a comunidade de um modo bem geral vivencie e participe destas festividades que dão todo o valor cultural ao movimento, dentro de um espaço que seja ele tanto privado como público, o importante é ser participante ativo dessas manifestações, onde as práticas performativas é o principal processo de construção do rito.

Espera-se que o próximo capítulo desta pesquisa traga informações mais detalhadas sobre esses elementos e símbolos que caracterizam o congado de Guaicuí, junto a identidade cultural que vem atravessando tempos difíceis, mas que graças a determinação e a persistência continua viva essa história. O reconhecimento histórico e religioso por parte de toda a comunidade tem impulsionado a continuidade deste rito por meio da experiência performativa dentro do ritual congadeiro, esses símbolos remetem a permanência do rito sobre os

elementos que atravessam o corpo em processo de *performance*. Suas práticas sociais ganham espaço dentro da oralidade e da narrativa religiosa que através da dança mantém a memória do distrito viva, que junto a festa do Divino Espírito Santo, celebram este ritual congadeiro.

CAPÍTULO III

ELEMENTOS, SÍMBOLOS E SIGNIFICADOS NA IDENTIDADE CONGADEIRA QUE ATRAVESSAM GERAÇÕES

Este texto sobre os aspectos congadeiro procura narrar de maneira direcionada o ritual religioso constituinte do distrito de Guaicuí. Nessa mesma propositura serão trabalhadas os elementos que compõe as dimensões culturais, artísticas e sociais que trazem para discursão o corpo do congadeiro na cena, enquanto dimensão performativa. O que este trabalho traz em suas entre linhas é uma manifestação cultural viva de um povo barranqueiro, ribeirinho que constrói sua história as margens de dois rios que são lindo e bom para pescar, os imponentes rios: Das Velhas e o São Francisco, duas fontes naturais que abastecem cidades, lugares e fazendas, são lindos em sua essência e Guaicuí, é agraciado por ser banhado por esses majestosos rios.

O rito, os aspectos congadeiros e a dança reacendem na comunidade um olhar para esse processo de transmissão oral ou performática, pois é a experiência a corresponsável pela propagação dessa vivência, aquela pessoa que não vive o processo cultural, que não experimenta de maneira significativa os aspectos da cosmovisão, não é capaz de desencadear de maneira bem individual a sua bagagem que aos poucos é preenchida a partir da experiência que se tem diariamente, seja em eventos culturais ou sociais, por exemplo: festa de Reis, das Pastorinhas, de São Gonçalo, vaquejadas, rodeios, bingos, grêmios e festas populares tradicionais, esses eventos possibilitam que as pessoas enriqueçam suas culturas a partir de processos experimentais.

Para Bauman (1992) as culturas populares prendem-se ao fazer artístico, pois é:

Parte do processo de transmissão entre gerações é aquilo que chamamos de educação, que se refere ao ato deliberado de ensinar os mais jovens. Nas culturas letradas, o processo é bastante formal e normalmente acontece em organizações específicas: escolas, faculdades e universidades. Nas culturas orais, o aprendizado é inevitavelmente um processo mais contextualizado, que ocorre 'no próprio fazer', e não em uma instância específica (BAUMAN, 1992, p.18).

Frequentemente, a partir dessa educação multicultural Bauman (1992), relata à importância do ensino através do processo oral, das diversidades, das raízes culturais, da aprendizagem entre a escola e a cultura, e, de todos os fatores adicionais por meio da contextualização, que outrora ocorre junto ao próprio fazer, à medida que torna a escola um ambiente multiculturalizado e benéfico de junção de todas as múltiplas culturas como elemento educacional, pois, a educação formal oportuniza em seus espaços a disseminação de qualquer tipo de saber aos alunos de diferentes grupos sociais, étnicos, culturais e religiosos, por exemplos.

Consequentemente, torna-se a escola um espaço em que todos aprendem e ensinam, à medida que respeitam as diferenças e há práticas pedagógicas eficientes ao (re)aprender por meio de suportes de conteúdos que suscitam nos alunos a compreensão de ser humano que perpassam o científico para o cultural no processo-aprendizagem escolar (BATISTA, 2015).

Nesse meio tempo, entende-se que a experiência, segundo Larrosa (2014), constitui-se em tudo que acontece dentro da existência humana, que atravessa a matéria e toca a alma, no sentir, ao mesmo tempo faz com que aquilo que está em sua volta ressignifica um fazer novo, para que se faça sentido ao que está vivenciando em um dado momento.

Por esse prisma, sabe-se que há alguns resultados parciais na vida, em geral, impregna-se das experiências vivenciadas: boas ou ruins, mas significativas para reconfigurar o presente e aprender a sobreviver em meio ao certo e ao errado através do discernimento de escolha. A partir desse saber, percebe-se que a assertiva de Larrosa (2014) sobre experiência mostra essa relação entre o conhecimento e a vida, pois é a partir dela que o homem evolui e se constitui.

Quando se fala em experiência, a mente humana traz ao consciente os momentos que são partilhados ao decorrer do tempo. Em virtude disso, há valorização da liberdade pelo tempo transcorrido em cada sujeito, porque essas vivências oportunizam nas diferentes formas de expressão fazer com que a pessoa dentro da comunidade que reside expressar a sua manifestação social, cultural e religiosa.

Desse modo, entende-se que é a partir da experiência individual, ou em grupo, que se lapida o conhecimento, ao manter viva essa identidade coletiva na construção e na formação do tradicional através da festa do catolicismo popular em suas dimensões, neste caso, a religiosidade e festejos populares (Figura 24).



Figura 25 - Certificado de participação do 1º encontro de Folias de Várzea da Palma, 2019.
Foto: Secretaria de Educação de Várzea da Palma - MG.

Por essa razão, discute-se as ideias sobre o corpo na dança que retrata sobre a importância de um contato direto com o próprio corpo, ao conhecer cada parte que é tocada e simultaneamente, sentir as variadas linguagens que esse corpo produz através dos saberes que são transmitidos de uma geração para outra pelo ritual congadeiro.

Sendo assim, segundo Martins (2003), ao elucidar sobre o ritual congadeiro assevera que a *performance* constitui-se:

[...] de uma estrutura simbólica e litúrgica complexa, os ritos incluem a participação de grupos instintos, denominados *guardas*, e a instalação de um Império negro, no contexto do qual autos e danças dramáticas, coroação de reis e rainhas, embaixadas, atos litúrgicos, cerimoniais e cênicos, criam uma performance mito poética que reinterpreta as travessias dos negros da África às Américas (MARTINS, 2003, p. 71-72).

Desse modo, compreender o ritual congadeiro como parte integrante para o processo de manter viva as memórias do distrito Guaicuí, faz com que se busca uma experiência coletiva, pois motivam os moradores a uma socialização, por meio das vivências e a partir da interação com o meio, suas práticas e rituais. Nessa direção, Martins (2003) afirma que:

[...] o corpo, na performance ritual, é local de inscrição de um conhecimento que se grafa no gesto, no movimento, na coreografia, na superfície da pele, assim como nos ritmos e timbres da vocalidade. O que no corpo e na voz se repete é uma episteme. Nas performances da oralidade, o gesto não é apenas narrativo ou descritivo, mas, fundamentalmente, performativo (MARTINS, 2003, p. 70).

Desse modo, a representação performática em si, constitui uma pedra fundamental na preservação da cultura, pois a partir dos saberes-fazeres que se produzem formas para disseminar e divulgar as belezas culturais do distrito Guaicuí, que está a ser deixado de lado por alguns moradores dessa comunidade.

Por essa razão, o conceito *performance* engloba várias práticas teatrais, de uma maneira heterogênea, e, muitas vezes, se separa por partes para trabalhar determinadas manifestações artísticas. Diante da proposta sobre a tradição e o resgate Pareyson (2001), quando fala sobre o conceito trazido a partir da tradição. Há, nesse saber, algumas características do dinamismo em expor sua linha de raciocínio, ao retratar as transformações a partir da inovação, porque:

O conceito de tradição é um testemunho vivo do fato de que as duas funções, do inovar e do conservar, só pode ser exercida conjuntamente já que continuar sem inovar significa apenas copiar e repetir, e inovar sem continuar significa fantasiar no vazio, sem fundamento; e, além disso, exige criatividade e obediência ao mesmo tempo, porque não pertencemos a uma tradição se não a temos em nós, e ela não tem propriamente outra sede a não ser aqueles atos de adesão que a reconhecem na sua eficaz realidade, e não é possível agregar-se uma tradição sem já modificá-la apenas com essa agregação, nem inová-la sem ter sabido interpretá-la na sua verdadeira natureza e torna-la operante na sua real atividade (PAREYSON, 2001, p. 137),.

Esse diálogo entre o antigo e o novo abriu um leque de oportunidade para vivenciar as culturas diversas que são transmitidas de geração a geração, à medida que transportam os saberes produzidos pelos ancestrais até as comunidades para apresentar e multiplicar os aderentes, assim, a memória coletiva através do ritual congadeiro da região de Guaicuí - MG mantém-se viva e festiva.

Segundo afirma Poulet (1992):

Graças à memória, o tempo não está perdido, e se não está perdido, também o espaço não está. Ao lado do tempo reencontrado está o espaço reencontrado ou para ser mais preciso, está um espaço, enfim reencontrado, um espaço que se encontra e se descobre em razão do movimento desencadeado pela lembrança (POULET, 1992, p. 54-55).

Assim sendo, ao olhar o homem através do tempo, percebe-se sua jornada, sua trajetória e suas conquistas, pois o homem é movido através do tempo e de suas realizações, porque procuram no futuro uma continuidade coletiva, de tal modo, ele constrói a sua própria história.

3.1 Origem e Surgimento da Festa

A festa do Divino é-se um rito que faz parte do catolicismo popular que acontece depois da páscoa, no dia de Pentecostes, que se celebra a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos ao trazer o Consolador prometido, os dons. Esse ritual religioso que faz parte do folclore brasileiro é passado de geração a geração, porque traz consigo uma cultura que se espalha por várias cidades do Brasil e se fortalece a partir do culto religioso em honra ao Divino. Da mesma forma, essa mistura religiosa e profana levam os fiéis a celebrar esse rito cantando e louvando o Espírito Santo (QUEIROZ, 2005).

Analogicamente, essa tradição religiosa é considerada a festa do Divino e teve a sua origem, em Portugal, no século XIV, na cidade de Alenquer, em que se torna popular e espalha por outros continentes, como: o Africano, por exemplo. Por essa razão, a tradicional festa portuguesa fica conhecida em vários países em diferentes continentes (SILVA, 2013).

A festa do Divino Espírito Santo percorre vários caminhos, especificadamente, chega em muitas regiões do Brasil e dissemina sua cultura ao fazer com que cada região tenha a sua característica própria, à medida que se fortalece por meio das diversas dimensões culturais que há nos dias de hoje para celebrar o rito que segue a tradição folclórica, ao manter viva a memória daqueles que com determinação, coragem e fé trazem para essa região essa manifestação cultural.

A figura seguinte mostra o percurso da festa do Divino Espírito Santo desde Portugal a Minas Gerais e outros estados e regiões.

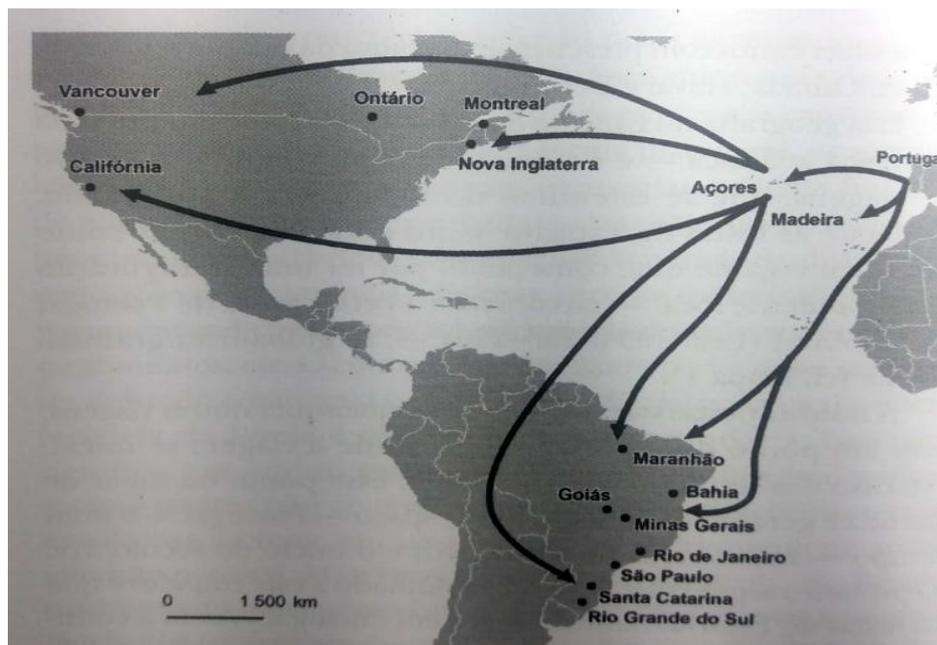


Figura 26 - Roteiro percorrido pela festa do Divino Espírito Santo
 FONTE: (LEAL, 2017, p. 26).

A festa parte de Portugal e é passada, e disseminada em muitos outros territórios que abrem espaços para que essa cultura faça parte de sua cultura raiz.

A realização da festa pentecostal que torna a cidade de Alenquer, um marco na cultura da história congadeira com a festa do Divino Espírito Santo, trouxe para o território brasileiro um movimento religioso que se espalha por todo o espaço nacional. Assim a religiosidade (igreja católica) abre espaço para as festividades populares, além das expressões culturais que são aceitas e mantidas viva dentro dos aspectos sociais e religiosos.

É por meio da história e memória que a festa do Divino se fortalece em Guaicuí. Esta festa evidentemente apresenta características fortes dos rituais africanos que chegou até o Brasil e se disseminou no espaço religioso, pois acredita-se que a igreja tenha sido berço para aceitação dessa nova cultura traga pelos portugueses.

Este ritual festivo abarca na memória dos devotos do Divino Espírito Santo, conjuntos de vivências e costumes que estão enraizados dentro da cultura oral e não verbal. Reconhecer sua história, suas tradições é dever de todo cidadão que preza suas origens, pois a história de sua cultura eleva seu reconhecimento filosófico, cultural e social.

3.2 Manifestação Congadeira: oralidade e performatividade religiosa

A celebração a festa/rito trazem uma grande influência para o distrito Guaicuí, tanto nos comércios, como no turismo, por ser rica em patrimônios materiais e imateriais o que chama a atenção dos moradores, e turistas. Essas práticas culturais transbordam de inúmeros valores e significados sobre a celebração da festa do Divino.

Segundo Cascudo (1988) relata que:

A Festa do Divino é uma celebração religiosa estabelecida nas primeiras décadas do século XIV pela Rainha D. Isabel (1271-1325), casada com o Rei D. Diniz de Portugal (1261-1325) [sic]. O festejo começou com a construção da Igreja do Espírito Santo em Alenquer. A devoção ao Divino rapidamente se propagou e tornou-se um dos mais intensos e populares eventos católicos da história. A Festa do Divino foi trazida para o Brasil no século XVI. O chamado 'Império do Divino', encenação típica da celebração, era constituído de palanques e coretos armados para o assento do aclamado Imperador do Divino: seja ele criança ou adulto, era alguém escolhido para presidir a festa e que gozava de direitos majestáticos, podendo inclusive libertar presos comuns em certas localidades portuguesas e brasileiras. Para a organização da festividade havia a Folia do Divino, um bando precatório que pedia e recolhia auxílios de toda espécie. A Folia constituía-se de músicos e cantores, com a Bandeira do Divino – ilustrada pela Pomba simbólica –, recepcionada devocionalmente por toda a parte. Essas Folias percorriam grandes regiões, gastando semanas ou meses inteiros. Foram festas de alta receptividade coletiva tanto no Brasil como em Portugal. Atualmente estão decadentes, relativamente às áreas geográficas de sua existência histórica, (CASCUDO, 1988, p. 294.)

Mediante ao exposto, pode-se discorrer acerca de uma pesquisa no dicionário, de Cascudo (1988), que trata do folclore brasileiro, das travessias da história do Divino Espírito Santo desde suas origens e espaços geográficos ao trazer esse percurso histórico, e cronológico aos dias atuais, por meio da narrativa histórica/religiosa que exerce influência na comunidade do distrito Guaicuí - MG.

A bandeira é um símbolo forte na festa, porque é através dela que os fiéis reverenciam sua devoção ao Divino (Figura 26).



Figura 27 – Bandeira do Divino Espírito Santo, levada pelo Mordomo em 2017. Foto: Almira Rodrigues.

Desse modo, a festa do Divino Espírito Santo, assim, como outras manifestações religiosas possibilitam celebrar a descida dos dons de Deus para os homens de boa Fé. De tal modo, essa crença religiosa é fortalecida através da dança da folia do Divino que traz consigo as belezas de cantar e dançar para o Espírito Santo, que é representado por uma ave, a pomba, que enche os corações dos fiéis de amor ao renascer o Cristo em espírito (VIEIRA NETO, 2014).

Nesse sentido, os cristãos que participam dessa festividade ficam com o coração fervoroso, porque estar em orações nesses dias de Pentecostes. Sendo assim, as festividades em agradecimento ao Divino tornam inúmeras em terras brasileiras, porque as pessoas cantam, fazem promessas, rezam pelas graças alcançadas e faz com que o rito seja uma festa de honraria e graças que são recebidas durante todo o ano. Sob o mesmo ponto de vista, acredita-se que esse movimento popular busca, segundo Ramos (2011), uma “relação entre a crença do congadeiro e a experiência do rito, vivenciada nos ciclos das festas, resultam na sobrevivência dos saberes dos ternos de catopês e seus membros” (RAMOS, 2011, p. 22). Mediante ao exposto, uma religiosidade popular que enche de bençãos os fiéis e congadeiros que cantam, dançam e louvam ao Divino Espírito Santo, transmitem valores que são passados de geração em geração fortalecendo assim, o catolicismo popular.

De acordo com a nomenclatura imperador, que surgiu, em 1822, Cascudo (1988) reitera que:

De seu prestígio, basta lembrar que o título de Imperador do Brasil foi escolhido em 1822, pelo Ministro José Bonifácio de Andrada e Silva, porque o povo estava mais habituado com o Imperador (do Divino) do que com o nome do Rei. A festa, a missa cantada, a procissão, o leilão de prendas, a exibição de autos tradicionais, as cavalhadas, etc., positivava um centro de interesse real. Em certas vilas ou cidades, o Imperador do Divino, com sua corte solene, dava audiência, com as reverências privativas de um soberano. A Festa do Divino ainda resiste e vive em muitos Estados brasileiros. Quarenta dias depois do Domingo da Ressurreição é a Quinta-Feira da Ascensão do Senhor (Dia da Hora) e dez dias depois é o Domingo de Pentecostes, o dia do Divino Espírito Santo (CASCUDO, 1988, p. 294).

Assim, de acordo com o autor citado acima, desde de 1822, as festas vem seguindo com alegrias, cantos, procissão, leilões etc.. A festa desde sempre é um louvor ao Espírito Santo, mesmo sendo um evento de devoção religiosa as pessoas também cantam e dançam na presença de Deus.

Segundo narram os moradores anciões deste distrito, quando a festa chegou na localidade coroava-se como imperador a pessoa, líder, que organizam os dias festivos. Desse modo, o sujeito que é coroado imperador da festa fica encantado de tanta alegria, pois é uma honraria por ele ser o escolhido pelas çraças do Espírito Santo para ser aquele que representa a igreja (CASCUDO, 1988).

De acordo com os relatos da capitã, professora e conservadora do patrimônio local Dilza Lopes de Oliveira, atual presidente do conselho municipal de patrimônio e responsável pela festa do Divino, no distrito Guaicuí, relata em depoimento que:

Quando começou a fazer parte da festa não era chamado mais de Imperador e sim de festeiro do Divino que se dividiam em três: o procurador das joias, o mordomo do mastro e por fim o festeiro que é a figura de maior responsável. A mesma conta ainda que segundo as histórias contadas pelo pai Joaquim Lopes e o tio Bernardino Maciel da Conceição, a festa era celebrada com cantos, procissão, sorteios, rifas, leilões e muitos outros divertimentos, mas que ainda não existia a dança da folia do Divino e o sapateado o que veio surgir junto com um grupo de Jovem mais ou menos em 1980 com o nome de JUG (jovens unidos de Guaicuí) que era liderado pela mesma, (citação direta).

Na sequência, o pesquisador sente-se honrado em pesquisar o patrimônio cultural imaterial da comunidade em que vive, porque parte do propósito de mater viva a memória cultural que está a perder as tradições com o passar do tempo. Nessa mesma perspectiva busca-se retratar a importância de registrar esse marco que chega a comunidade e se enraíza ao torná-lo parte da cultura local. Assim, que esse movimento do grupo de congada passa a fazer parte das conquistas de liberdade é disseminado entre os seus pares dancantes para apresentar a cultura tradicional que ganha espaço entre os moradores desse distrito, Guaicuí, com o maior reconhecimento cultural, histórico/local.

Assim, como se expõe, Lamarck (1809) elucida que tudo que se deixa de usar, lembranças, em momentos constantes, torna-se esquecidas por meio da: “LEI do USO e DESUSO”.Imediatamente, entende-se que as lembranças ficam guardadas na memória na medida em que são usadas, são lembradas e atualizadas no consciente. Por isso que ao ouvir uma música antiga, assistir um festival de dança, ir a um espetáculo, ir ao teatro, ou exposição de uma obra lida ou assistida, desencadeia muitas vezes nas lembranças reviver as memórias que ficam guardadas no subconsciente e que se manifesta a partir da recordação, como, por exemplo, participar de festejos à memória permanente busca no subconsciente outros signos de representação desse evento de maneira que as lembranças são novamente ativadas.

Mediante ao exposto, sabe-se que as lembranças estão em enriquecer e fortalecer a memória cultural, uma vez que se alimenta as lembranças e esses registros ficam nitidos, claros suscintos na memória permanente, porque de tempo em tempo acionam-se essas recordações a partir desses festejos que se vivenciou. Posteriormente, faz-se parte de uma saga, de uma história, de um caso para ser contados as futuras gerações por aqueles que vivencia aquela época de festividade, seja por meio da representação ou por aqueles que assistem, porque o passado integra o presente. Ao fazer uma análise da religiosidade pode-se perceber que a celebração popular de cunho religioso tem-se unido fiéis através do catolicismo rústico que faz uma ressignificação dos rituais congadeiro que une religião à cultura imaterial do rito com: festa do Divino Espírito Santo, que possibilita meios para que as pessoas envolvidas nesse festejo desfrutem de suas lembranças de infâncias ao narrar histórias e vivências junto a memória coletiva-afetiva. De tal modo, essas lembranças que marcam o passado dá-lhe suporte para (re)criar ou fortalecer a

identidade cultural a partir dos movimentos ligados ao rito, em honra, ao Divino Espírito Santo.

É-se neste processo histórico/cultural que começa a construção da identidade de Guaicuí, com a festa do Divino. Os elementos que compõem esses festejos, o rito, o soar dos instrumentos: corda, sopro, percussão, por exemplos e o levantamento da bandeira, a procissão, o sorteio dos novos sócios, a dança da folia do Divino entre outras práticas culturais que acontecem nos dias festivos, auxiliam no processo de construção da identidade cultural e social de cada indivíduo ali presente, porque é naquele espaço que se corrobora para o processo de construção cultural e social, individual e coletiva dessas pessoas (RAMOS, 2011).

As manifestações religiosas mantém viva a memória do distrito que celebra junto a festa de Pentecostes, o culto ao Divino Espírito Santo, que vem a se desenrolar através do ritual congadeiro/congadeira em um espaço pequeno, religioso e ao mesmo tempo aberto ao catolicismo popular (Figura 27).



Figura 28 - Primeiro dia de festa com a presença de toda comunidade e visitantes. Igreja Senhor Bom Jesus de Matozinhos, 2018. Foto: Almira Rodrigues.

De tal modo, esse rito conta com a participação de toda a comunidade e visitantes que estão presentes para prestigiar essa manifestação imaterial, que até os dias de hoje, ainda se constitui em um bem limitado apenas aos moradores do distrito de Guaicuí e um pequeno número de pessoas/turistas que tem um conhecimento mínimo sobre o ritual congadeiro (VIEIRA NETO, 2014).

Ao examinar o *corpus* identificou-se a falta de material ou registro que documenta nesse processo histórico da festa no passado, observando de que maneira o evento é realizado como ocorre o rito da festa do Divino, em Guaicuí. E, infelizmente, na atualidade, observa-se que há dificuldade em encontrar fonte para este tipo de trabalho o que tem dificultado a coleta de dados que auxilia na pesquisa, não se tornando impossível essa pesquisa, mas facilitaria bastante o trabalho do pesquisador.

Desse modo, percebe-se que a escassez desse material para pesquisa acaba dificultando o desenvolvimento do trabalho que é trazer de maneira detalhada as ocorrências dessas festas religiosas por meio de documentos para leitura, ao poder, assim, ajudar aos futuros pesquisadores que vir-se-ão à comunidade auxiliar na propagação da memória cultural dessa comunidade.

Compreendo, portanto, que preservar a memória, a identidade e o patrimônio é refletir sobre o papel de cada indivíduo na sociedade, entende-se que diretamente os moradores de Guaicuí, estão envolvidos no processo de conservação e preservação do patrimônio imaterial que se constitui no rito ao Divino que motiva a comunidade a celebrar juntos essa festa ligada entre o profano e o sagrado. Não obstante, entende-se que essa inter-relação entre a sociedade e a cultura oportuniza desenvolver processos criativos dentro da comunidade que se fortalece através da experiência dos saberes-fazer, que são construídos a partir do tempo e estão contidos dentro de uma experimentação com o corpo que dança, canta e representa.

Em razão da veement vontade de resgatar as memórias, que se perde através do tempo, constata-se a necessidade de fixação da identidade de modo ideológico nos sujeitos dessa comunidade para que o rito religioso e festivo continue a ser vivo entre as pessoas.

Desse modo, é-se lícito dizer que a política partidária não contribui em nada para auxiliar nesse resgate, o que, infelizmente, tem dificultado muito esse trabalho. Apesar da falta de interesses políticos, ainda assim, a comunidade continua caminhando unida e forte, enfrentando os desafios para manter viva a memória coletiva do lugar, pois se sabe que trabalhar com análises empíricas não é uma tarefa fácil, principalmente, porque a preocupação não é, propriamente, em resgatar o passado e sim, manter viva, preservada as memórias que estão se perdendo com o tempo.

Em consequência disso, nota-se que é necessário que o processo da experiência se desenvolva, juntamente, com a comunidade, pois conhecer o corpo é um processo que dialoga pelo que se conhece por Educação Somática, e esse conhecimento corporal segundo Bondia (2012), se desenvolve:

No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece. [...] O saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentam o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. [...] Por isso, também o saber da experiência não pode beneficiar-se de qualquer alforria, quer dizer, ninguém pode aprender da experiência do outro, a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria (BONDIA, 2012, p. 27).

Mediante ao exposto, outro fator importante é-se pensar no processo de construção da identidade que trabalha a história, o corpo, a dança e vários elementos que compõem a comunidade de Guaicuí, que parte dos dogmas sagrados e dos ritos, ideologias, aos festejos culturais e sociais, pois o importante, nesta pesquisa, não é, simplesmente, resgatar o passado, mas buscar um valor histórico a partir das diversidades culturais, preservando-as e fazendo com que a corporeidade ganhe espaço no lugar da cena.

Dentre os inúmeros motivos que levam a ter consciência daquilo que se considera mais importante para a evolução humana, insere-se que é incontável a partir da experiência coletiva que a sociedade pode apreender a dar valor naquilo que julga mais importante para a sobrevivência cultural, histórica e filosófica de sua gente.

Assim, entende-se que, de acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), em seu artigo 1º da Declaração Universal Sobre a Diversidade Cultural, ratifica-se que:

A cultura adquire formas diversas através do tempo e do espaço. Essa diversidade manifesta-se na originalidade e na pluralidade das identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade. Fonte de intercâmbios, de inovação e de criatividade, a diversidade cultural é tão necessária para o gênero humano como a diversidade biológica o é para a natureza. Neste sentido, constitui o patrimônio comum da humanidade e deve ser reconhecida e consolidada em benefício das gerações presentes e futuras (UNESCO, 2002, p. 03).

Assim, os agentes públicos responsáveis pela preservação do patrimônio cultural e as pessoas/sociedade colaboram no sentido de manter viva e preservada o bem maior da comunidade que se resume em patrimônio cultural. Diante do exposto sabe-se que todo grupo de diferente religiosidade tem seu espaço na sociedade e o congado sem dúvida ocupa um lugar importante dentro do patrimônio cultural que compõe o distrito de Guaicuí.

A manifestação da dança em honraria ao Divino acontecem em várias regiões aqui, no Brasil, se destacando em Minas Gerais, por ser um Estado onde encontra-se muitos grupos de foliões e seguidores do Divino, que celebram a partir de suas atividades ritualísticas a descida do Espírito Santo sobre os cristãos, promovendo sobre esse povo de Deus uma (re)significação, na ótica do “catolicismo popular”, de uma festa cristã – Pentecostes, com a manifestação do Espírito Santo aos Apóstolos - assentada em rituais barrocos de uma —Corte Imperial Simbólica (CARVALHO, 2008, p. 04).

Outro fator existente, quando se pensa a respeito da realização da festa percebe-se uma grande participação dos fiéis na realização do ritual sagrado, além da preocupação entre os participantes em manter viva a tradição perpetuando a memória coletiva do lugar. Outro fator existente, pondera sobre o ato de pensar em tradição é-se percebido em uma sequência de costumes e crenças que se constrói dia após dia, esses conjuntos de hábitos, valores, modos de fazer ou dizeres que regulam a vida das pessoas estão presentes em meio à sociedade daquele distrito.

Desse modo, a territorialidade serve como demarcação de fronteiras geográficas e cultural. Ainda convém lembrar que esses conhecimentos multiplicam no tempo e no espaço por ser contado e recontado dos mais velhos aos mais jovens. Esses símbolos são atualizados e passados com o objetivo de ser presente na memória e na história da cultura local.

A maneira de falar desse povo: /nóis/, /ocêis/, /bãõ/, /mermo/ não está errada, pelo contrário, ela se faz de expressão cultural viva nessas pessoas que pouco podem estudar. Desse modo, percebe-se a sua humildade ao usar expressões ou palavras corriqueiras, tais, como: /bafo/, /fuzuê/, /cabaréu/, /furdunçu/, /redevú/, /bafafá/, /fuá/, /incravado ruim dos infernos/, /desandado/, /engraçadinho sem graça/ dentre outras variantes regionais populares que os sujeitos dessa comunidade falam como acervo parte do patrimônio cultural próprio

de suas raízes, em que se passa de acordo com sua região e que se deve aceitar e respeitar, e, não criticá-los.

Da mesma forma, Terra *apud* Santana e Neves (2008) afirmam que:

Nem tudo que se escreve se fala, nem tudo que se fala se escreve. Em nosso cotidiano, empregamos a linguagem informal ou coloquial. Usamos na linguagem oral as palavras sem nos preocuparmos com o formalismo, e elas raramente serão escritas em um texto, pois 'nesse caso, o falante não está preocupado com o que é 'certo' ou 'errado' segundo as regras ditadas pela comunidade, (TERRA APUD SANTANA; NEVES, 2008, p. 84).

Nesse sentido, entende-se que a falta de respeito com a cultura local de qualquer região implica no outro uma ofensa à respeito de sua linguagem, conseqüentemente, o constrangimento sobre o seu falar e sotaque regional, porque o diálogo entre interlocutores flui quando há comunicação e os ouvintes respeitam-se, mutuamente.

Pode-se mencionar, por exemplo, que o ritual congadeiro faz parte desse patrimônio linguístico cultural que busca valorizar a cultura do outro ao trazê-lo para o convívio social e mantendo preservada as variadas ressignificações culturais sem alterar sua identidade num espaço artístico/religioso. Em consequência disso, vê-se, a todo instante que a festa do Divino torna-se: cantada, tocada e falada, por exemplos. E, nesse mesmo contexto, dentro da música há harmonia de cantar e dançar todos os ritmos que se oferece ao Espírito Santo, porque todas as pessoas participam e respeitam as culturas uns dos outros, afim de manter viva, respeitada as tradições e costumes locais.

Portanto, para trabalhar a história precisa-se, antes, se desprender daquilo que limita e impede o olhar do pesquisador de ir além do seu tempo, porque a história encontra registrada na memória daqueles que vivem o seu primórdio e alimentada pela lembrança, que segundo Brandão (2009) corrobora que:

O processo social de criação de cultura é o que atribui ao ser humano a possibilidade de afirmar-se como um ser com consciência a respeito do seu saber. Enfim, como um sujeito que habita de modo singular a sociedade e constrói uma história (BRANDÃO, 2009, p. 54).

Assim sendo, o que se espera não é um resgate do passado, mas um valor histórico a partir do que se vai aprender com o hoje, como aqui e o agora. As pessoas precisam ter consciência daquilo que as cercam, para, a partir dessa ciência aprender a valorizar aquilo que julga relevante e importante para a sua sobrevivência: cultural, histórica e filosófica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“O Divino vai-se embora / Muita gente está chorando
Nesta triste despedida / a bandeira estão beijando
Bandeireiros se despedem / As violas estão tocando
O Divino vai-se embora / Pra voltar no outro ano”.*

A proposta não é apenas concluir este trabalho e sim, concluir uma etapa ou um processo de pesquisa para que esta conclusão possa dar sequência para futuramente, quem sabe, outros pesquisadores tenham acessos acerca da ampla cultura que abarca Guaicuí. Não se conclui uma pesquisa como alguém que concluiu a escrita de uma redação, antes de tudo se faz necessário buscar, pesquisar e observar quais são os elementos que envolvem os aspectos culturais e mantem viva as tradições, pois se acredita que o fortalecimento dessa diversidade cultural e na permanência da festa do Divino Espírito Santo, que este trabalho revela o seu foco, não apenas no rito, mas, nas tradições, na identidade, na pluralidade cultural e nos diversos outros elementos ligados ao ritual congadeiro de Guaicuí, que está em constante transformação.

Promover a proteção e preservação das memórias, saberes-fazeres, que são construídos através do tempo, é-se o papel de cada sujeito, enquanto cidadão inserido naquele espaço, em que os conjuntos pertencentes às histórias estão registradas na memória que se estabelece viva junto à identidade cultural da comunidade. Sendo assim, a memória é algo que continua presente dentro do distrito e manter viva essa preservação não é uma tarefa fácil, por mais que se tenta, ainda assim, continua difícil alcançar as melhores expectativas, que, por muitas razões, partem do desinteresse dos próprios moradores.

Diante a realidade da folia do Divino de Guaicuí, o seu processo histórico de formação está, comumente, ligado junto a festa do Divino Espírito Santo, que traz consigo elementos da cultura social e religiosa, porque tem o seu foco na construção da identidade cultural do distrito, por meio de uma insistente realidade performática que, junto à dança, promovem a festa da congada ou congado de Guaicuí. Esse desejo em manter viva uma cultura que diretamente não é sua, mas que faz parte das suas origens, porque estão entrelaçadas em cada indivíduo por meio de seu

corpo, como elementos de ligamento, como fonte de vida. Entretanto, preservar constitui-se no melhor a fazer para manter esse processo ao longo da história para que, assim, não se perca no tempo e no espaço ao cair em esquecimento.

Em razão da veemente vontade de resgatar as memórias que estão a siperder sente-se a necessidade de nutrir um esforço para esse fim, se percebe que essa memória coletiva mantém-se viva, apesar de ser um número pequeno de pessoas que lutam para preservá-la. O fato não se consolida, porque a política partidária não contribui por meio dos dispositivos legais para auxiliar nesse resgate, o que, infelizmente, tem-se dificultado muito, dado que essa falta de interesses políticos constituem em consideráveis dificuldades. Ainda assim, a comunidade continua caminhando unida e forte, enfrentando desafios para manter viva a memória coletiva da sociedade desse distrito, Guaicuí.

O que se produz, no decorrer dos anos, para o fortalecimento da memória cultural e coletiva parece insuficiente, pois, infelizmente, a folia do Divino, em geral, foi vista, simplesmente, como uma dança da Igreja católica, porque deva acontecer, exclusivamente, só em ocasiões específicas da festa. Mas, acredita-se que a manifestação cultural torna-se significativa, porque abarca além de uma dança religiosa, pois em seu corpo há um ritual religioso, à medida que se forma o congado de Guaicuí, que faz parte e se destaca entre as demais manifestações culturais daquele povo, que se fortalece através de sua fé cristã.

Desse modo, espera-se que as áreas de Geografia, História, Artes, Filosofia, Sociologia, por exemplos, por sua vez, ajudem nessa recuperação histórica e que não venham os pesquisadores apenas para colher dados de um trabalho de conclusão de curso, mas que a matéria pesquisada sirva de modelo, exemplo a aplicar-se na prática para o fortalecimento da memória coletiva do lugar, porque se sabe que trabalhar com teoria nova no texto não pode haver em conclusão análises empíricas não abstem de nenhum método que comprove o valor científico do objeto pesquisado, neste caso, a cultura material e imaterial.

Principalmente, porque a preocupação não centra em resgatar o passado e sim, manter viva e preservada as memórias que estão a si perder com o tempo. Nesse sentido, entende-se que esse resgate a princípio seja social, e, algumas vezes individual.

Logo, acredita-se que a pesquisa compõe-se oportunidades para a aquisição de novos conhecimentos, porque ao pesquisar descobre-se as

performances da folia na Festa do Divino Espírito Santo e ao analisar os aspectos ligados ao desempenho, como: na dança e nas tradições relacionadas inerentes ao rito congadeiro depara-se com uma história meio esquecida, que precisa reativá-la. Por isso, esse festejo configura a permanência e o fortalecimento do ritual religioso para o entendimento e compreensão a partir da socialização da comunidade com as festividades culturais, ao expressar, assim, o desejo de fortalecer as práticas culturais por meio da festa da congada.

Ao concluir este trabalho o peso da responsabilidade escorre pelos dedos, mas a veemente vontade de continuar a luta da pesquisa continua correndo pela vísceras e veias, pois acredita que a pesquisa tem o poder de formar seres humanos capacitados, críticos e profissionais. Sendo assim a pesquisa sobre festa do Divino Espírito Santo da comunidade de Guaicuí mostra a tamanha importância de dar sequência para fins futuro de levar o nome do distrito, junto a sua memória congadeira que em processo cultural vem-se tornando componente importantíssimo do patrimônio cultural brasileiro em face de Minas Gerais.

Assim, através do estudo da *performance* e suas práticas culturais é que os aspetos da cultura religiosa tem-se ganhando espaço neste calendário cultural, graças as memórias e lembranças que vem ultrapassando os muros da intolerância religiosa. Diante do ritual congadeiro o que essa análise pretende é registrar através da pesquisa as práticas culturais, para que a partir do seu registro outras pessoas tem conhecimento e acesso a esta cultura que ainda se encontram esquecida por muitos.

O difícil ao se falar concluir a pesquisa é entender que a memória não si conclui, nem as lembranças, nem as práticas pouco menos, pois o trabalho sempre vai continuar e o pesquisador tem um papel importante nessa questão que é manter registrada e preservada esses patrimônios, sejam eles materiais ou imateriais. A *performance* dos catopês de Guaicuí busca através da dança registrar o desejo em manter viva a tradição congadeira, por fim a vontade enquanto pesquisador, professor e congadeiro é fortalecer o rito da festa folia do Divino Espírito Santo, festejando e valorizando essa manifestação da memória oral e coletiva nos campos das ciências sociais e religiosas.

É-se diante desse caminho até aqui percorrido que se apresenta este texto como requisito parcial para obtenção do grau de mestre, que não finalmente realiza-se este trabalho sobre muita dedicação e comprometimento onde o objetivo

maior foi enaltecer a história do patrimônio local que busca compreender “O CORPO NA DANÇA: religiosidade e rito congadeiro na comunidade de Guaicuí.

REFERÊNCIAS

- BATISTA, Ramony Magalhães. **Manifestações Culturais**: elementos constituintes de lugar no contexto do distrito de Guaicuí/Várzea da Palma – MG. Pirapora: Unimontes 2010.
- BATISTA, Roberta Magalhães. **História e Patrimônio Cultural**: Narrativas de um lugar – Guaicuí, Várzea da Palma-MG 1953 a 2013. Montes Claros: Unimontes 2014.
- BAUMAN, Richard (org). **Folklore, Cultural Performances and Popular Entertainment – A communications centered handbook**. New York: Oxford University Press, 1992. <https://doi.org/10.1093/oso/9780195069198.001.0001>
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**. Universidade de Barcelona, Espanha, 2002. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Tao. 1979.
- BURTON, Richard. **Viagem de canoa de Sabará ao Oceano Atlântico**, 1977.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues; ASSUMPÇÃO, Raiane. **Cultura rebelde**: escritos sobre a educação popular ontem e agora.. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009. – (Educação popular)
- BRASILEIRO, Jeremias. **O congado(a) e a permanência do racismo na cidade de Uberlândia-MG**: resistência negra, identidades, memórias, vivências (1978-2018). Uberlândia: UFU, 2019.
- CARDOSO, João Batista. **Hibridismo cultural na América Latina**. 2008. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/1127/914>. Acesso em: 15 dez. 2020.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 6ª Edição. São Paulo: Editora Itatiaia, 1988.
- CARVALHO, Maria Michol Pinho de. Divino Espírito (Re)ligando Portugal/Brasil no Imaginário Religioso Popular. **Anais do VI Congresso Português de Sociologia**. Lisboa: Junho, 2008. Disponível em <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/188.pdf>.
- COSTA, Daniel. Corpo-Festa: uma proposta poético-político-pedagógica no contexto da educação básica. **Revista Rascunhos**: Caminhos da pesquisa em artes cênicas, v. 5, n. 3, p. 117, dez. 2018.
- FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico / as heterotopias**. Posfácio de Daniel Defert. São Paulo: n- 1 Edições, p. 10, 2013.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Negras Raízes Mineiras: os arturos**. Juiz de Fora/MG: Ministério da Cultura/ EDUFJF, 1998.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico, ano 2010**.

LARROSA BONDÍA, Jorge. **Tremores: ensaios sobre experiências**. Trad. Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LEAL, João. **O culto do divino: migrações e transformações**. Lisboa: Edições 70, 2017.

LEAL, Alessandra. **Cultura e Memória: percepções das lembranças re-existentes no tempo**. Uberlândia, 2011. <https://doi.org/10.12957/geouerj.2011.2459>

LIGIÉRO, Zeca. **Batucar-cantar-dançaR: Desenho das performances africanas no Brasil**. Rio de Janeiro/UNIRIO, 2011. <https://doi.org/10.17851/2317-2096.21.1.133-146>

_____. **Motrizes culturais – do ritual à cena contemporânea a partir dos estudos de duas performances: DanbalaWedo (afro-brasileira, do Benin, Nigéria e Togo) e Sotzil Jay (Maia, da Guatemala)**. Karpa 10 (2017): pág. 04.

LUCAS, Glaura. **O ritual dos ritmos no Congado Mineiro dos Arturos e do Jatobá**. 1999. Disponível em: https://antigo.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_1999/ANPPOM%2099/PAINEIS/GLUCAS.PDF: Acesso em: 03 nov. 2020.

_____. **Os sons do Rosário: o congado mineiro dos Arturos e Jatobá**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

_____. **A cena em sombras**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

_____. **Afrografias da Memória: o reinado do rosário do jatobá**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

_____. **Performances do tempo e da memória: os congados. O Percevejo – Revista de Teatro, Crítica e Estética**, Rio de Janeiro, ano 11, n. 12, p. 68-83, 2003.

_____. **Performances do tempo espiralar**. In: RAVETTI, Graciela; ARBAX, Márcia (orgs.) performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2002, p. 69-91.

MAUSS, Marcell. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EDU/EDUSP, 1974. v. 2.

MORAIS, Mário Francisco de. **Memória Viva: História, Lendas e Folclore de Editora LTDA**, 2014. Guaicuí. Belo Horizonte: Editora Gráfica Literatura Ltda, 2007.

MOSÉ, Viviane. **Poemas presos**. Rio de Janeiro, 2016.

PAREYSON, Luigi. **Os problemas da estética**. Tradução: Maria Helena Nery Garcez. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

POHL, Johann Emanuel. Viagem Real Minas de Galeno do Abaeté até a vila do Fanado. *In*: **Viagem ao interior do Brasil. Expedição no Brasil entre 1817 a 1821**.

POULET, Georges. **O espaço proustiano**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

QUEIROZ, Luiz Ricardo Silva. **Performance musical nos Ternos de Catopês de Montes Claros**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em música da Universidade Federal da Bahia. Salvador - BA: UFBA, 2005.

RAMOS, Jarbas Siqueira. **Catopê: O Rosário de Bocaiúva**. Bocaiúva-MG: [S. n.], 2011.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. Tradução Ivone C. Beneditti – São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2010.

REIS, Sérgio. [S. l.: s. n.], 2013. 1 vídeo (03:40 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UFkSwVJQucM>. Acesso em: 06 jun. 2020.

SÁNCHEZ, Lícia Maria Morais. **A dramaturgia da memória no teatro-dança**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

SANTANA, Jessé & NEVES, Maria (2015). **As Variações Linguísticas e suas Implicações na Prática Docente**. Millenium, 48 (jan/jun). p. 75-93.

SILVA, Adriana de Oliveira. **Caminhos do Divino: Festa e Cultura Popular em São Luiz do Paraitinga e Lagoinha**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2013a.

TAVARES, Inácio. A exaustão física no trabalho de auto formação do ator. VI **Congresso Brasileiro de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas**, 2010.

VILLELA TERRA, Ernani (1997). **Linguagem, língua e fala**. São Paulo: Scipione.

VIEIRA NETO, Moisés. **Monografia de Várzea da Palma. 1ª edição- 1982**. Luiz de Paula Ferreira - Na Venda de Meu Pai.

VIEIRA NETO, Moises. **Monografia de Várzea da Palma. 2º ed**. Espinosa: Dejan Gráfica e Editora LTDA, 2014.

TESTAMENTO, Antigo. **Primeiro livro de Moisés chamado GÊNESES**Gn 1:1-26 = Livro de Gênesis, capítulo 1, versículos 1 a 26.

UNESCO. **Declaração Universal sobre a diversidade cultural**. 2002, p. 03.

ANEXOS



Anexo A: Convites e lembranças da festa do Divino:

Cartaz anunciando a chegada do Novo Pentecostes.

Lembrança da festa do Divino no ano de 2014.



**TRÍDUO EM HONRA AO /
DIVINO ESPÍRITO SANTO**

COMUNIDADE BOM JESUS DE MATOZINHOS - GUAICUÍ
De 6 a 8 de Junho de 2019



Dia 06 - Quinta-feira "Tu lhes dás a conhecer vosso nome e eles dizem: a conhecê-lo"
16:30hs - Retirar a bandeira na casa do Mordomo com a bênção da Igreja do Divino Espírito Santo
19hs - Santa Missa com a participação do Coral Bom Jesus de Matozinhos e Comunidade Lagoa Grande, logo em seguida hasteamento da bandeira no mastro.
Responsáveis: Mordomo Jacson José Queiroz e família.

Dia 07 - Sexta-feira "Senhor, tu sabes tudo, tu sabes que eu te amo"
18hs - Adoração ao Santíssimo Sacramento.
19hs - Santa Missa com a participação da Comunidade da Paróquia Sagrado Coração de Jesus e Comunidade do Portão.
Responsáveis: Procurador Ivanico Dias Machado e família

Dia 08 - Sábado "Tu, segue-me"
18hs - Santa Missa com a participação do Coral da Comunidade e logo após procissão pelas ruas da comunidade.
Responsáveis: Festeiro Edmilton Caldeira Brant e família.

"Recebi o Espírito Santo"
(Jo 20,23)

Obs.: Todos os dias haverá animadas barraquinhas e não se esqueça de trazer vela para a procissão.
Que pela graça do Espírito Santo sejamos testemunhas do amor de Deus.

PARÓQUIA SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS
PIRAPORA - MG

Pe. Fabrício Gomes Vieira
Pároco

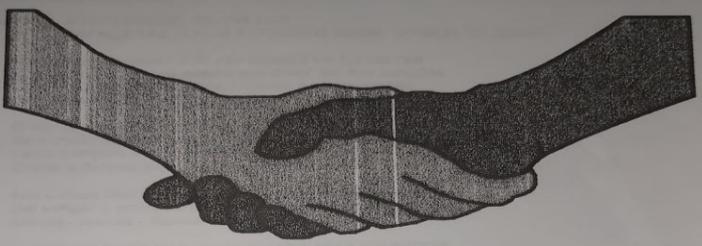
Diacono Rogério Marques Diniz Gomes
Diacono e Cooperador

Comunidade Bom Jesus
de Matozinhos

Vem divino Espírito Santo, enchei os corações de vossos fiéis com o fogo do vosso amor.

Anexo B: Folheto de músicas para o coral cantar durante as missas festivas do Divino Espírito Santo.

FESTA DO



DIVINO

ESPÍRITO SANTO

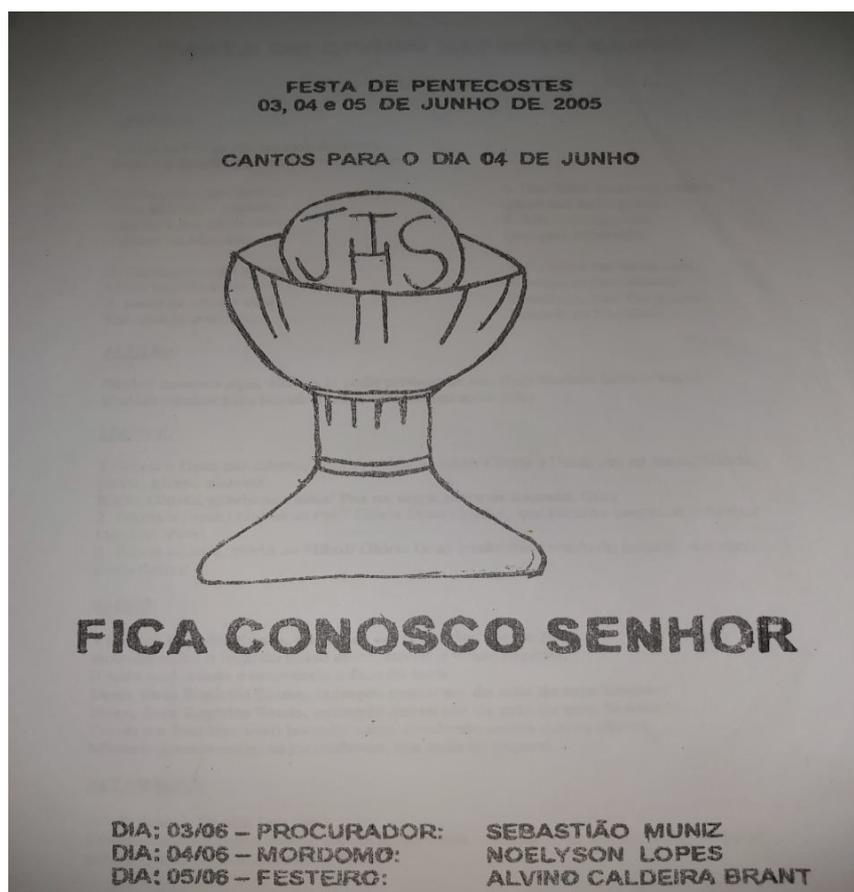
FESTEIRO: EUSTÁQUIO R. CORREIA E FAMÍLIA

MORDOMO DO MASTRO: HERMES G. FERREIRA E FAMÍLIA

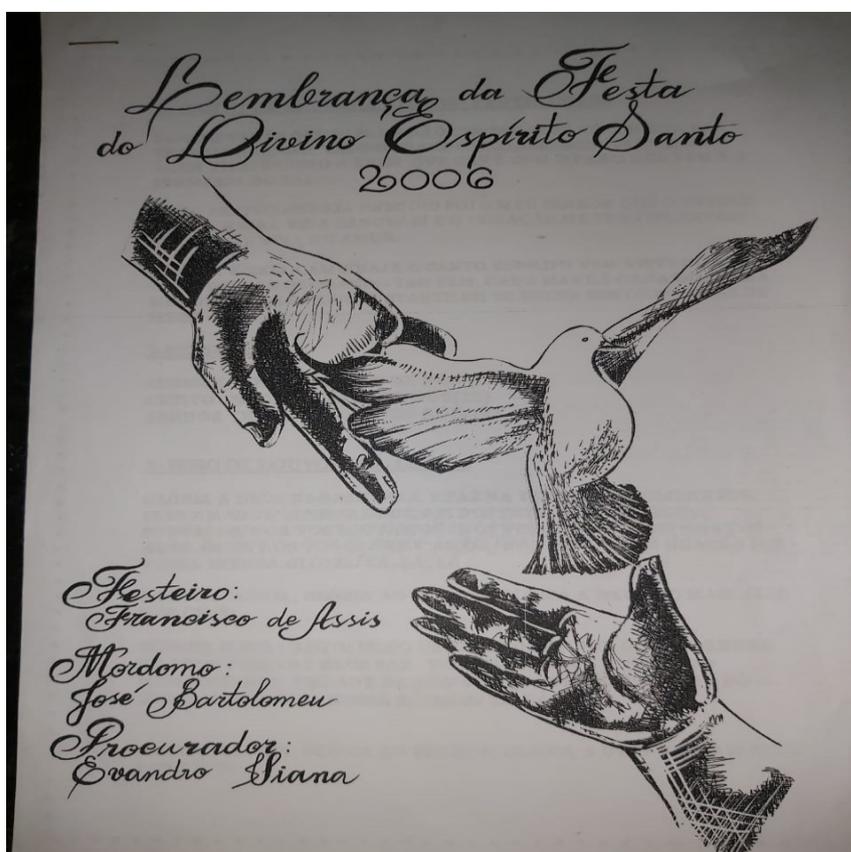
PROCURADOR DAS JÓIAS: PAULO MUNIZ E FAMÍLIA

GUAICUÍ, 06 DE JUNHO DE 1998

Festa do Divino no ano de 1998.



Festa de pentecostes no ano de 2005: Fica conosco senhor.



Divino Espírito Santo, vem brilhar em nós.



Salve o Divino: Festa na comunidade no ano de 2006.



Vem Espírito Santo de Deus, vem nos abençoar: 2016.

Anexo C: Primeiro encontro de FOLIAS no município de Várzea da Palma no ano de 2019.



Na foto: Gessika e Ana Clara congadeiras do Divino.



Segurando o chapéu de fitas: Vitor Emanuel.



Na foto os foliões da direita para esquerda: Luís Otávio, Murilo Henrique, Guilherme Maciel e Vitor Emanuel.



Grupo de folias do assentamento Rompi Dias, comunidade de Várzea da Palma.



Homenagem a todos os mestre e foliões congadeiros in memória.



Coral Senhor Bom Jesus de Matozinhos cantando no 1º encontro de folias em Várzea da Palma.



Grupo de folias de Várzea da Palma.



Entrega do certificado de participação no 1º encontro de FOLIAS do município de Várzea da Palma.



Certificado de participação.



Abertura do evento 1º encontro de FOLIAS, com a santa missa.

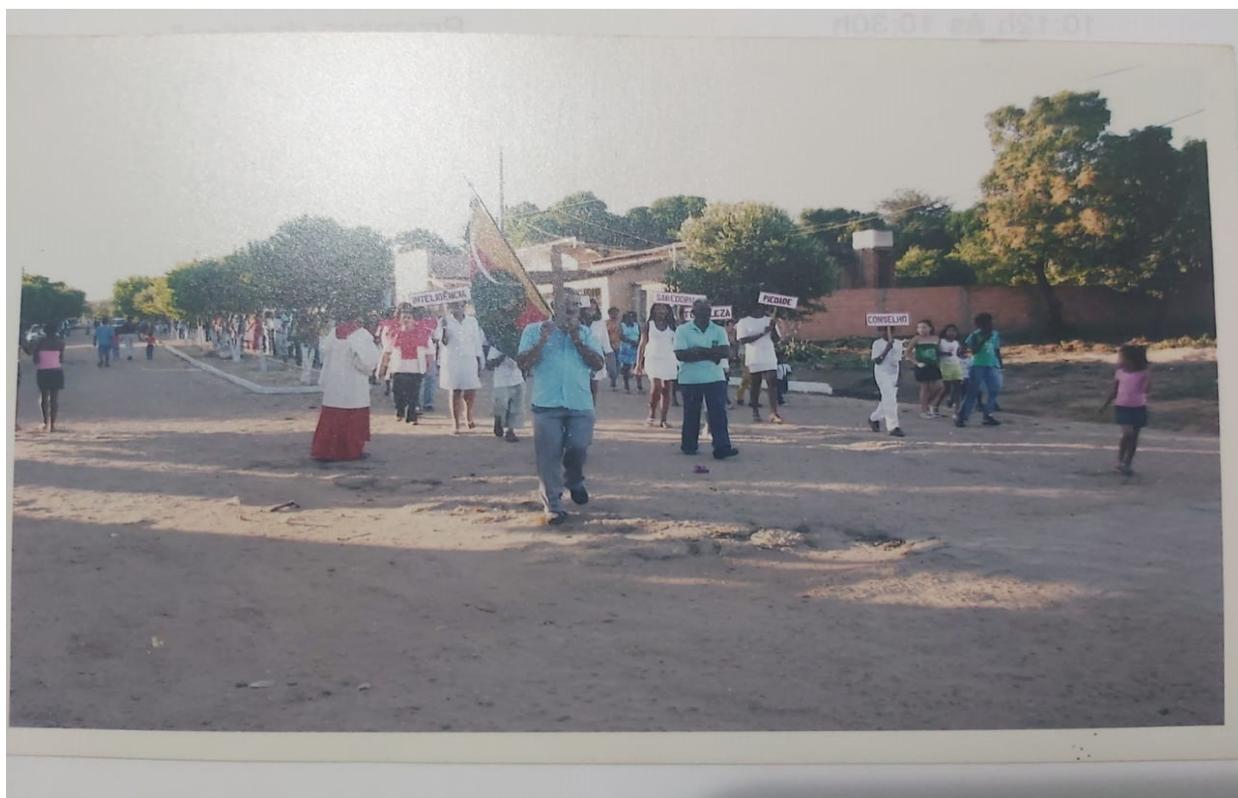
Anexo D: A festa do Divino ao longo do tempo:



Grupo de tocadores do Divino Espírito Santo.



Decoração da igreja para o primeiro dia da festa do Divino: 1999.



Procissão pelas ruas da comunidade de Guaicuí, na festa do Divino: 1998.



Folia do Divino e o sapateado: ano 2003.



Hasteamento da bandeira do Divino: ano 2004.



Apresentação da Folia do Divino dentro da igreja durante a missa festiva: 2015.



Viva o Brasil, viva Minas Gerais: reconhecimento territorial, valores e cultura.



Saudando os Dons do Espírito Santo: 2016



Sorteio para os próximos festeiro do Divino Espírito Santo, 2016.



A bandeira sendo buscada na casa do Mordomo Flávio Rodrigues, 2016.



Procissão pela rua Amazonas no distrito de Guaicuí, 2017.



Salve o Divino Espírito Santo oia: Saudação ao Divino, 2018.



1º dia do tríduo pentecostal. Missa festiva: 2018.



Símbolo do Divino Espírito Santo com os sete Dons de Deus.



Coral mirim de Guaicuí, fazendo participação na festa do Divino, 2019



Coral adulto Senhor Bom Jesus de Matozinhos, fazendo participação na festa do Divino, 2019.



Encerramento da festa. Da direita para esquerda são as sorteadas à festeiras do próximo ano, a esquerda os atuais festeiros deste ano e ao meio o padre celebrante Fabrício Gomes Vieira, 2019.

Anexo E: As letras das músicas que são cantadas durante o ritual congadeiro da folia do Divino.

SALVE O DIVINO

Salve o Divino Espírito Santo oiá

Salve o Divino Espírito Santo oiá

O Divino Espírito Santo / Chegou aqui nesta morada

Veio guiando a bandeira / Na poeira da estrada

Veio trazer a sua benção / Por nós muito esperada

Veio tirar a sua esmola / Pra igreja do queimado

Salve o Divino Espírito Santo oiá

Salve o Divino Espírito Santo oiá

O Divino Espírito Santo / Veio em forma de pombinho

Quer entrar nesta morada / abençoar os filhinhos

Proteger a sua esposa / seus irmãos, tios e sobrinhos
 Agradecer a sua esmola / Pra seguir o seu caminho

Salve o Divino Espírito Santo oiá
 Salve o Divino Espírito Santo oiá

O Divino vai-se embora / Muita gente está chorando
 Nesta triste despedida / a bandeira estão beijando
 Bandeireiros se despedem / As violas estão tocando
 O Divino vai-se embora / Pra voltar no outro ano.

Salve o Divino Espírito Santo oiá
 Salve o Divino Espírito Santo oiá

OS DEVOTOS DO DIVINO

1º

Os devotos do Divino
 Vão abrir sua morada
 Pra bandeira do Divino
 Ser bem-vinda, ser louvada

2º

Deus nos salve esses devotos
 Pela esmola em vosso nome
 Dando água a quem tem sede
 Dando pão a quem tem fome

3º

A bandeira acredita
 Que a semente seja tanta
 Que essa mesa seja farta
 Que essa casa seja santa

4º

Que o perdão seja sagrado
 Que a fé seja infinita
 Que o homem seja livre
 Que a justiça sobreviva

5º

Assim como os três Reis Magos
 Que seguiram a estrela guia
 A bandeira segue em frente
 Atrás de melhores dias

6º

No estandarte vai escrito
 Que ele voltará de novo
 E o Rei será bendito
 Ele nascerá do povo.

VIVA O BRASIL, VIVA MINAS GERAIS

Viva o Brasil, viva Minas Gerais
 Viva o povo desta terra, morador deste lugar
 Viva a todos visitantes que vieram festeja

Vamos nós pedir a Deus / E às almas santas benditas
 E ao Divino Espírito Santo / Proteção pra nossas vidas

Viva o Brasil, viva Minas Gerais
 Viva o Brasil, viva Minas Gerais

Todo povo desta terra no coração tem bondade
 Rezam santos seus devotos / Pra virgem Santa Maria
 Agradecem ao Bom Jesus e à Santíssima Trindade

Viva o Brasil, viva Minas Gerais
 Viva o povo desta terra, morador deste lugar
 Viva a todos visitantes que vieram festeja.

DEUS TE SALVE CASA SANTA

Deus te salve casa santa / onde Deus fez a morada (bis)
 Onde mora o Cálix Bento / e a Hóstia consagrada

O mordomo levanta o mastro com a bandeira do Divino (bis)
 Queima fogos, bate o sino e os gritos dos meninos

Amanhã temos a missa, o vigário acende as velas (bis)
 Fazendo o sinal da cruz e cantando o "Kirié"

E ao terminar a missa o padre dá os parabéns (bis)
 Pros festeiros deste ano e ao outro que vem (bis)

Ao Divino Espírito Santo
 Para todos sempre amém.

CATOPÊS

Ô catopé do terno de Nossa Senhora
 Do terno de São Benedito
 Vem cantar agora (bis)

É fogo, é fogo, é fogo de arrasar
 Temos fé em Jesus Cristo
 Nós queremos é festeja (bis)

Soldado não manda fogo
 Sem o capitão mandar (bis)

Mais se o capitão mandar
 Vai ser fogo de arrasar (bis)

Moça mineira chega na janela (bis)
 Venha ver marujo que já vai pra guerra (bis)

Meus companheiros, nascemos aqui na Barra,
 Terra beleza, patrimônio cultural,
 Somos daqui e temos orgulho desta terra,
 Coisa que em outras não tem

Deus te salve ó casa santa
 Onde Deus fez a morada (2 X)
 Onde mora o Cálix Bento
 E a Hóstia consagrada (bis)

Passarim tá no mato piel

É um pombo real (bis)

É um laço de fita amarela

Na ponta da vela, no meio do mar (bis)

Olé, olé meu pombo real (bis)

Meu facão guaraní quebrou na ponta

Quebrou no meio

Eu falei pra morena que o trem tá feio

Oi-ia

De manhã cedo canta a jandaia

Vem as morenas sacudindo as saia

Mas à tardinha cantam as morenas,

Vem as jandaias sacudindo as penas

Xô meu sabiá, xô meu zabelê,

Toda meia noite eu sonho com você

Se você não acredita

Eu vou sonhar para você ver

Olelê carneiro dê

Olalá carneiro dá

Quem quiser carneiro manso

Manda o vaqueiro amansar (bis)

Eu vou, eu vou, eu vou pra Paraná (bis)

Nunca vi machado cego

Fazer cavaco avoar

Olelê carneiro dê

Olalá carneiro dá
Quem quiser carneiro manso
Manda o vaqueiro amansar (bis)

Leva eu, leva eu, leva eu pro Paraná (bis)
Nunca vi cavalo cego, fazer cavaco avoar (bis)
Olelê carneiro dê
Olalá carneiro dá
Quem quiser carneiro manso
Manda o vaqueiro amansar (bis)

Pau pereira, pau pereira,
Pau da minha opinião
Todo pau de fulô cheira
Só o pau pereira não

Olelê carneiro dê
Olalá carneiro dá
Quem quiser carneiro manso
Manda o vaqueiro amansar (bis)

Canoeiro, canoeiro
Que que trouxe na canoa
Trouxe cravo, trouxe rosa
Trouxe muita coisa boa (bis)

Olelê carneiro dê
Olalá carneiro dá
Quem quiser carneiro manso
Manda o vaqueiro amansar (bis).

Anexo F: Autorização de uso de imagens e depoimentos.

AUTORIZAÇÃO

Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade para participar da pesquisa a princípio denominada “O corpo na dança: religiosidade e rito congadeiro na comunidade de Guaicuí/MG.” **Autorizo o uso de minhas imagens, fontes e entrevista para análise dos dados coletados e produção de trabalhos acadêmicos.**

(Nome do participante)

(Assinatura do participante)

(Nome da criança/adolescente)

(Assinatura do responsável pela criança/adolescente)

Guaicuí, 09 de novembro de 2020.

Obrigado por colaborar com a pesquisa, sua participação foi incrível.

Este termo juntamente com os dados coletados da pesquisa ficarão armazenados no programa de Pós-graduação em Artes Cênicas/mestrado no instituto de Artes (IARTE) na universidade federal de Uberlândia – UFU.

Pesquisador: Danilo Eustáquio de Oliveira Corrêa, fone: (38) 99868-0138 e-mail: danoliveira20@hotmail.com

ENTREVISTA

ENTREVISTADA: Dilza Lopes de Oliveira (responsável pela organização da festa)

Data: /10/2020

Naturalidade: Guaicuí

01. Qual a importância da festa do Divino Espírito Santo para o calendário de Guaicuí?

R: É a manifestação de fé do povo de Guaicuí, as pessoas se reúnem, trabalham o ano inteiro para este dia de pentecostes poderem manifestar sua fé nesta festa do Espírito Santo.

02. E quando e Como começou a participar da festa do Divi aqui em Guaicuí?

R: Acredito que desde criança ouvindo relatos e entusiasmo de meus pais, então a gente participava das missas no meu tempo de criança as missas eram festivas que é a celebração do Divino.

03. E há quanto tempo você está na organização ou coordenação desta festa?

R: Desde 1985, portanto a 35 anos que aí tinha um grupo de jovens e aí a gente criou a folia do Divino.

04. Antigamente antes de 1985 não existia a folia na comunidade?

R: Na minha época de criança sim, não existia a folia depois com o grupo de jovens em 1985 que nós criamos a folia do Divino, eu já ocupava o cargo de presidente do grupo e em equipe criamos a folia.

05. O que você sabe sobre o surgimento da festa aqui em Guaicuí, como esta festa chegou por aqui? Como que se deu? Foi uma promessa ou algo parecido?

R: Eu nunca encontrei nenhum registro com data específica, segundo relato dos meus pais da minha avó era uma semana de festa com muito entusiasmo, tinha a coroação do imperador que era o responsável pela festa, aproveitavam para marcar

casamentos, haviam procissões, cavalgadas a noite tinha o baile e no dia seguinte acordávamos com a alvorada e o repicar do sino acompanhado de queima de fogos de artifícios. Então era muito entusiasmo, vinham pessoas de outros lugares para participar dos festejos vinham a cavalo, canoa e carroça eram os meios de transportes mais acessível da época. Estas pessoas que vinham para participarem dos festejos ficavam alojadas nas casas de parentes e amigos cada morador e sua família acolhia essas pessoas que vinham festejar com a gente.

06. O que mudou no decorrer do tempo e o que permaneceu na festa do Divino?

R: O que mudou foi que a festa acontecia durante a semana inteira, existia cavalgada e hoje infelizmente não existe mais, permanece a missa festiva com a procissão o sorteio para os festeiros do ano seguinte e acrescentamos a folia do Divino que é a dança que acontece junto ao levantamento do mastro.

07. Qual sua participação na festa do Divino?

R: Minha participação foi porque foi através de mim que a gente criou o pot-pourri que são as músicas cantadas durante a subida da bandeira e eu faço parte deste grupo de canto e da organização do rito

08. Qual é o critério para escolha destes festeiros como se dá essa escolha?

R: A escolha é através de sorteio, após a procissão no último dia do tríduo todo mundo chega e fica ansioso para saber quem serão os próximos festeiros do ano seguinte e aí acontece o sorteio dentro da igreja e neste momento a pessoas e seus familiares e amigos ficam sabendo que ele passa a ser o responsável pela festa do ano seguinte, são sorteados para o cargo de Mordomo que é o responsável pela bandeira e seu hasteamento, procurador das joias fica responsável de ir nas casas dos sócios do Divino, para recolher o donativo para repassar para os festeiro pra ajudar na festa e o festeiro que é o responsável maior pela festa o que antigamente recebia o nome de imperador que era coroado, hoje não existe mais essa coroação, mas ele fica responsável em fazer a festa. Então esses festeiros tem um papel muito importante para a concretização desse rito.

Tem um relato que eu acho muito interessante sobre a festa do Divino é que antigamente aqui no distrito de Guaicuí, tinha um senhor de idade mais avançada, infelizmente já falecido. Esse senhor era sócio da festa do Divino que acontecia de ano em ano, então ele vinha com a família e participavam da missa e todos os anos ele esperava essa data comemorativa para trazer sua família para junto da comunidade festejar a festa do Divino Espírito Santo. Antigamente as missas aqui no distrito aconteciam uma vez ao mês, hoje graças a deus as missas acontecem semanalmente, então com o passar dos anos ele ficou idoso e com alzheimer e todas as vezes que antes das celebrações tocava o sino sua esposa falava “hoje vai ter a missa” então ele perguntava é a missa do Divino? É a festa do Divino? Então o interessante é que mesmo com a perda da memória a festa ficou registrada de alguma forma em suas lembranças, ou seja, sempre que tocava o sino para ele era festa do Divino.

09. Qual é o espaço usado para celebração? Como ele é montado?

R: o espaço é dentro da igreja, aí vai depender de cada festeiro, da criatividade de cada um deles sobre como vão ornamentar a porta do igreja se será com bandeirolas etc. Essa decoração vai desde lá de fora até dentro da igreja que enfeitam com os forros vermelhos cortinas, toalhas, tudo muito vermelho que são as cores mesmo do Espírito Santo com muitas flores brancas depende muito da criatividade dos festeiros fica muito bonito a igreja neste dia.

10. Quais as atividades são realizadas durante os festejos?

R: É a missa festiva todos os dias, procissão com muitos fogos, foguetes de lágrimas durante todo o percurso da procissão pelas ruas de Guaicuí, tem o levantamento do mastro que é a bandeira do Divino erguida, tem as barraquinhas... É muita animação.

11. Quem participa desta festa é só a comunidade local?

R: Não, sempre foi aberta ao público inclusive tem um verso na folia do Divino que é uma saudação aos visitantes e turista que vem prestigiar a festa.

12. Como é esse corpo que canta?

R: Este corpo ele demonstra muita alegria, muita emoção, muitas recordações, então são lembranças porque geralmente quem dança na festa tem os seus antepassados, devido existir uma tradição vem aquelas recordações e muita emoção, muita fé, muita alegria.

13. Qual a importância dos ensaios para a folia do Divino?

R: Os ensaios são importantes, pois eles servem para observar e analisar como os dançantes estão se aproximando dos ritmos e das coreografias que são muito bem preparadas. Através dos ensaios conseguimos observar as possíveis falhas e corrigi-las a tempo, esses são os métodos que usamos para evitar possíveis acidentes durante o ritual congadeiro.

Ensaio é segurança, ele serve para que cada um conheça seu corpo na coreografia e esta preparação auxilia na eliminação de todo e quaisquer nervosismos e/ou tensão que venham tirar a atenção dos foliões durante a dança

14. Quais são as emoções entre cantar e assistir?

R: Emoção é muito forte, quando a gente está fazendo essa manifestação de fé e a cultura que a gente fala que aqui em Guaicuí, festejamos a cultura o povo canta o povo dança animando as criaturas, então para nós que fazemos parte da festa é muita emoção, mas tem também os relatos das pessoas que vem assistir à festa que só levam boas recordações.

15. Qual a importância da festa do Divino Espírito Santo para a sua vida?

R: Nossa eu vivenciei a minha vida inteira graças a Deus foi participando da festa, então a hora em que eu vejo a bandeira erguida eu falo assim “o Espírito Santo, iluminando, abençoando Guaicuí,” então eu fico muito feliz em ser uma participante da festa.

ENTREVISTA

Entrevistada: MARGARETH ANTÔNIA PEREIRA DE ASSIS

Data: 16/10/2020

Naturalidade: Guaicuí

01. Qual a importância da festa do Divino Espírito Santo para sua vida?

R: É uma festa que tem uma representatividade muito importante, porque vem de gerações a minha mãe (in memória) que hoje não está mais entre nós era uma das pessoas mais devotas da família, ela sim levantava a bandeira da festa inclusive a minha casa era ponto de referência para todas as famílias da região que não moravam aqui no distrito de Guaicuí, que eram gremistas na época e por não residirem aqui na comunidade as bandeiras quase todos os anos saiam daqui de casa, as folias eram cantadas e dançadas aqui na porta de minha casa. Era um orgulho para nós ficar um ano inteiro preparando para maio ou junho chegar a tão esperada data da festa do Divino.

02. Você participava da dança?

R: sim

03. Desde quando participa?

R: Desde que fiquei pré-adolescente e já conseguia dançar, nem me lembro quanto tempo, mas já fazem uns bons pares de anos (risos).

04. O que você sabe sobre o surgimento da festa aqui em Guaicuí?

R: Eu não sei explicar o surgimento da festa, já nasci com ela existindo, quando eu atingir a idade de entender, me lembro que existiam três festas importantes na comunidade: a festa do Divino Espírito Santo, a festa de Nossa Senhora Aparecida (que hoje não existe mais) e a festa do Bom Jesus de Matozinhos que é o padroeiro do distrito, porém sempre a festa do Divino teve uma maior potência que as outras.

05. Que mudanças ocorreram na festa do Divino Espírito Santo, aqui no distrito ao longo do tempo? Como era antigamente? Você acha que essas modificações interferiram na permanência do rito?

R: Sim, houve muitas mudanças, a festa antigamente acontecia sexta, sábado e domingo. As missas eram celebradas no domingo às 15:00 horas no sol bem forte, mas apesar do calor não era problema para ninguém pelo contrário as pessoas vinham de toda a região, hoje acontece na quinta, sexta e sábado e eu acho que devido ter mudado para o meio da semana impossibilita que as pessoas venham participar, mesmo porque muitas dessas pessoas trabalham e tem dificuldade com o deslocamento, a festa do Divino é uma festa que as pessoas vem pela tradição que ela tem, mas devido mudanças nas datas e horários eu acho que ficou mais ruim para participação de toda região, e com isso eu acho que perdeu a essência, outra coisa que mudou foi o famoso cafezinho que eram servido pelos festeiros, hoje fazem quermesses que arrecadam dinheiro para comunidade, mas aquele famoso

cafezinho, aquela farofinha que serviam antigamente ficou na história, deixou muitas saudades.

06. Qual a importância dos tocadores na festa do Divino?

R: Os tocadores são importantes porque eles animam a festa, onde há som há alegria, onde há música há diversão então eles fazem a animação da festa para que nós (foliões) consigamos dançar com mais alegria, harmonia e intensidade. Eles são extremamente importantes para festa tanto que na própria música da folia fala da importância dos gritos, das danças e das músicas então são extremamente importantes sem a folia não haveria alegria durante a festa e sem os tocadores e os instrumentos não conseguiríamos fazer a folia.

07. Você sabe como esta festa chegou até aqui no distrito de Guaicuí-MG?

R: Não.

08. Houve mudança na dança da folia do Divino?

R: Houve algumas mudança na dança sim, foi inserida outras danças com novos ritmos como o catopés na folia e também acho que houve um alegramentos mais nas músicas da folia alguns ritmos que alegrou mais, porque a folia é o ápice da festa as pessoas vem e querem ver a folia, a folia antigamente era cantada e dançada só no dia do levantamento da bandeira hoje praticamente a gente dança durante todo o período festivo porque as pessoas e os visitantes que estão aqui eles vem para ver a folia é um marco no nosso distrito um momento muito importante para nós Guaicuienses.

09. A dança hoje é tão bem vista como antigamente?

R: Sim, ela é muito bem vista eu acho que hoje ela tem muito mais força até do que do passado, eu ainda me lembro que quando a gente dançava a alguns anos atrás usávamos a saia vermelha e a blusa branca, hoje seguem as mesma cores, porém usamos saias e blusas mais curtas e a gente usa também o chapéu com fitas que dão mais glamour a festa, existe o sapateado que antigamente não tinha tanto e depois fortaleceu com o catopés. Então com certeza a dança hoje ganhou uma potência muito maior, não tem nem como discutir.

10. Quais são os requisitos básicos para se tornar um participante efetivo da festa? Quais são os requisitos?

R: Acredito que para se tornar a pessoa deve se escrever no grêmio, ou seja, se tornar sócio pagando uma quantia risória anual de 20,00R\$ para se tornar associado podendo assim participar do sorteio para que você possa ser mordomo, procurador das joias, ou até mesmo o festeiro que é o que muitos desejam ser.

11. Qualquer pessoa pode fazer parte da festa do Divino?

R: Sim, você sendo da comunidade, sendo católico praticante e conhecendo a importância da festa. O que é mais legal nesta festa é a passagem da cultura que transmitida de geração em geração, eu por exemplo, sou filha de gremista (devotos)

e a gente vai passando por gerações geralmente hoje o meu filho de 17 anos dança a folia e devido motivos de força maior não participei da dança nestes últimos dois anos, mas estou me preparando fisicamente para volta se Deus quiser no próximo ano de vento em polpa.

12. Como é você está neste corpo que dança?

R: É algo meio que imensurável de dizer é uma sensação tão boa, um alívio tão grande é uma libertação de todos os males que tem na gente. A gente se senti feliz de mais de ver toda a comunidade esperando que a gente faça aquela apresentação e de alma lavada, a gente se entrega na dança de corpo e alma é uma coisa expendida como se fossemos dançarinos profissionais, cada suor, cada grito, cada dança estimula ainda mais a vontade de dançar. Eu sou do tipo de folião que canto, danço, sapateio eu vivo! Eu encarno na dança, na festa. Então para ser folião além de tudo (eu chego me arrepio na hora que eu falo) é uma entrega de corpo e alma, o mais engraçado é que eu quando não posso dança e vejo outros foliões dançando bate um ciúmes tão grande que dá vontade de parar a dança e entrar no meio da performance, e mesmo sem poder está lá no meio de meus companheiros (as) eu fico no meu cantinho cantando, dançando e gritando porque é uma emoção que não dá para explicar.

13. Então como é está neste corpo que canta? Quais são as emoções?

R: São muitas veracidade de emoções, pois o tanto que a gente canta, a gente dança, a gente pula. Eu falo que a dança da folia o que mais cansa a gente é os pulinhos, mas eu canto com devoção eu grito, eu acho que folião tem que ser de corpo e alma ele tem que cantar, ele tem que dançar, ele tem que gritar e ele tem que saudar a comunidade, então assim o corpo que canta, é o mesmo que dança, é o mesmo que sapateia.

14. Qual é a importância das roupas e dos acessórios durante a dança?

R: As roupas destacam e realçam o grupo dando mais vivacidade a dança, os sapatos e sapatilhas foram uma escolha nossa do próprio grupo, pois acreditamos que fica mais leve o corpo na dança, além de que estes calçados ajudam na hora do sapateado, pois ao sentir o chão a alma fica reacendida dando mais animação e emoção para juntos sapatearmos no ritmo da música que é acompanhada pelo toque dos instrumentos (Margaret Assis, 2020).

15. Qual é a função do folião na festa do Divino?

R: ele tem a importância de levar a tradição com orgulho e muito respeito, a dança do Divino também foi dançada em outras festividades de outros santos inclusive com o objetivo de levar alegria e divertimentos para todos. Quando falamos em festa do Divino de Guaicuí, todo mundo já começa a perguntar a folia vai dançar? Então isso

para a gente é um orgulho poder levantar essa bandeira e bater forte no peito exclamando eu tenho orgulho em ser folião. Sou muito agradecida a Dilza Lopes de Oliveira, pois ela levanta essa bandeira com muita garra e amor, desde que eu me entendo por gente sempre vi a luta dela com a folia e com a festa para não deixar morrer, somos muito agradecidos ao papel que ela exerce na comunidade, graças a ela o rito permanecer vivo e forte! Eu morei em Belo Horizontes por muito anos e eu fazia questão de todos os anos vim na festa do Divino, chegava cinco, seis antes para ensaiar para dançar, então assim essa dança vem passando por muitas gerações e eu acho que deveríamos fazer uma folia do Divino dos mais velhos porque eu danço desde os meus 14 anos e percebo que não tenho o mesmo preparo físico de alguns anos atrás, então vejo que tenho que dançar com o pessoal da minha idade ou próximo a ela, porque não consigo futuramente eu acredito, acompanhar os novos.

16. Na sua opinião a folia tem um papel importante durante a festa?

R: sim, com certeza o Espírito Santo vem com o pentecostes é quando a gente ver que Deus está descendo alguns dias após a páscoa para mostrar que ele está vivo entre nós, então quando a gente expressa alegria, expressa felicidade e expressa o corpo a gente está mostrando que o espírito Santo está no meio de nós, então com certeza a folia tem um papel muito importante na realização da festa.